



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ-UNIFAP  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



LUIZ EDEVALDO MIRANDA DE MELO

**PAISAGEM: ABORDAGEM DO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTALII**

MACAPÁ - AP

2022

LUIZ EDEVALDO MIRANDA DE MELO

**PAISAGEM: ABORDAGEM DO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, como parte dos requisitos necessários para a obtenção de título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Paisagens e Dinâmicas Ambientais

Orientador: Prof. Dr. José Mauro Palhares

MACAPÁ - AP

2022

LUIZ EDEVALDO MIRANDA DE MELO

**PAISAGEM: ABORDAGEM DO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, como parte dos requisitos necessários para a obtenção de título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Paisagens e Dinâmicas Ambientais

Orientador: Prof. Dr. José Mauro Palhares.

Data da avaliação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. José Mauro Palhares  
Orientador – UNIFAP

---

Prof. Dr. Prof. Dr. Edson Vicente da Silva  
Membro Externo – UFC

---

Prof. Dr. Francisco Otávio Landim Neto  
Membro Interno – UNIFAP

MACAPÁ - AP

2022

Aos meus pais e irmã (*in memoriam*) que no decorrer dessa empreitada me fortaleceram com palavras simples, mas carregadas de convicções.

À minha esposa, que em todos os momentos foi meu suporte.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que, pela minha fé, abriu as portas para a realização de um sonho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Mauro Palhares, que através do seu incentivo me fez acreditar que tudo iria dar certo, me possibilitando perseverar e vencer os desafios.

À minha esposa, que em todos os momentos foi meu suporte, meu sustentáculo, a quem eu tenho muita admiração e um amor infinito.

À minha família, com um carinho em especial aos meus pais (*in memoriam*), que em sua simplicidade e carinho, consideravam que a educação era um direito e usaram de todos os esforços para essa vitória, que é uma realização deles também.

Ao meu filho, meu amigo. Agradeço pela compreensão, dedicação e incentivo.

Aos amigos que estiveram do meu lado, dando força e incentivo, nos momentos mais difíceis, para a finalização desta pesquisa: as amigas Fabiana e Helena, a quem eu confidenciei muitas vezes minhas angústias e preocupações.

Um agradecimento especial à minha amiga Eliane Pires, amizade que se iniciou há bastante tempo, e que sempre me ajuda em atividades diversas.

Minha gratidão por toda ajuda durante as disciplinas estudadas e na realização deste trabalho.

Aos meus colegas de Mestrado pelo companheirismo, amizade, conversas e conselhos durante esse processo.

Enfim, meu agradecimento a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento.

## RESUMO

O conceito de paisagem na historiografia da Geografia é tentar fazer uma ponte entre seu sentido e a percepção do ambiente que nos cerca, compreendê-lo em sua evolução histórica, como ele foi entendido e aplicado e sua importância, como objeto na explicação e compreensão da relação entre a sociedade e a natureza. O modo como a paisagem foi apreendida e ensinada dentro da Geografia principalmente no cenário nacional, exerce uma forte influência no modo como lidamos com nosso meio ambiente e como enfrentamos nossos desafios impostos à sociedade, em todas suas dimensões. A construção de uma consciência, de respeito, de solidariedade, está diretamente ligada à maneira como a paisagem foi e é ensinada. Nesse sentido, este estudo objetiva analisar como o conceito de paisagem está sendo abordado no Ensino de Geografia, nos anos iniciais do Ensino Fundamental II, bem como identificar a evolução do conceito de paisagem dentro do conhecimento geográfico, além de identificar de que forma a paisagem é abordada nos livros didáticos, para então discutir e identificar como livros e professores abordam o tema, assim como quais demandas são impostas ao conceito de paisagem. Para tanto, foi utilizado, como coleta de dados, as pesquisas bibliográficas, estudo de caso, a partir dos conteúdos levantados no Referencial Teórico sobre a importância, os desafios e a legitimação da identidade da ciência geográfica no momento atual. A partir da análise de dados, pode-se perceber a importância de ouvir os professores para entender como é operacionalizado o conceito da paisagem para a reflexão, observação e compreensão da complexidade da realidade, e como sua prática contribui na formação do aluno. Enfim, os resultados esperados foram: identificar se o educando está conseguindo dar sentido e significado, através do estudo da paisagem, para aspectos que compõem a sua realidade vivida e vivenciada; se as metodologias identificadas estão contribuindo para a formação total do aluno, objeto central do Ensino de Geografia.

**Palavras-chave:** Ensino da Geografia; conhecimento geográfico; complexidade.

## ABSTRACT

The concept of landscape in the historiography of Geography is to try to bridge its meaning and the perception of the environment that surrounds us, understand it in its historical evolution, how it was understood and applied and its importance, as an object in the explanation and understanding of the relationship between society and nature. The way the landscape has been seized and taught within Geography mainly on the national scene exerts a strong influence on how we deal with our environment and how we face our challenges imposed on society, in all its dimensions. The construction of a consciousness, of respect, of solidarity, is directly linked to the way the landscape was and is taught. In this sense, this study aims to analyze how the concept of landscape is being approached in Geography Teaching, in the early years of elementary school II, as well as to identify the evolution of the concept of landscape within geographic knowledge, in addition to identifying how the landscape is approached in textbooks, and then discuss and identify how books and teachers approach the theme, as well as, what demands are imposed on the concept of landscape. For this, bibliographic research, case study, was used as data collection, based on the contents raised in the Theoretical Framework on the importance, challenges, and legitimation of the identity of geographic science at the present time. From data analysis, one can perceive the importance of listening to teachers to understand how the concept of the landscape is operationalized for reflection, observation and understanding of the complexity of reality, and how its practice contributes to the student's education. Finally, the expected results are: identify whether the student is managing to give meaning and meaning, through the study of the landscape, for aspects that make up his lived and experienced reality; whether the methodologies identified are contributing to the total formation of the student, the main object of Geography Teaching.

**Keywords:** Geography Teaching; geographic knowledge; intricacy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do estado do Amapá.....	41
Figura 2: Mapa da vegetação predominante do Estado do Amapá. ....	42
Figura 3. Mapa de paisagens naturais do Estado do Amapá. ....	43
Figura 4. Mapa de uso e cobertura da terra. ....	45
Figura 5. Escola Estadual José do Patrocínio/Macapá. ....	46
Figura 6. Escola Angélica Ribeiro Aranha/Mazagão. ....	49
Figura 7. Escola Estadual Reialina Ferreira Tomás/Tartarugalzinho. ....	51
Figura 8. Escola Estadual Professora Maria Esmeralda Martins Moura/Amapá. ....	52
Figura 9. Escola Estadual Lourimar Simões Paes/Cutias do Araguari.....	54
Figura 10. Escola estadual Maria Ferreira Alves/Ferreira Gomes ....	55
Figura 11. Escola Joaquim Nabuco no município de Oiapoque.....	57
Figura 12. Capa dos livros utilizados como fonte da pesquisa.....	73
Figura 13. Capa do livro Expedições geográficas ....	74
Figura 14. Livro Geografia Espaço e Interação.....	78
Figura 15. Livro Geografia Território e Sociedade ....	80
Figura 16. Livro Geografia geral e do Brasil.....	82
Figura 17. Tempo de Geografia.....	84
Figura 18. Mapa da vegetação do Estado do Amapá. ....	114
Figura 19. Áreas especiais do Estado do Amapá.....	118
Figura 20. Áreas de unidades de conservação do Estado do Amapá. ....	121
Figura 21. Paisagem de embarcação pesqueira. ....	123
Figura 22. Paisagens ribeirinhas no Rio Oiapoque.....	126
Figura 23. Paisagens urbanas dos municípios de Macapá e Santana ....	129
Figura 24. Vista parcial do porto de Santana.....	131

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil dos professores entrevistados. ....	93
--	----

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

SEED – Secretaria de Estado de Educação do Amapá

IEPA - Instituto Estadual de Pesquisa do Amapá

PPP – Projeto Político Pedagógico

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

UE – Unidade de Ensino

CEE – Conselho Estadual de Educação do Amapá

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LD – Livro Didático ou Livros Didáticos

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

EF – Ensino Fundamental

LDBE – Lei de Diretrizes da Educação Básica

P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 – Professores

SEMA – Secretaria de Estado do Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNE – Plano Nacional de Educação

ANPEGE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>17</b>
2.1 PAISAGEM E GEOGRAFIA .....	17
2.2 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA.....	29
2.3 AS ABORDAGENS DA CATEGORIA PAISAGEM .....	32
2.4 O CONCEITO DE PAISAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL .....	35
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>39</b>
3.1 DESCRIÇÃO GERAL DA PESQUISA .....	39
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO .....	39
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS .....	40
<b>4 ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO AMAPÁ: FOCO DA PESQUISA</b> .....	<b>41</b>
4.1 CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS PESQUISADAS.....	44
4.2 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES DAS ESCOLAS PESQUISADAS.....	59
<b>5. A PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS E O PLANEJAMENTO DOS PROFESSORES</b> .....	<b>60</b>
5.1 A PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	60
5.2 O PLANEJAMENTO DOS PROFESSORES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	63
5.3 ANÁLISE DAS COLEÇÕES ADOTADAS PELAS ESCOLAS PESQUISADAS .....	66
<b>5.3.1 O livro didático como ferramenta de ensino</b> .....	<b>67</b>
<b>5.3.2 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)</b> .....	<b>68</b>
<b>5.3.3 Análise das coleções selecionadas</b> .....	<b>73</b>
5.3.3.1 Livro Expedições Geográficas.....	74
<b>5.3.4 A Definição do conceito de Paisagem na Visão dos Educadores e Uso do Livro Didático</b> .....	<b>86</b>
5.3.4.1 O Livro Didático.....	87
5.3.4.2 A Concepção de paisagem para os professores .....	89
5.4 SUGESTÃO DIDÁTICA E PRÁTICAS PARA SE TRABALHAR A PAISAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II .....	94
<b>6 PROPOSTAS PARA O ENSINO DA PAISAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL</b>	<b>108</b>
6.1 OS COMPONENTES GEOAMBIENTAIS DAS PAISAGENS.....	108

6.2 AS PAISAGENS NATURAIS DO AMAPÁ: BIOMAS E ECOSSISTEMAS, FLORESTA ÚMIDA, CERRADO/LAVRADO, SERRAS, CAMPOS, MANGUEZAIS/LITORAL.....	113
6.3 AS PAISAGENS CULTURAIS DO AMAPÁ: INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, EXTRATIVISMO VEGETAL, PESCA/LITORAL/ILHAS (BAILIQUE/MARAJÓ), RIBEIRINHAS, SILVO-INDUSTRIAL (LARANJAL), URBANA/COMERCIAL/RESIDENCIAL (MACAPÁ), URBANA/PORTUÁRIA (SANTANA), URBANO/HIDROELÉTRICAS (FERREIRA GOMES) DE URBANO/FRONTEIRAS (OIAPOQUE).....	118
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>142</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, a sociedade busca um conhecimento que lhe possibilite tomar decisões conscientes nos desafios do cotidiano. Nesse sentido, a Geografia escolar contribui para o exercício da cidadania por meio de uma formação social e política, tendo como suporte para a construção do conhecimento, a experiência e valorização das práticas dos alunos. Nesse processo, os professores são fundamentais, pois as escolhas de conteúdo nos livros didáticos, próximos à realidade do aluno, somados à sua postura responsável e criativa, influenciam no desenvolvimento de sua personalidade, contribuindo para que os alunos desenvolvam competências que os capacitem a ressignificar seus conceitos, atribuindo sentidos e significados para as relações que se estabelecem no dia a dia.

Para Santos (2012), o conhecimento geográfico construído no ambiente escolar não pode apenas descrever fatos e aspectos da realidade do educando, pois a sociedade na qual se encontra inserido, sofre mudanças constantes. Dessa forma, a compreensão do espaço, demanda por “uma capacidade de observar, conhecer, explicar, comparar e representar tanto as características do lugar em que vive, assim como, suas diferentes paisagens”(SANTOS,2012,p.66).

Cavalcanti (2016) e Trindade et al. (2017) afirmam que a ciência geográfica necessita incorporar em suas propostas teóricas e metodológicas, estratégias pedagógicas que possibilitem uma formação social contextualizada, a partir da qual, o educando, em seus anos iniciais, possa ter suas experiências e práticas, valorizadas e utilizadas, na construção de um saber que possibilite uma compreensão do espaço de vivência, possibilitando-o conhecer, comparar e identificar as diferenças do lugar em que está inserido.

Como bem nos asseguram Camargo e Daros (2018), uma aprendizagem significativa, demanda por um processo de ensino que considere algumas especificidades. Neste contexto, fica claro que a aprendizagem se efetiva quando existe uma conexão entre os saberes e experiências dos alunos, com situações de seu cotidiano. Contudo, o mais preocupante, é constatar que embora essa prática seja enriquecedora, não seria exagero afirmar que, ainda prevalece o processo de ensino fragmentado, sem relevância e estímulo, ao educando.

Puntel (2006,p. 289) afirma que com o objetivo de tornar significativa a paisagem no ensino e na aprendizagem da Geografia, surge a necessidade de retomar esse conceito com mais intensidade. Esse, por sua vez, se bem conduzido, contribui para uma reflexão e para um

entendimento da complexidade da relação entre sociedade e natureza, objeto central de estudo da Geografia.

Para Santos,

Ensinar geografia é possibilitar que o educando compreenda qual é a sua posição nas relações da sociedade com a natureza, conscientizando-o de que suas ações em relação à natureza tem consequências para ele e para toda a sociedade onde vive, e para isso é fundamental, desenvolver no estudante as competências para compreender as diferentes relações existentes na construção do espaço geográfico e, assim perceber a importância da solidariedade, da cidadania e o seu papel na transformação dessas relações (SANTOS, 2012, p. 66).

De acordo com Cavalcanti (2016), a Geografia em seu processo de instituição enquanto ciência, objetiva a reflexão sobre o espaço geográfico. Nesse sentido, a geografia possibilita, utilizando suas categorias de análise, a interpretação e compreensão das implicações da ação da sociedade sobre a natureza. Assim sendo, a Geografia, para ser relevante e significativa no processo de ensino, precisa ser analítica e não apenas descritiva. Outrossim, a Geografia enquanto ciência ou pensamento geográfico, contribui para o entendimento histórico da relação entre sociedade e natureza em suas múltiplas dimensões.

Conforme Stefanello (2008), pode-se dizer que no período tradicional da geografia os fundamentos da pesquisa geográfica estavam baseados na observação e descrição. Neste contexto, fica claro que haviam muitas limitações para o entendimento da dinâmica da relação sociedade/natureza. O mais preocupante, contudo, é constatar que embora tenha havido um avanço epistemológico da ciência geográfica, é possível afirmar que muitos professores na atualidade, ainda estão presos nessa abordagem para o ensino de geografia.

Sabe-se que, no processo de construção da ciência geográfica, a Geografia abordou o estudo do espaço geográfico de diferentes maneiras. Neste contexto, para Andrade (1992) fica claro que as ideias de Humboldt, em sua abordagem, enfatizavam a grande preocupação com o estabelecimento de generalizações que explicassem o mundo em que vivia, relacionando a sociedade, enquanto população, categoria social e meio ambiente. Ritter, por sua vez, procurou explicar a dinâmica da sociedade, como resultante da relação entre povo e meio natural, a partir da descrição da sociedade.

Assim sendo, o presente trabalho objetiva analisar a categoria paisagem e sua abordagem no processo de ensino e nos livros didáticos de 6º ano do ensino fundamental II. Tal discussão é necessária num contexto em que a superação de práticas tradicionais, que permeiam a prática docente e, conseqüentemente, implicam na formação social, cultural e política do educando, acabam materializando-se em um ensino desprovido de criticidade, com ausência de interface com a realidade do educando, além de ser a-histórico, reprodutivo e

desmotivador. Portanto, é necessário possibilitar ao aluno o desenvolvimento de uma consciência sobre o espaço geográfico por meio de um ensino reflexivo, garantindo-lhe uma aprendizagem significativa.

Quando a escola assume a responsabilidade de formação plena do educando, ela está tomando para si a incumbência de uma formação dentro de parâmetros da cidadania. Nesse contexto, o ensino de geografia possibilita alcançar essa meta, pois seus procedimentos vão ao encontro da formação de princípios e valores solidários. É preciso ter clareza de que ao ensinar aspectos geográficos na perspectiva da paisagem, o professor, que é o mediador desse processo, tem a compreensibilidade de estar tratando de assuntos pertinentes ao educando, e de que este é sujeito ou objeto da construção de seu espaço. Além disso, é importante apresentar o conceito de paisagem para as crianças do 6º ano do ensino fundamental, pois sua relevância mostra-se relacionada ao esforço na construção consciente de um espaço geográfico mais ético, solidário e mais humano, além de considerar a abordagem e o enfoque dos autores do livro didático.

O trabalho empírico foi realizado em sete escolas do ensino fundamental. Localizadas em diferentes municípios do estado do Amapá, buscou-se apresentar diferentes propostas de professores e livros didáticos que se enquadram nessa pesquisa., sendo que as mesmas são escolas públicas estaduais, localizadas na sede dos municípios.

Inicialmente, foi realizado um levantamento de bibliografias que tratam da categoria paisagem e como essa categoria foi abordada e aplicada por diferentes teóricos em diversos momentos da construção da ciência geográfica, para a compreensão e entendimento do espaço geográfico.

A pesquisa foi realizada nos municípios de Macapá, Mazagão, Ferreira Gomes, Tartarugalzinho, Cutias do Araguari, Amapá e Oiapoque. A partir de levantamento junto à Secretaria de Estado de Educação, constatou-se que em cada município há uma escola que oferece o ensino fundamental e que em cada escola há um professor que ministra aula para esse nível de ensino, totalizando 07(sete) professores. Todos se prontificaram a participar das entrevistas, as quais ocorreram nas dependências da escola em dias previamente, e de comum acordo, estabelecidos.

Buscando o modo de presença dos conteúdos sobre a categoria paisagem no discurso dos Livros didáticos destinados ao 6º ano das séries iniciais do ensino fundamental II, bem como, as orientações indicadas aos(às) professores(as), foram observados e analisados 07(sete) livros, pois apenas o volume do 6º ano, foi proposto e analisado. Para análise de cada volume e identificação do conceito de paisagem, seguiu-se a sequência de proposições ou

sugestões contidas nos tópicos e capítulos: como a concepção de paisagem é abordada pelos autores; verificar se a paisagem aparece como um conteúdo específico ou é recorrente em todo o Livro

Didático; observar se existe alguma sugestão de atividade prática em relação ao conceito paisagem; se o autor do livro sugere um método para o professor trabalhar com esse conceito.

Em função de tentar identificar a partir das observações e práticas, as alterações decorrentes das dinâmicas refletidas nas espacialidades e temporalidades das paisagens, ou seja, o ponto de vista do pesquisado, optou-se pela pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas e conversas com sete professores, para um maior aprofundamento das informações necessárias.

Conforme Marafon (2013, p. 25) "A Pesquisa qualitativa tem como identidade o reconhecimento da existência de uma relação entre o mundo real e o sujeito, [...] constituindo um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas". De forma que fica evidente que esse tipo de pesquisa valoriza os relatos, e a partir do mesmo, é possível entender a complexidade da situação.

De acordo com Santos & Candelero (2006, p. 75),

O acadêmico pode se valer de um pequeno gravador para registrar a íntegra das respostas às questões formuladas na entrevista semiestruturada, para que ao final, possa, sem apelo forçado de memória, reconstituir a fala dos seus entrevistados. Não se pode perder de vista que há limitações na aplicação da entrevista semiestruturada e que a mesma pode implicar custos para o acadêmico, na medida em que é preciso se deslocar para coletar os dados, compra de material de gravação e fotocópia do roteiro da entrevista. Sem falar no tempo despendido para ouvi-las e transcrevê-las.

Todos os procedimentos de coleta de dados estruturados em entrevista foram previamente planejados, objetivando conseguir mais fidelidade à realidade da temática tratada, para tanto foi realizado um contato prévio, para estabelecer as melhores condições, no sentido de tempo e espaço, que possibilitassem ao professor discorrer sobre os questionamentos propostos. Todos os dados e informações foram captados e registrados em gravador de voz, com a prévia permissão dos entrevistados. O tempo de cada entrevista durou em média de 40 a 50 minutos, com pequenos intervalos, em virtude do excesso de calor. A identidade dos professores que omitiram suas opiniões concretas a respeito do assunto tratado para serem preservadas passaram a ser identificados por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7.

Todo o processo das entrevistas transcorreu com as partes trocando informações antecipadamente, foi garantido o sigilo das respostas assegurando ao acervo seguridade. Além disso, foi acordado que os entrevistados poderiam negar-se a participar, assim como, de

inserir suas afirmações em qualquer etapa da entrevista. Também foi acordado que os entrevistados receberiam uma devolutiva, ou seja, os resultados dos estudos do qual participaram, tendo em vista que isto se constitui em uma condição ética.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 PAISAGEM E GEOGRAFIA

A paisagem é uma categoria geográfica que proporciona compreender e interpretar o espaço geográfico em um dado momento do processo, pois permite identificar diferenças temporais em sua estrutura, além disso, expressa a interação da multidimensionalidade de aspectos que compõem a realidade.

Pode-se dizer que paisagem é a diversidade de estruturas que podemos perceber de um dado lugar. Nesse contexto, para Buitoni (2010, p.76), fica claro que a paisagem possibilita entender a dinâmica da sociedade. No entanto, o mais preocupante é constatar que a paisagem não expressa somente a dimensão ecológica da natureza.

É interessante enfatizar que a paisagem esteve presente em todo o processo de construção da ciência geográfica, e, por conseguinte, ela permite a compreensão, a reflexão e a interpretação das diferentes temporalidades manifestas no espaço. Mesmo assim, parece não haver razão para que o estudo da paisagem seja inserido nas propostas curriculares. Dessa forma, surge a necessidade de se dar mais ênfase na utilização desse conceito, para que haja uma melhor compreensão sobre as implicações da globalização na configuração espacial das paisagens.

Segundo Castrogiovanni (2019, p. 97), a paisagem estuda a dinâmica dos homens em sociedade e sua relação com a natureza, além disso possibilita identificar os diferentes modos de produzir em diferentes contextos históricos. Entretanto, na perspectiva da paisagem, é possível identificar que as necessidades humanas impuseram sérios danos ao meio ambiente.

Conforme Carlos e Cruz (2019, p.229) “a escola alemã propôs a paisagem como conceito científico e utilizou como método para descrever conjuntos de fatores naturais e humanos que compõem a unidade da paisagem”. Assim sendo, “a paisagem revela a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço é construído ao longo da vida das pessoas” (CALLAI, 2000, p.96).

Conforme citado, a análise do espaço geográfico tem como fundamento a análise descritiva da paisagem, a qual considera os diferentes aspectos e elementos, atuando de forma dissociada na configuração, desconsiderando a intervenção humana como transformadora da natureza.

O conceito de paisagem teve papel fundamental no decorrer do processo de construção e consolidação da ciência geográfica, pois contribui para a identificação de como as pessoas vivem e produzem em diferentes contextos históricos. Além disso, possibilita a reflexão sobre a construção de valores e princípios no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, não há dúvidas de que a paisagem tem papel fundamental na compreensão da diversidade de aspectos que interagem no cotidiano das pessoas, sejam eles culturais, sociais, ambientais, econômicos, entre outros.

A relação que os seres humanos estabelecem entre si reflete as intencionalidades que estão ligadas à satisfação das necessidades, pois dependendo do grau de evolução das forças produtivas, a pressão imposta à natureza produz uma configuração paisagística com diferentes feições. Dessa forma, além de mostrar como as pessoas vivem, a paisagem possibilita identificar a sobreposição de temporalidades expressas em estruturas arquitetônicas que são marcas do progresso da ciência e da técnica.

Fica evidente que a inserção do conceito de paisagem nas bases curriculares proporciona uma aprendizagem significativa a partir da valorização das experiências cotidianas dos educandos. Além do mais, torna-se importante para que haja ressignificação de conceitos e para que o conhecimento produzido em bases coletivas na escola possa ser reflexo da realidade dos sujeitos sociais.

Conforme apontam Carlos e Cruz (2019, p. 164),

A paisagem possibilita identificar interesses dos diversos sujeitos sociais, que interagem na configuração paisagísticas, tal fato, determina que a paisagem seja interpretada, em função dessas percepções, que ultrapassam os elementos materiais visualizados influenciando na subjetividade das pessoas, pois os resultados dessas ações estão impressos na paisagem.

Logo, conhecer uma paisagem é reconhecer seus elementos sociais, culturais, naturais e a interação existente entre eles; é também compreender como ela está em permanente processo de transformação e como contém múltiplos espaços e tempos.

Pode-se dizer que a paisagem é um instrumento de análise que proporciona uma reflexão sobre a dinâmica da sociedade, pois possibilita refletir de forma analítica as interfaces entre as diferentes dimensões que compõem a realidade. Contrastando com o exposto, entende-se que a paisagem não é estática em sua estrutura.

A compreensão geográfica das paisagens refere-se à construção de imagens vivas dos lugares que passam a fazer parte do universo de conhecimento dos alunos, tornando-se parte de sua cultura.

As práticas produtivas e as relações sociais estão inseridas nas paisagens e representam comportamentos e atitudes da sociedade em sua relação com a natureza, quando analisadas numa perspectiva histórica. Nesse processo, o ser humano, numa relação dialética, transforma não somente a natureza, mas a si mesmo na busca pela sobrevivência e satisfação de suas necessidades materiais.

Carvalho, Cavicchioli e Cunha(2010, p.335) elucidam que no momento a intensão não deve ser tentar entender a paisagem como uma categoria de análise da geografia, “mas apresentar elementos para pensar a paisagem dentro de uma Geografia única que integra os dois grandes campos de ação: o físico e o humano”.

O espaço geográfico é construído pela sociedade ao longo da vida das pessoas e passa por um processo constante de transformação. Diante disso, ter uma postura reflexiva e criativa a partir da paisagem e diante dos desafios que estão por vir, demanda uma visão da totalidade dos aspectos que determinam os fatos. Para tanto, é necessário ter uma postura analítica dos processos, superando o dualismo que a ciência geográfica desenvolveu desde sua constituição enquanto conhecimento sistematizado, com seu objeto, hipótese e epistemologia próprios.

Carlos e Cruz (2019, p.229) explicam que,

Os estudos sobre paisagem ampliaram-se ao longo do tempo analisando criticamente suas oposições, tais como natureza/cultura, país/paisagem, tempo/espaço, ciência/estética e assim por diante. Essas oposições são fundantes da dicotomia ciência natureza e ciência humana. No entanto, entendemos que a paisagem, em si, é a quebra dessas oposições e dicotomias na medida em que contém tempo e espaço, natureza e cultura, ciência e estética.

Diante do exposto, fica evidente que a paisagem, enquanto categoria de análise do espaço geográfico, possui um arcabouço teórico-metodológico capaz de investigar a dinâmica do espaço e identificar os elementos que compõem as interfaces da complexidade do visível. Sendo assim, a importância de seu enfoque nos anos iniciais se dá em função da construção de valores, princípios e regras que contribuem para a formação cidadã. Além de atender as novas demandas da sociedade contemporânea diante das transformações mais aceleradas, a fim de colaborar na construção de um perfil cidadão capaz de desenvolver habilidades no mundo atual.

Para Santos (1991,p.64) “cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas”. Nesse sentido, a interpretação da paisagem, acompanhando a dinâmica das formas e estruturas que a compõem, demanda de novos aportes conceituais para interpretar as novas funcionalidades.

A escola, enquanto espaço de produção de conhecimento, tem a responsabilidade de inovar em estratégias que possibilitem a ressignificação de conceitos, a fim de proporcionar ao educando uma formação autônoma, capacitando-o a refletir sobre a realidade do seu entorno, articulando-a a uma sociedade globalizada.

Pontuschka e Oliveira (2006, p. 222-223) afirmam que para os novos desafios

É preciso haver uma mudança metodológica que altere a relação professor–aluno, relação esta que, via de regra, continua fria, distante e burocrática. É preciso haver, portanto, uma postura renovada de maior diálogo, não só entre professor e aluno, mas com o próprio conhecimento. [...]É preciso também uma outra conduta epistemológica, que renove a base na qual se assenta o conhecimento geográfico.

As transformações no mundo do trabalho, impulsionadas pela inserção da ciência no processo produtivo, inseriram novas variáveis na estrutura da paisagem. Por isso, é preciso novas teorias para interpretar a lógica das espacialidades construídas coletivamente, e com isso proporcionar um maior entendimento das relações locais em sua articulação com outras escalas, tanto nacional quanto global.

A paisagem como a sociedade que a produz é dinâmica e a escola, enquanto espaço de diálogo e reflexão, ressignifica os conceitos prévios a partir de sua realidade e práticas sociais.

Com efeito, interpretar a paisagem é um exercício de reflexão sobre como a paisagem é abordada no decorrer do tempo histórico. “Em Vidal de La Blache a paisagem é a permanência. Em Reclus é o fluir material do tempo. Em Brunhes, o cartográfico. Em George é a existência. Em Tricart é a escala. E em Hartshorne é a significância”(MOREIRA,2008,p.165). Desse modo, a percepção da paisagem reflete a inserção política e cultural de quem a aborda, assim sendo dois sujeitos concebem a mesma paisagem, mas a observam a partir de seus valores e princípios.

Alexandre von Humboldt e Karl Ritter são considerados os fundadores da moderna geografia. A obra desses dois estudiosos alemães, respondia ao desafio da sociedade europeia em que viviam. Segundo Gomes (1996), enquanto fundadores da geografia moderna, esses dois autores legaram à posteridade geográfica procedimentos que repercutem a dualidade fundadora, ou seja, o racionalismo e o romantismo, que depois será, contudo, vivida de outra forma.

Para Humboldt, a paisagem era o resultado da interação de vários fenômenos e das investigações dos fenômenos realizados em escala regional, continental ou mundial, ou seja, ele comparava sistematicamente as paisagens (os fenômenos) da área estudada com outras áreas da superfície terrestre. Já a Geografia de Ritter é direcionada, principalmente, para o

estudo dos lugares. Sua proposta é considerada antropocêntrica (o homem é o sujeito da natureza) e regional, direcionada para o estudo da individualidade, valorizando a relação homem-natureza.

A importância da Geografia na formação cidadã do aluno, deriva da significação que ocorre a partir da reflexão e compreensão dos diferentes aspectos do espaço geográfico. É quando a relação entre o ensino da escola e o dia a dia do aluno, de fato acontece. Nesse sentido, o educador assume função relevante ao influenciar o aluno na construção de sua história, pois as atitudes do educador, seu modo de agir e pensar, além de seus conhecimentos, em função da carga ideológica que essas qualidades possuem, influenciam seus alunos consciente e inconscientemente. Portanto, cabe ao educador proporcionar situações didáticas de construção e desconstrução de conceitos sobre o espaço geográfico, espaço de vivência no qual o aluno, enquanto sujeito, ajuda a construir.

Para Cavalcanti (1998), o ensino e a aprendizagem da Geografia devem ser referendados pelas vivências dos alunos. Dessa forma, a Geografia como conteúdo curricular escolar, por meio de conteúdos curriculares, possibilita a interligação da escola com a vida, considerando que a aprendizagem escolar pode ser a forma de permitir que a criança se reconheça como sujeito de sua vida, de sua história.

As transformações no mundo foram geradas por diferentes processos, entre os quais temos, a globalização, que determinou novas demandas conceituais para interpretação, compreensão e conhecimento do espaço geográfico. À vista disso, a Geografia, por tratar da análise das relações que se estabelecem entre as diferentes regiões do planeta não poderia ficar de fora. De acordo com Cavalcanti (1996), o ensino de Geografia deve promover uma instrumentalização conceitual que proporcione aos alunos uma apreensão articulada das redes espaciais múltiplas. Para isso, é preciso considerar as representações sociais de alunos e professores, bem como colocar seus conhecimentos cotidianos em confronto com os conceitos geográficos.

Freire e Frei Betto (1998, p. 73) dizem, com muita sensatez, que

É fundamental respeitar o princípio de que o processo educativo é um processo coletivo, no qual o educador tem uma parcela de trabalho que é criar mecanismos pedagógicos de expressão e explicitação das lutas, das dúvidas, das incertezas, da palavra dos educandos.

Para que o ensino de Geografia possa representar aos alunos uma ferramenta utilizada para dar sentido e contexto a um fato ou aspecto da realidade, é necessário que o professor de Geografia assuma o desafio de ser transformador de percepções desordenadas. É importante

que o mesmo se preocupe e se comprometa com práticas baseadas em uma dinâmica funcional de categorias, conteúdos e habilidades significativas para o desenvolvimento da inteligência do aluno. Ademais, o professor deve estimular o aluno a ressignificar as ideias prévias para que o objetivo de formação ocorra de forma contextualizada.

Dentre as diversas questões que preocupam os professores, Callai (1986, p. 32) aponta que

uma é a que se refere ao que ensinar ao aluno e que seja significativo para ele, o que vai auxiliá-lo a situar-se no seu meio social, conhecendo e interpretando os fenômenos sociais, políticos e econômicos que regem a sociedade, e a outra, como ensinar, oportunizando um tipo de ensino que permita ao aluno construir seu próprio conhecimento.

A autora entende que a Geografia, enquanto ciência, interpreta o espaço em suas múltiplas dimensões e em suas diferentes escalas e propõe um entendimento de que o processo educativo deve considerar a inter-relação da complexidade dos diferentes aspectos da realidade do aluno.

[...] O ensino da geografia deve fundamentar-se em um corpo teórico-metodológico baseado nos conceitos de natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente, incorporando também dimensões de análise que contemplam tempo, cultura, sociedade, poder e relações econômicas e sociais e tendo como referência os pressupostos da Geografia como ciência que estuda as formas, os processos, as dinâmicas dos fenômenos que se desenvolvem por meio das relações entre a sociedade e a natureza, constituindo o espaço geográfico (BRASIL, 2006, p.43).

Entende-se que todos os conceitos, teorias e definições permitem revelar como diversos problemas, situações e fatos, que se repetem ou são raros, e que configuram a dinâmica socioespacial, podem ser compreendidos.

A paisagem é tema de forte e longo interesse por parte dos geógrafos. A história dos estudos sobre paisagem evidencia dois grandes períodos. Cada um caracterizado por um modo específico de analisar a paisagem. No período que se estende pelo final do século XIX até o ano de 1970, a paisagem é analisada por meio de sua gênese e sua morfologia; no segundo, que se estende de 1979 até o presente, por meio de seus significados, afirma-se que a paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam no espaço as funções sociais. Portanto, as imbricações da paisagem manifestam-se por essa percepção, com a manifestação dos enfoques estruturais, funcionais e evolutivos, desta.

Em seus primórdios, a ideia da paisagem esteve expressa, principalmente, através da pintura rupestre, entre 30 e 10 mil anos. Segundo Maximiliano (2004, p.84) elas “são os registros mais antigos que se conhece da observação humana da paisagem”. A finalidade

estética surgiu praticamente a partir do século XV, representada através de pintores e artistas que associaram a ela vínculos emocionais e afetivos.

De modo geral, a interpretação da paisagem é muito subjetiva, pois sua dinâmica é expressa em uma multiplicidade de interpretações, enfocadas nas diversas abordagens de sua construção. Na Geografia, o debate em torno da paisagem tem importante destaque, visto que ao lado das noções de espaço, território, lugar e região, a paisagem é considerada como categoria central de análise no pensamento geográfico.

Os geógrafos produziram uma reflexão conceitual própria, seguindo os passos de Humboldt e de outros naturalistas românticos. A geografia, tendo como objeto de estudo a paisagem, viabilizou-se enquanto disciplina acadêmica. Estes geógrafos associaram “a paisagem a porções do espaço relativamente amplas que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade” (HOLZER,1999, p. 151).

Ressalta-se que o enfoque utilizado pelos teóricos propiciou o surgimento de estudos que buscavam uma interpretação a partir da comparação de aspectos da paisagem. Assim como Humboldt, Ferreira e Simões (1986, p.61-64) ressaltam que a Geografia passou a ser considerada uma ciência sistemática, ou seja, Humboldt comparava sistematicamente as paisagens (os fenômenos) da área que estudava, com outras áreas da superfície terrestre.

A Geografia interpreta a realidade a partir da inter-relação entre sociedade e natureza. Nesse contexto, para Moraes (1978, p. 68) fica claro que as interfaces das relações entre homem e natureza, possibilitam sua transformação. No entanto, é possível constatar que a dinâmica da natureza atua sobre o homem. Desse modo, o homem é sujeito do processo de transformação e apropriação da natureza, enquanto que esta proporciona as condições necessárias ao atendimento de suas necessidades materiais.

Até constituir-se como ciência, a Geografia, tendo seu objeto de estudo definido, e métodos de pesquisa e epistemologia próprios, sofreu influências socioculturais, sociais e discursivas que determinaram diferentes concepções e abordagens, nos diversos contextos históricos de sua evolução, até consolidar-se como conhecimento geográfico.

Segundo Alves (1997, p.85), Humboldt considerava que a observação da paisagem deveria ser contemplada com sentimento. E conforme aponta Moraes (1983, p.43) ele não se caracteriza como empirista, pois conseguia aliar o trabalho empírico ao abstrato.

Considerando os pressupostos da Geografia tradicional e seu fundamento positivista, hierarquizando aspectos do espaço, a perspectiva da paisagem adotada, relacionava as relações entre sociedade e natureza sendo elementos que se complementavam, mas não se

integravam em um todo uno e múltiplo. Essa concepção da Geografia tradicional perdurou até a década de 1940, e foi retomado como conceito-chave da Geografia, aproximadamente a partir do início da década de 1970, sob novos olhares e abordagens. Assim, na abordagem da Nova Geografia, o conceito de Paisagem é retomado do ponto de vista sistêmico e é usado até hoje.

Os fundamentos da paisagem na análise da Geografia crítica, de acordo com Serpa (2011), é fruto do entendimento e da abstração da totalidade social, atribuindo ao tempo uma expressão fixada no espaço pelo poder da técnica, da prática e da concepção do sujeito em contato com as formas do que é visível com o histórico, como a própria realização do espaço. A ênfase da Geografia humana nas palavras de Sauer é “modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (CORRÊA E ROSENDAHL, 1998, p. 9).

Tendo como suporte a fenomenologia, em um enfoque bastante particularista, a paisagem passa a ser concebida, a partir dos valores, das crenças, das preferências e de visões de mundo, termos que substituem o conceito de cultura. Partindo dessa visão destacamos, a importância de Berque, geógrafo francês, que elaborou conceitos que permitiram perceber a paisagem enquanto marca e matriz do espaço vivido (NAME, 2010, p.).

As novas demandas impostas ao ensino de Geografia impuseram um referencial teórico-metodológico que superasse os aspectos descritivos utilizados para análise da paisagem. Nesse sentido, o espaço social necessitava ser reinterpretado sob novos fundamentos, pois as novas representações expressas na paisagem manifestam novos conteúdos e com isso uma nova organização e reestruturação, as quais exigiram uma renovação na forma de ensinar Geografia. Para Moraes, os autores da Geografia crítica

São os que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando seu saber como arma desse processo. São assim, os que assumem o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem (MORAES, 1987, p. 112).

Os desafios impostos à sociedade através do processo de globalização demandaram novas formulações teórico-metodológicas capazes de interpretar as manifestações subjetivas e imateriais que influenciam na configuração da paisagem.

A significação da paisagem ocorre quando o aluno consegue perceber as diferentes paisagens. Para Santos (1988, p.65) fica claro que a paisagem é representada em um dado momento da realidade, por meio de sons, utilidade, odores e formas, ou seja, uma estrutura

material e imaterial. O mais preocupante, contudo, é observar sua interpretação relacionada principalmente ao que atende a um aspecto visível prazeroso.

É importante ressaltar que a paisagem ultrapassa o limite do visível, pois os interstícios da dinâmica histórica da paisagem expressam o movimento e a dinâmica da sociedade construída através do trabalho. Assim sendo, o que vemos é o momento congelado. Entretanto, essa realidade socioespacial ressignificada, representa a contextualização do aluno utilizando o ensino e o aprendizado reflexivo, orientando sua leitura de mundo.

Sem dúvida, a paisagem revela não só as relações de produção e estrutura da sociedade, mas também revela o imaginário social, as leis, os valores e os sentimentos das pessoas que a constroem, como analisa Leite:

A evolução histórica dos conceitos e dos processos de projetos de paisagem mostra uma permanente procura de formas que expressam a integração e a compatibilidade entre as manifestações econômicas, técnicas, científicas e artísticas da sociedade. Intervenções na paisagem são o resultado de um processo dinâmico de expressão do imaginário social, que reflete de perto certos padrões estéticos e culturais, cuja origem dificilmente pode ser situada em cada um desses campos de conhecimento isoladamente (LEITE, 1994, p.30).

A representação social dos alunos e professores, relativos ao conceito de paisagem, contraria a abordagem acima, pois enfatiza a dimensão estética como elemento de destaque na apreensão da paisagem. Outrossim, é de fundamental importância que esse conceito seja abordado com mais ênfase nas séries iniciais, momento em que se inicia de forma sistematizada o processo de construção do conceito de paisagem.

Santos (1996) define a paisagem da seguinte forma:

[...] É o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão [...] a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes. Numa visão transversal [...] (SANTOS, 1996, p.83).

A paisagem expressa a história de vida das pessoas, suas construções, seus espaços de lazer, suas relações sociais, além de aspectos subjetivos, como seus problemas culturais de relacionamento com a natureza, pois esses se assentam numa base geográfica, nesse caso, expressos na paisagem.

Entender essas manifestações torna-se importante para que o aluno compreenda que a paisagem é construída pela sociedade através do trabalho social e que diferentes paisagens são um retrato do que a ação humana fez ao mundo.

Em 1998, Berque assegurou que a paisagem é uma marca e uma matriz. Como marca, ela pode e/ou deve ser descritiva e inventariada. Como matriz, a paisagem participa dos

esquemas de percepção, de concepção e de ação que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. Analisando a visão de Berque (1995), pode-se dizer que a paisagem é o concreto, ou seja, coisas da realidade, mas ao mesmo tempo é a imaginação, a representação dessas coisas, das imagens. Cada pessoa, de acordo com sua trajetória, consciência e experiência, vai receber a paisagem de forma diferente e única, visto que as pessoas constroem conceitos que refletem suas ações e seus olhares, assim a paisagem é uma realidade e ao mesmo tempo, uma aparência da realidade.

É importante que a paisagem seja interpretada pelo aluno, pois suas diferenças expressam as desigualdades sociais dos sujeitos que constroem o espaço. Ademais, é preciso superar o aspecto visível e buscar explicação para o que está por trás da paisagem. Nesse sentido, a apropriação do conhecimento a partir da interpretação da complexidade da realidade, proporciona ao educando entender e refletir sobre as inquietações do mundo atual, buscando compreender as situações que determinam a forma como ocorre a ordem e a desordem no seu entorno. Portanto, o professor deve planejar experiências pedagógicas que procurem oferecer oportunidades de significação aos alunos, visto que no processo de construção do conhecimento, o aluno, ao formular seus conceitos, vai fazê-lo operando com os conceitos cotidianos e científicos (REGO, 1994). Por sua vez, a escola deve favorecer a reformulação daqueles originários do senso comum, em científicos. Sendo assim, a construção dos conceitos ocorre pela prática diária, pela observação, pelas experiências, pelo fazer. Eles se ampliam e passam a graus de generalização e de abstração cada vez maiores.

O processo de construção do conhecimento que acontece na interação dos sujeitos com o meio social, mediado pelos conceitos (sistema simbólico), é um processo de mudança de qualidade na compreensão das coisas, do mundo. Não é um processo linear, nem de treinos, mas de construção pelos alunos de conhecimentos novos na busca do entendimento das suas próprias vivências, considerando os saberes que trazem consigo e desvendando as explicações sobre o lugar (CALLAI, 2002, p.104).

Certamente, o educador precisa saber realizar a leitura analítica do espaço geográfico, criando situações no interior do processo educativo para favorecer as condições necessárias ao entendimento da geografia como uma ciência que pesquisa o espaço construído.

Valorizar a potencialidade das experiências humanas no ensino de geografia, precisa ir para além da concepção tradicional, algo que o próprio Parâmetro Curricular Nacional de Geografia (PCN) já estimula a pensar, ao anunciar a fenomenologia, por exemplo, como meio de alcançar este objetivo e, portanto, um método alternativo de ensino a partir da valorização da subjetividade dos estudantes em sala de aula, quando se trabalha, sobretudo, os conteúdos introdutórios que envolvem as categorias espaço, lugar e paisagem (BRASIL,

1998).Assim sendo, estamos caminhando em direção a “[...] uma Geografia que busca a dimensão da experiência enraizada numa ontologia que inclua o cuidado e a autenticidade do ser-no-mundo como traços fundamentais” (MARANDOLA JR., 2010, p. 8-9).

Conforme citado, a relevância de trabalhar o sentido da geografia no ensino, encontra-se em estabelecer que a ciência geográfica, muito mais que meramente uma ciência dos lugares é, essencialmente, um empreendimento ontológico e cultural de homens, mulheres e crianças em suas relações íntimas com o lugar. No entanto, talvez o grande diferencial de trabalhar estas questões em sala de aula, com enfoque humanista, seja o de acentuar a importância de nossas ações no mundo. E, mediante este pensamento, estamos chamando atenção para dizer que o espaço é construído, essencialmente, por experiências intersubjetivas que recorrem à consciência como meio de apropriação do espaço objetivo.

Por uma questão de inovação e avanço do/no ensino de Geografia, é importante considerar a criatividade, a imaginação e as experiências, como ícones referenciais. Nesta abordagem, ganham destaque o trabalho e a pesquisa de campo que se tornam um recurso que perpassam pelo campo da ludicidade, mas também pela dimensão da experiência enquanto princípio geográfico, isto é, de conhecimento e percepção de mundo. Dessa forma, a pesquisa de campo é uma estratégia que pode ser utilizada como recurso no ensino de geografia, pois esta traz ao debate em sala, as concepções pré-científicas dos alunos. Tais concepções, que são experienciadas vividamente, possibilitam uma reflexão sobre as categorias geográficas, tais como a paisagem, espaço para além das relações unicamente visuais. Esta por sua vez, torna-se essencial na geografia e sua aplicabilidade no ensino pode influenciar em estratégias para o estudante pensar sua responsabilidade no mundo para além da lógica funcionalista, a qual inibe a vontade de potência de ser, ao conformismo cognitivo, físico e epistemológico em sua complexidade ontológica, moral e cultural.

Conforme foi apresentada, a paisagem teve destaque como instrumento de investigação e pesquisa do espaço geográfico, principalmente no século XIX, período de sua consolidação enquanto conhecimento geográfico. Posteriormente, ocorreu uma marginalização desse conceito em detrimento de outros como região, território etc. Sua retomada nos debates acadêmicos e meios científicos ocorreu nos anos 70 do século XX, como uma proposta metodológica mais dinâmica, contrária a forma descritiva e estática do período prevacente.

É importante compreender que a reflexão do professor, relacionada ao conceito de paisagem, está separada pela ausência de um fundamento conceitual e epistemológico compatível com a forma como o conceito é tratado em sala de aula. Além disso, é de extrema

importância fazer articulações que capacitem o aluno à leitura e ao entendimento do espaço geográfico próximo ou distante, pois entender o fenômeno geográfico, demanda a necessidade de compreender os fatores que o geraram. Por isso, é básico que o ensino de Geografia, principalmente no ensino fundamental, analise e textualize o locacional, as vivências, os conflitos e as ansiedades dos alunos.

Como afirma o educador Paulo Freire (1995, p.26-27), “Minha terra é a coexistência dramática de tempos díspares confundindo-se no mesmo espaço geográfico. Toda “terra é o resultado de um espaço histórico, contraditório, que me exige como a qualquer outra decisão, tomada de posições, ruptura, opção”.

Os significados que atribuímos à paisagem estão relacionados ao envolvimento e às experiências resultantes de vivências com seus diferentes elementos constitutivos, sendo que prevalecem os processos cognitivos básicos, em virtude de serem uma construção que identifica uma percepção de respeito e solidariedade, compatíveis com padrões culturais que caracterizam a sociedade.

Diante da evolução histórica do conceito de paisagem para análise e interpretação da relação entre sociedade e natureza, alguns teóricos utilizaram a descrição na interpretação da paisagem, enquanto que outros adotaram uma interpretação mais dinâmica, inserindo em sua análise a percepção na interpretação no seu estudo. Com base no exposto, a paisagem pode ser percebida à luz de uma investigação ampla sobre a produção do espaço geográfico, pois ela é a sua expressão visível.

A partir da segunda metade do século XX, novas narrativas são construídas para a ciência geográfica. Dentre elas, destacamos uma que realça a subjetividade na interpretação da realidade sobre o espaço geográfico. Dessa forma, as relações que se estabelecem em sala de aula para a construção do conhecimento, devem valorizar e respeitar os conhecimentos prévios, assim como, os aspectos subjetivos, especialmente, no que se refere à paisagem, pois a significação do conhecimento do aluno vai ocorrer a partir da reorganização e ressignificação dos conceitos, possibilitando uma maior compreensão do espaço vivido. Para tanto, a vivência necessita de reflexão no processo de ensino-aprendizagem.

Considerando os avanços dos debates científicos e a incorporação de novas variáveis que influenciam na redefinição do estudo da paisagem, ao focalizar a paisagem na perspectiva dos significados, Cosgrove (1994) refere-se aos mundos de significados, metáfora dotada de sentido geográfico, pois envolve diferenças espaciais dos significados criados.

Denis Cosgrove e Carl Sauer (1998/1925), estão entre aqueles que efetivamente contribuíram para o tema em questão. Os autores, deixaram um enorme legado ao enfatizar a

gênese e a morfologia da paisagem. A contribuição de Cosgrove não foi menor ao reconhecer a paisagem como representação espacialmente delimitada.

Em virtude da influência na produção do conhecimento geográfico e suas contribuições para o estudo da paisagem, a proposta desses autores foi fundamental para a realização dessa pesquisa.

## 2.2 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA

Na atualidade, a paisagem tem recebido uma atenção renovada. Isso decorre de novos processos e transformações que ocorrem no mundo, demandando novas análises, o que representa um desafio, pois tais mudanças estão presentes nas paisagens, seja no campo ou na cidade. Segundo Cavalcanti (2018), “as paisagens expressam diferentes temporalidades e espacialidades, que resultam da interação e articulação de processos de diferentes naturezas, escala e duração que podem ser observadas nos diferentes lugares”. Nesse sentido, as paisagens superam as dimensões tradicionais, como o estético e o perceptivo, e incorporam as dimensões geocológicas e culturais. Sendo assim, a paisagem reflete as ações e atividades humanas, suas decisões, assim como seus interesses.

De acordo com Emídio e Coimbra (2017) pode-se dizer que as paisagens são os povos, os costumes, as atrações e repulsas. Fica claro, portanto, que se incluem os modos de vida, de ser e muito mais. Assim sendo, constata-se que as paisagens são os cenários da vida e do cotidiano dos seres que povoam a Biosfera. Destarte, é possível afirmar que a paisagem é uma realidade sempre presente no espírito humano, isso porque é onipresente na realidade do espaço de vivência das sociedades.

Conforme proposto, é importante ressaltar que as paisagens refletem o vínculo existente entre qualidade de vida e qualidade ambiental, a origem desse quadro é facilmente identificado nas contradições sociais, ambientais, econômicas e culturais expressas nas paisagens. A realidade expõe um quadro diverso, pois os impactos estabelecidos, representam um parâmetro de como ocorre a relação sociedade/natureza, ou seja, reflete o vínculo existente entre as dimensões da realidade expressa nas paisagens.

De acordo com Lourenço (2016), a compreensão mais ampla do estudo sobre a paisagem trata-se, inegavelmente, de compreender a articulação entre os aspectos físicos e humanos, os quais definem uma convergência de análise mais detalhada. Porém, seria um erro atribuir que os vários domínios do conhecimento não considerem esse aspecto para uma

melhor reflexão e compreensão da realidade. Logo, é importante acompanhar a dinâmica e a evolução do conceito de paisagem que, sob essa ótica, ganha particular relevância ao considerar que esta resulta de um processo evolutivo que estrutura fundamentalmente a geografia.

Em diferentes acepções, é entendido que a paisagem sempre será um elemento constitutivo do meio ambiente; além disso “[...]a paisagem tem de ser entendida como um sistema dinâmico e complexo[...]” (LOURENÇO, 2016, p. 104). Por isso, a importância da paisagem no ensino de geografia, possibilita uma maior aproximação que efetivamente ocorre ao longo do processo dinâmico e complexo da produção do espaço geográfico. Isto posto, a partir da paisagem é possível explicar fatos ocorridos em diferentes épocas, possibilitando, por exemplo, uma maior reflexão sobre o que está expressa nas diferentes realidades existentes nos lugares, sendo os mesmos imprescindíveis para a interpretação dessas dinâmicas.

Segundo Trindade et al. (2017, p. 37):

Assim um professor de geografia no ensino fundamental II deve levar seu aluno a compreender, ainda que gradativa e simplificada, como se dá o processo de produção do espaço, quais interações envolvem, quais agentes participam e em quais escalas; e ainda, como ele aluno, participa ou se relaciona com esse processo. Nesse sentido, os conceitos de espaço, lugar, território, paisagem e região ajudam no processo de ensino/aprendizagem dessas relações socioespaciais.

O autor deixa claro que a paisagem possibilita ao educando uma maior interpretação do seu espaço de vida a partir da obtenção de conhecimentos necessários para a compreensão das transformações que ocorrem em seu espaço de vivência, as quais resultam das ações humanas. Sendo que esse processo tem que ser construído coletivamente, articulando os conhecimentos prévios dos alunos aos sistematizados pela ciência geográfica. Assim, o desenho da paisagem no ensino da geografia, reafirma a posição da linguagem visual, sob a ótica pedagógica, como fio condutor local de conflito e, acima de tudo, integrado às reflexões no campo perceptivo e cognitivo, pouco explorado em nossos estudos pedagógicos (SANTANA e GUSTAVO, 2014, p.157). Diante disso, fica evidente que, embora esses aspectos sejam muito importantes no processo de ensino/aprendizagem, ainda são pouco enfatizados no ensino de geografia.

Embora a paisagem trate de aspectos visíveis e perceptíveis pelos sentidos, fica claro que estas, atualmente ultrapassam essa dimensão, pois existe uma grande preocupação em identificar e possibilitar ao educando que a partir de uma reflexão possa pensar sobre

processos sociais, culturais e políticos, que se materializam em paisagens e os significados que eles representam.

De acordo com Matthews & Herbert (2021, p. 130 - 131):

Há novas ênfases no simbolismo da paisagem e nos significados dos quais ela é imbuída [...] as paisagens compreendem nuances e realidades tangíveis e intangíveis. Assim como as outras formas de geografia humana, esse é outro exemplo da necessidade de abordagens mais tradicionais para concorrer com os novos focos em simbolismo, significados e valores.

Conforme citado, é importante relacionar interpretações e aplicações de abordagens que convergem em contextos histórico diferentes, mas que analisam relações sociais que possibilitam a dinâmica paisagística com consequências tanto em escala local como global. Embora tenham sido destacados aspectos que caracterizam as paisagens e sua importância na interpretação do espaço, é importante ressaltar que diferentes abordagens sobre a paisagem “podem e devem ser adaptadas à realidade escolar vivenciada pelo professor, que deve sempre mostrar a aplicabilidade no cotidiano do aluno[...] com a escala mais próxima dos estudantes”(CARDOSO, SILVA E GUERRA,2020). Sendo assim, é importante, por exemplo, que a geografia possibilite ao ensino em diferentes níveis e modalidades, a utilização do entorno da escola e os diversos ambientes do lugar, como elementos que propiciem aos alunos estabelecer relações e abordar as diferentes classificações, para que possam identificar os elementos das paisagens, tendo em vista que alguns dos ambientes já fazem parte do seu conhecimento, seja a partir de informações de mídias ou por serem familiares ao seu cotidiano, para que assim “[...] o ensino-aprendizagem sobre os conteúdos revele um sentido de vivência ao contexto dos estudantes” (CARDOSO, SILVA E GUERRA, 2020,p.74).

No tocante à importância da Geografia, Oliveira et al. (2020, p. 82) consideram que:

No ensino de geografia é necessário que partamos das paisagens visíveis e não de conceitos, ou seja, os conceitos não devem anteceder os conteúdos. Estudos atuais sinalizam que os conceitos geográficos, sobretudo de paisagem, contribuem de forma significativa para o processo de aprendizagem em qualquer segmento educacional. No que diz aos conhecimentos prévios dos alunos, recomenda-se um estudo mais aprofundado sobre a paisagem já que a mesma é instável. Apropriar-se desse repertório é crucial para tornar o aluno capaz de ler à realidade à sua volta, especialmente de modo geográfico.

Em síntese, a paisagem representa no decorrer do processo de construção do pensamento geográfico, a categoria estruturante, constituindo-se em diferentes épocas, a partir de diversas abordagens, um elemento de apreensão do espaço geográfico em sua dinâmica. Nesse sentido, sua importância está relacionada à possibilidade de que uma criança do ensino

fundamental se torne um jovem capaz de movimentar-se bem no mundo de hoje, além de prepará-la para o porvir, levando em consideração a complexa realidade atual.

### 2.3 AS ABORDAGENS DA CATEGORIA PAISAGEM

A origem do conceito de paisagem perpassou diferentes momentos histórico, e fez parte da construção do conhecimento geográfico, o que resultou em diferentes concepções e abordagens, desde fundamentos funcionalistas até posturas que enfatizam reações com propostas mais sociais. Cabe apontar que, recentemente, novas abordagens incorporaram variáveis do contexto da sociedade atual. Nesse sentido, o ensino de Geografia nas séries iniciais torna-se fundamental para que a criança seja capaz de fazer a leitura do mundo (CALLAI,2005).

Segundo Schier (2003), diferentes concepções estavam atreladas a diversas correntes filosóficas, sobretudo o positivismo alemão. As propostas das paisagens alemãs se opunham à dinâmica presente na concepção francesa. Ambas as concepções descreviam o mundo como palco da ação humana, no entanto, estas não conseguiam analisar e conceber a paisagem em sua dinâmica e, conseqüentemente, não acompanhavam as transformações da relação sociedade/natureza. Assim, essas concepções em sua forma descritiva não conseguiram dar resposta aos processos em curso na sociedade da época.

É interessante considerar que a criança que estuda nos anos iniciais, conforme explicado acima, no caso, no sexto ano, está iniciando um processo de tomada de consciência em relação à sua realidade, passando de um estágio de desenvolvimento cognitivo, onde os aspectos concretos começam a abstrair sensações e fatos, assim como sua realidade. Assim, é importante que os alunos compreendam o espaço ao seu redor de uma forma dinâmica, o qual muda o tempo todo. Para tanto, um professor criativo e inovador, com fontes teóricas e recursos pedagógicos contextualizados, acaba contribuindo de forma significativa para a formação cidadã do aluno, diferente daquele que fica preso a conteúdos memorizados e ditados pelo livro didático.

Segundo Pereira (2005), a Escola Nova inaugurou dentro do pensamento geográfico, uma nova proposta de estudo do espaço geográfico, pois enfatizou que as experiências dos alunos contribuíam para a formação de valores e princípios relacionados à construção de sua cidadania. O autor deixa claro que os alunos deveriam ser os sujeitos e construtores do seu conhecimento e não meros reprodutores de informações. Portanto, é importante ressaltar que a

memorização dos fundamentos da Geografia tradicional não fundamenta a compreensão das paisagens em suas diferentes temporalidades.

Nesse contexto, “fundam-se novas formas de interpretar as categorias de espaço, território e paisagem.[...] tratados em suas múltiplas interações e de maneira dialética”(CASSAB, 2009, p.11).

É interessante enfatizar que, a fim de possibilitar aos educandos a compreensão do espaço geográfico para além do seu cotidiano, toma-se como princípio o fato de que as paisagens são expressões do movimento e da dinâmica da sociedade. E nesse sentido, os alunos podem compreender os seus elementos e suas características, a partir do seu lugar, das suas relações e das diferentes formas de moradia e percursos cotidianos existentes na sua comunidade, além das relações produtivas da qual sua família faz parte.

De acordo com Marvila (2020, p. 22),

No ensino da Geografia através da abordagem com as paisagens e os espaços geográficos é substancial considerar que essas vertentes não podem ser tratadas isoladamente, mas sim com um diálogo entre a realidade dos alunos, uma associação ao tempo e suas relações interligadas ao espaço.[...]. Por isso, as práticas elaboradas para inserir esse assunto em aulas para o 6º ano do ensino fundamental devem ser norteadas de conteúdos histórico-sociais para que se perceba intrinsecamente a mensagem que deve ser absorvida.

Tendo em vista que o aluno desenvolve o entendimento sobre sua realidade e começa a compreendê-la, por meio da observação de como ocorre a mudança no espaço geográfico e, conseqüentemente, a dinâmica das paisagens.

Em relação à paisagem, de acordo com Alves (2019, p. 2685):

Ela não nos mostra somente elementos artificiais e naturais. Ela apresenta a relação dos homens com a natureza a partir dos seus olhares e valores. [...] a categoria paisagem por meio da perspectiva da Geografia Humanista, que os dá liberdade de criação e interpretação da relação do homem com a natureza. Os alunos conseguiram fazer.

Além dos aspectos visíveis da paisagem, conforme citado anteriormente, é possível considerar que a paisagem, na perspectiva humanística, possibilita ao aluno perceber a relação da sociedade com a natureza a partir de seus valores.

De acordo com Junior (2018, p. 57), ao fazer uma abordagem sobre a paisagem na Educação Básica,

O professor deve relacionar os conteúdos que estão no livro didático com as coisas próximas dos alunos, seja pela visão ou pela percepção. Os objetos que compõem uma cidade têm mais a revelar. Não se tratam de simples cenas, são culturas, processos históricos de construção e a formação das localidades bem como das

fazendas ou povoados, e também suas transformações e desenvolvimentos destes até instituírem-se em cidades.

Os aspectos subjetivos das paisagens, como o mundo vivido, são tratados como uma peça chave no estudo e entendimentos da paisagem. Conforme Junior (2018, p. 27), “o mundo vivido foi um conceito importado da fenomenologia para a Geografia humanista, a ela se refere o mundo da vida e da experiência cotidiana”. Em outra perspectiva, entende-se que os aspectos da paisagem que prevalecem e determinam sua dinâmica estão relacionados a processos históricos e sociais. De forma que fica evidente, conforme citado acima, as espacialidades e territorialidades intrínsecas a esse processo.

Segundo Silva, do Carmo e Araújo (2021,p.12), “[...]ao abordar a categoria paisagem no contexto escolar, por exemplo, é necessário fazê-lo sob uma perspectiva que traga significado para o aluno e, conseqüentemente, viabilize a aprendizagem”. Além disso, o espaço escolar deve possibilitar a partir da paisagem próxima ao aluno, uma proposta alternativa de cuidado com o meio ambiente, suscitando neste o despertar de uma consciência em relação ao ambiente em que vive. Despertando, concomitantemente, o senso de cidadania, além de fomentar o interesse de compreender as diferentes relações entre sociedade e natureza.

Brito & Ferreira (2011, p. 6),ao falarem sobre a contextualização do conceito de paisagem e suas diversas abordagens no decorrer do processo de estruturação da ciência geográfica, afirmam que

A evolução das diferentes abordagens filosóficas congrega o conceito de paisagem ora de forma estática, ora dinâmica, ora destacando seu caráter abstrato, ora como produto territorial das ações entre o capital e o trabalho, ora de caráter mais holístico. Atualmente, a paisagem, como um conceito que sintetiza o objeto geográfico, deve abarcar as questões ambientais e estéticas, incluindo o homem e suas ações, diretas ou indiretas, no espaço.

Conforme explicado, fica evidente a importância do estudo da paisagem no sexto ano do ensino fundamental. Portanto, é necessário que essa categoria, que contribui para o entendimento e reflexão do espaço geográfico, incorpore novas variáveis como gênero, ambiente e etnia, as quais representam um grande desafio para a geografia, ao se abordar o espaço geográfico na perspectiva da paisagem, de forma holística e crítica.

## 2.4 O CONCEITO DE PAISAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Martins, Pedroso e Costa (2021, p. 91) afirmam que o ensino-aprendizagem de Geografia, possibilita ao educando perceber os diferentes elementos socioespaciais do contexto em que vivem. Para os autores “fica evidente que o ensino de Geografia[...] permite a construção do olhar espacial nos mais diferentes contextos [...] de modo que o discente consiga entender e perceber as conexões existentes entre os contextos estudados com a sociedade da qual faz parte”. Nesse sentido, os autores enfatizam a importância do desenvolvimento de estratégias pedagógicas que dinamizem e tornem mais atraentes as aulas, assim sendo, atividades de leitura e um maior contato com a paisagem externa, possibilitam ao educando relacionar as abstrações e os contextos cotidianos com as leituras, além de propiciar uma maior interação e compreensão dos temas abordados em Geografia.

Segundo Kotler (1998), o ensino-aprendizagem da Geografia tem como meta algo extremamente difícil, que é a construção da cidadania. Esse fato decorre da diversidade de sujeitos presentes na escola, como exemplo, a heterogeneidade cultural e social, hábitos e valores diferenciados, além do fator idade, assim sendo, essas situações somente serão superadas ou administradas, pela atuação de docentes qualificados e que estejam dispostos a apreender sobre tal fato de forma holística. Portanto, compreender e considerar as experiências prévias dos sujeitos é de suma importância, pois possibilita ao professor utilizar linguagens e métodos capazes de alertar os alunos sobre a importância do conhecimento e da aprendizagem para sua vida em suas múltiplas dimensões.

Um aspecto ressaltado pela autora, conforme explicado acima, é que o processo de ensino-aprendizagem deve enfatizar a realidade mais próxima do aluno, daí a importância de se conhecer esses educandos considerando suas diversidades, administrando essas diferenças sem fortalecer as desigualdades manifestas, em segregações de todas as formas. Assim sendo, as linguagens e estratégias teórico-metodológicas e pedagógicas devem fomentar valores éticos e solidários, tornando o processo de formação do educando em uma aprendizagem construída pelos sujeitos.

Conforme verificado por Rego (2007), a linguagem geográfica apresenta características que precisam ser consideradas como fontes de explicação, tanto para as dificuldades que os alunos possam vir a ter na sua compreensão, quanto para planejar movimentos pedagógicos que facilitem o processo interativo. Trata-se, inegavelmente, de focar em experiências pedagógicas que procurem oferecer oportunidades de significação para alunos que, muitas vezes, são socialmente desacreditados. Nesse sentido, seria um erro,

atribuir ou não dar importância à carga de experiências que estes sujeitos trazem consigo, pois são conhecimentos, alguns sistematizados e outros não, que em muitos casos de tão complexas são impossíveis de serem reproduzidas pelos professores. Assim, reveste-se de particular importância que tais vivências devam ser aproveitadas, problematizadas e contextualizadas. Sob essa ótica, o autor deixa claro, ganha particular relevância a inserção da vida na escola, tornando a escola, efetivamente integrada à vida.

O foco central do entendimento é que importa considerar no processo de ensino, que as pessoas ocupam este espaço e que isso influencia em suas vidas, possibilitando a elas dar conta da compreensão da vida social, refletida sobre os diferentes sujeitos, como agentes responsáveis pelas transformações que são operadas no espaço, a partir de suas práticas de apropriação e intervenção. Além disso, deve ser levado em conta, que a escola é responsável pela formação social e política dos alunos, para que estes sejam sujeitos capazes de construir e ressignificar continuamente o seu cotidiano. Diante de tal cenário, e conforme mencionado pelo autor, “Não existe conhecimento pertinente senão quando se é capaz de contextualizar sua informação, de globaliza-la e situá-la em um todo” (REGO, 2007, p. 55).

É interessante, aliás, abordar no processo de ensino, conteúdos de Geografia voltados para questões que permitam estabelecer conexões com a realidade vivida e o cotidiano dos educandos. No entanto, há um fato que se sobrepõe, pois ao enfatizar tais assuntos, como exemplo as inundações urbanas, poluição de rios, etc., os estudantes podem se identificar com muitos casos, na medida em que já podem ter vivenciado alguns desses eventos. Nesse sentido, deve haver razão para que o professor explore tais temáticas, possibilitando aos educandos a formação de conhecimentos que sejam articulados, singulares e originais, a partir do entendimento de um local.

No entendimento de Souza(2018,p.8), “o professor de Geografia deve buscar sempre conteúdos que estejam alinhados com a realidade do aluno e da comunidade em que a escola esteja inserida [...] coisas que provoquem o interesse e a concretização do conhecimento acerca dos assuntos estudados”. Ainda sobre o processo de aprendizagem, o autor explica que

É extremamente importante que o professor esteja alinhado com a realidade da turma, verificando seus dilemas, suas ansiedades, suas curiosidades e sua situação política, econômica, cultural e social para que a aprendizagem tenha a ver com o aluno que deve ser sempre o produto principal do processo de ensino aprendizagem (SOUZA, 2018,p.8).

Vale ressaltar que, nesse processo, a prática docente deve se configurar como uma permanente pesquisa, para que a sala de aula se constitua como seu laboratório, propiciando uma diversidade de possibilidade de ensino e aprendizagem. Além do mais, o professor deve

ter uma orientação para essa prática de pesquisa, afim de que possa desenvolver e implementar atividades que tem como foco principal a realidade vivenciada pelos alunos. Fortalecendo assim a realização de uma prática pedagógica que envolva os alunos, ao considerar suas experiências, levando-os à prática da reflexão.

O ensino com dinamismo deve ser levado em conta nas aulas de geografia, o aluno precisa apreender o que está sendo ensinado de acordo com suas percepções e vivências[...] sua didática é esta que vai determinar as bases para um ensino criativo e propositivo, favorecendo maior entendimento sobre os vários conteúdos e claro, estabelecendo uma aprendizagem mais significativa (ARAÚJO, FERNANDES E JUNIOR, 2013,p.155).

É importante realçar a vivência dos sujeitos e compreender a importância da escola como um espaço onde conhecimentos prévios podem ser ressignificados, tendo em vista que a escola é fundamental para a formação e o desenvolvimento, sendo capaz de despertar sentimentos de pertencimento e identidade. Nesse contexto, fica claro, o quanto é importante que o professor seja criativo e que fomente a imaginação e a reflexão do aluno, a fim de construir conexões entre os conhecimentos prévios e os conhecimentos sistematizados, estabelecendo assim uma aprendizagem mais significativa.

De acordo com Rodrigues e Ceballos (2021, p. 148):

Sabemos que as estratégias influenciam na forma que os alunos se sentem entusiasmados diante dos conteúdos, mas[...] a vida do aluno fora da sala de aula deve ser levada em conta no seu desempenho, já que os mesmos vivem em as mais diversas realidades fora do ambiente escolar. O professor tem também a função de também perceber o contexto em que vivem seus alunos e respeitar suas diferenças, mediando todo o processo.

Diante de tal situação, o processo de aprender, perpassa aspectos em que os autores convergem em suas ideias, ambos afirmam que os aspectos relativos à realidade do aluno, devem ser considerados no processo ensino-aprendizagem. A justificativa, conforme citado acima, segue na linha de que a criatividade e a inovação, qualidades do professor, o ajudam a selecionar conteúdos criativos e familiares ao aluno, e isso é um fato já explicado inúmeras vezes por outros autores. Então, de acordo com os autores, a construção do conhecimento resulta, da interação dos contextos vividos pelos educandos, articulados e ressignificados pelas práticas de sala de aula, num processo dialético, pois “a vida do aluno fora da sala de aula deve ser levada em conta no seu desempenho” (RODRIGUES E CEBALLOS, 2021).

Na perspectiva dos autores, fica claro, por exemplo, que é importante conhecer a realidade do lugar, suas peculiaridades culturais, ambientais, sociais etc. Além disso, é nessa porção do espaço que a criança se integra à natureza, desenvolve sua identidade, e o sentimento de pertencimento, a partir do seu espaço de vivência. Isso possibilita constatar que

os aspectos expressos nas paisagens dos lugares, são expressões de modos de vida, formas de produzir, em diferentes tempos, mas nos mesmos lugares. Para Amador e Benini (2016, p.56) “a sociedade cria laços com o lugar através da apropriação e identidade, sendo a paisagem um dos principais componentes de referência dessa relação[...] com o meio natural”.

Monteiro (2018) revela que o

[...] conceito de lugar pode ocorrer por intermédio de diferentes espaços de vivência do aluno: o caminho de casa até a escola, o bairro de entorno da escola, a praça, a igreja. Esses são espaços acrescidos de valor e significados em que o aluno pode observar a realidade e a partir dela compreender sobre o lugar onde vive. Deve--se também levar em conta que os livros didáticos trabalham o conceito de lugar e suas aplicações com exemplos fictícios ou de grandes cidades que distancia o espaço por ele vivenciado (MONTEIRO,2018,p.156).

Por fim, podemos chegar à conclusão da relevância do estudo do lugar, pois essas porções do espaço geográfico expressam as paisagens em suas diversidades de espacialidades e temporalidades. Logo, é indiscutível a importância do professor no processo de construção do conhecimento, pois estes podem possibilitar ao educando o entendimento e a compreensão do espaço geográfico sob a perspectiva da paisagem.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 DESCRIÇÃO GERAL DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas diversas fontes bibliográficas, com o intuito de identificar o enfoque metodológico e pedagógico que autores como, Lucci, Eustáquio, Simão e Vesentini aplicam à categoria paisagem nos seis (06) volumes que constituem as coleções de estudos geográficos. A pesquisa de campo aconteceu em sete (07) escolas a partir de entrevistas realizadas com professores de Geografia, objetivando identificar quais procedimentos metodológicos são utilizados pelos professores na operacionalização da categoria paisagem.

#### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Além da análise dos Livros Didáticos, foram selecionadas sete (07) escolas estaduais para participarem da pesquisa. O critério estabelecido para definir quais escolas iriam participar do estudo, foi que, preferencialmente, estas instituições deveriam ofertar o ensino fundamental. Além de definir a participação da escola, foi também decidido que seriam escolhidos professores de 6º ano, do período diurno. Salienta-se que as escolas estão localizadas em sete (07) municípios do Estado do Amapá.

De acordo com a BNCC, o ensino da paisagem no Ensino Fundamental possibilita ao aluno o desenvolvimento de valores e princípios que, em seu cotidiano, potencializam a prática e a aplicação de um ensino mais solidário, voltado aos direitos humanos. De acordo com a BNCC(2020), como bem nos assegura Fattini (2007) pode-se dizer que no ensino fundamental, o Ensino da Geografia objetiva desenvolver, tanto a percepção das espacialidades vividas quanto a alteridade do aluno. A Geografia a partir de suas categorias, oportuniza a compreensão dos processos espaciais, ao transformar o entendimento das construções conceituais em processos coletivos no ambiente escolar.

Todos os professores tiveram grande importância para essa pesquisa e constituíram a população e a amostra da pesquisa. Além das contribuições dos professores, tivemos ajuda também dos coordenadores que em muito contribuíram para a realização do estudo.

### 3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A metodologia proposta para essa pesquisa envolveu a análise de propostas teóricas e metodológicas sobre a categoria paisagem, possuindo um caráter qualitativo. Seu processo constituiu-se em algumas fases, as quais deram suporte ao desenvolvimento da pesquisa, possibilitando o levantamento de dados, além de sua organização, análise e considerações.

A primeira etapa refere-se à seleção de bibliografia, sobre o conceito de paisagem e livros didáticos, as principais abordagens e aplicações feitas por diversos teóricos em diferentes contextos históricos, posteriormente foi realizada a seleção de bibliografia que aborda a temática paisagem.

Em um outro momento foi realizada a seleção e análise de material didático relacionado ao 6º ano do Ensino Fundamental II. Dando sequência foram realizadas entrevistas com sete professores de diferentes municípios do estado do Amapá, a partir de entrevista semiestruturada, nas quais foram abordadas questões relacionadas aos objetivos propostos na pesquisa, com ênfase para os seguintes questionamentos:

- 1) Qual abordagem do livro didático em relação ao conceito de paisagem?
- 2) Qual método o professor utiliza ao abordar o conceito de paisagem?
- 3) Qual a importância da categoria paisagem no ensino da Geografia?

Finalmente, foi realizada a conclusão das análises, a fim de se obter a amostragem dos resultados e considerações finais.

#### 4 ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO AMAPÁ: FOCO DA PESQUISA

A seguir observa-se o mapa do Estado do Amapá (Figura 1).

Figura 1. Mapa do estado do Amapá



Fonte: IBGE, 2010

No mapa a seguir observa-se a vegetação predominante do Estado do Amapá (Figura 2).

Figura 2: Mapa da vegetação predominante do Estado do Amapá.

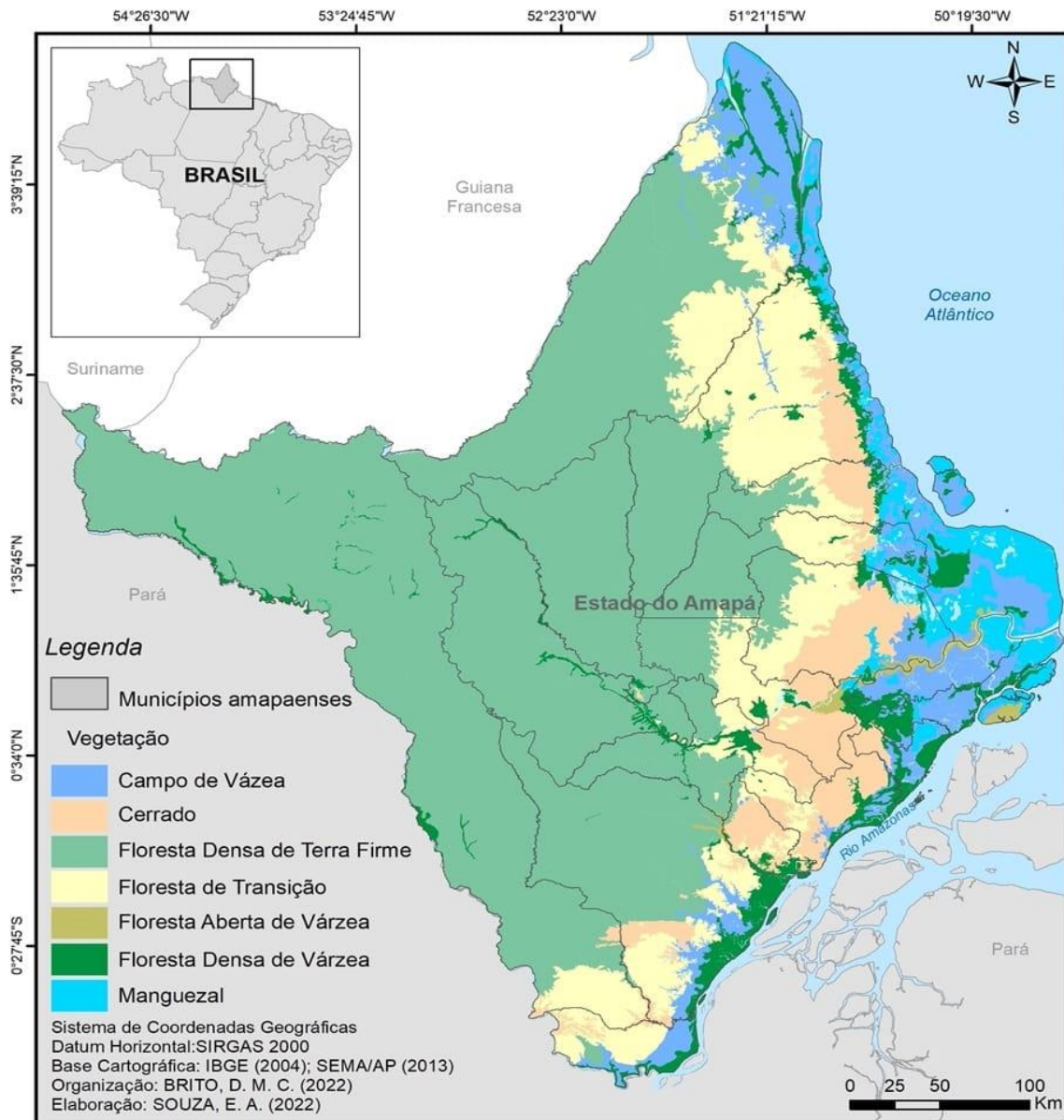


Fonte: IBGE, 2010.

Situado na região norte do Brasil, o estado do Amapá possui, atualmente, 16 municípios. Conta com uma população concentrada em sua maior parte na capital, Macapá. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um levantamento junto à Secretaria de Estado de Educação, para identificar as escolas que oferecem a modalidade de Ensino Fundamental II na disciplina Geografia, em cada município do estado.

A seguir observa-se o mapa da vegetação das paisagens naturais do Estado do Amapá (Figura 3).

Figura 3. Mapa de paisagens naturais do Estado do Amapá.



Fonte: Souza, 2022.

No enquadramento das escolas que oferecem o ensino fundamental nos municípios amapaenses, foram selecionadas somente escolas públicas, sendo uma escola de cada município, localizadas na área urbana. A escolha de escolas públicas e não escolas particulares, se deu considerando alguns critérios: um deles se dá em decorrência da nossa experiência e vivência como professor por mais de uma década, no qual durante esse período foi possível presenciar várias situações decorrentes de questões pedagógicas, metodológicas, além de conflitos envolvendo questões estruturais, problemas que de maneira direta e indireta, comprometem a eficácia do processo de ensino e a aprendizagem dos alunos. Além disso, há problemas como greves prolongadas, estrutura física precária, e outros.

Outro aspecto peculiar, identificado a partir da observação do espaço escolar, somado à informações advindas da realização de entrevistas, junto a professores e corpo gestor da escola, relaciona-se à situação socioeconômica de parcela significativa dos educandos, enquanto beneficiários de programas de transferência de renda, pois muitas vezes os problemas maiores não estão na escola, mas no contexto familiar, fazendo com que a escola e a educação sejam a única esperança por dias melhores.

Em função da pesquisa estar relacionada à prática dos professores na aplicação do conceito de paisagem em suas propostas pedagógicas, bem como o enfoque que a paisagem recebe nos livros didáticos, esses fatores influenciaram positivamente na escolha dessas instituições de ensino, assim como seus professores e alunos.

Esses sujeitos sociais de direito demandam práticas inovadoras e ações que venham contribuir para a efetivação de uma educação crítica, democrática e emancipatória. Espera-se que a pesquisa retorne a esse espaço social, na forma de proposta teórico-metodológica inovadora e que contribua, substancialmente, no processo de aprendizagem dessas instituições.

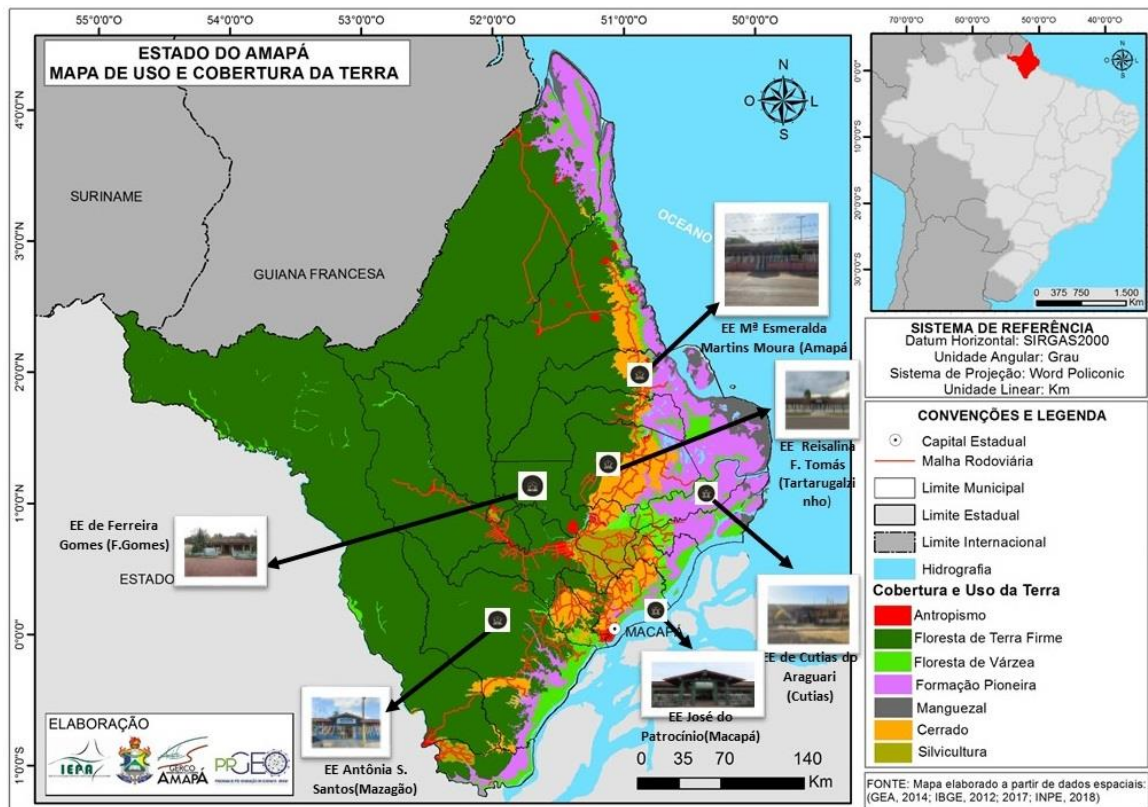
#### 4.1 CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS PESQUISADAS

O objeto dessa pesquisa contempla sete (07) escolas dos municípios de Macapá, Mazagão, Ferreira Gomes, Cutias do Araguari, Tartarugalzinho, Amapá e Oiapoque, que segundo a Secretaria de estado de educação possuem unidades de ensino que oferecem o 6º ano do ensino fundamental.

Após o levantamento das informações, foi realizado o deslocamento até às unidades municipais, com o objetivo de contatar os professores, além de conhecer os ambientes escolares. Assim, constatou-se que todas localizam-se nas sedes municipais, e as informações contidas nesse tópico foram colhidas a partir de conversas com pessoas da comunidade escolar. Os professores, a partir de entrevista, possibilitaram ricas informações, principalmente, relacionadas aos aspectos didáticos e metodológicos com ênfase ao acesso de ensino- aprendizagem do conteúdo Geografia.

Ficou conhecido que cada unidade de ensino se localiza em um bioma do rico sistema florístico do Amapá, segundo distribuição na (Figura 4) relacionado a esse aspecto, salienta-se que as informações são referentes ao ano de 2022.

Figura 4. Mapa de uso e cobertura da terra.



Fonte: IBGE, 2012.

A seguir será realizada a descrição das escolas que foram utilizadas para esta pesquisa (Figura 5).

Figura 5. Escola Estadual José do Patrocínio/Macapá.



Fonte: Melo, 2022.

A Escola Estadual José do Patrocínio localiza-se na rua do estaleiro, nas margens do rio Amazonas. Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola foi inaugurada no ano de 1978, e começou a funcionar em 1980. Sua construção ocorreu em função dos estudos de expansão da demanda por escolas feita pela Secretaria de estado de Educação.

O prédio escolar, embora apresente estrutura sólida, evidencia a ausência quase total de manutenção, tanto no que concerne à sua conservação estrutural (paredes pichadas, portas sem trinco, vidros de janelas quebradas etc.), quanto no que se refere às instalações (rede elétrica deteriorada, falta de lâmpadas, quadros em mau estado, sanitários danificados etc.). Além disso, há escassez de equipamentos e materiais de toda ordem, também foi verificado a falta de papel higiênico e material de limpeza, e até de material didático e equipamentos necessários para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

A escola José do Patrocínio atende 784 alunos matriculados nos turnos da manhã, tarde e noite, oriundos da área central e periférica da comunidade, além de educandos advindos de comunidades próximas (polo agrícola, comunidade do CD rural, e outros). Os alunos são provenientes de famílias que desenvolvem atividades econômicas formais e informais na própria comunidade. E para o deslocamento dos alunos, é utilizado o transporte escolar, realizado por ônibus contratados pela Secretaria de Estado em parceria com o Governo Federal.

Conforme o PPP, a escola desenvolve suas atividades fundamentadas em referenciais curriculares atualizados de acordo com a BNCC, e ratificados na perspectiva de uma educação em direitos humanos.

Percebeu-se, após observação no espaço escolar e confirmado pela gestão, que a escola oferece espaços identificados como, salas ambientes, que atendem a diversidade de ações complementares presentes no processo de ensino-aprendizagem, tais como: lazer, informação, desenvolvimento cultural, desporto, além de oportunizar à comunidade escolar um ambiente ecologicamente prazeroso, resultante de um projeto de Educação Ambiental na área da Jardinagem.

Entre as ações que defendem e difundem a formação cidadã na escola estão: agendas, projetos e outros, como exemplo, o projeto de educação ambiental, o qual objetiva contribuir para o despertar de uma consciência socioambiental; e o projeto de formação para o ENEM, que objetiva fortalecer o educando em componentes curriculares.

A escola pauta suas ações na proposta de problematizar o fato social e buscar soluções a partir de metodologias inovadoras, objetivando que a partir de uma prática dialógica, superar desafios como bullying, gravidez na adolescência, segregações e racismos, além de diferentes formas de violência, onde em alguns casos, o educando é o sujeito e em outros é o objeto da ação danosa.

O Brasil é parte integrante de diversos acordos e tratados internacionais de promoção e defesa dos direitos humanos, além de ter reconhecido a jurisdição da corte interamericana de direitos humanos. É importante ressaltar que a escola desenvolve um programa de acesso e de garantia da permanência dos alunos com deficiência.

Uma média de nove (09) alunos apresentam necessidades especiais no universo docente da escola. A escola, por sua vez, oferece profissionais com diferentes graus e níveis de formação especializada, alguns com especialidade na área de educação inclusiva, outros com formação na diversidade do público. Os educandos são atendidos por meio de metodologias e práticas que, na medida do possível, proporcionam um processo de ensino aprendizagem com formação cidadã.

A relação escola/comunidade expressa, na maioria das vezes, a comunidade apenas como usuário da escola e não como sujeito participante da construção histórica da organização e estruturação desse espaço social.

A escola aplica uma proposta curricular, com enfoque emancipatório, estruturado e organizado a partir da valorização da experiência e vivência do educando, valorizando sua

inserção cultural e pautada numa construção de conhecimentos e habilidades que o instrumentalize a dialogar com o conhecimento em sua multidimensionalidade.

A escola está localizada às margens do rio Amazonas, constituindo-se em uma paisagem, na qual sobressaem elementos que se caracterizam segundo o enfoque das diferentes concepções que no processo histórico tentaram explicar a relação sociedade/natureza.

A forte pressão no ambiente natural determinou o desaparecimento da formação permanente que circundava toda a margem constituída por aturiás, aningas, entre outras, as quais em tempos idos tinham presença marcante nos arredores da escola, no entanto, o que prevalece são espécies invasoras, ocorrendo o predomínio e expansão do processo de erosão fluvial.

O que se percebe é que existe uma sobreposição de temporalidades ao serem observados ainda fragmentos vegetais, bem como, habitações que remontam modos de vida com forte vinculação à natureza, como: a pesca, a coleta de açaí, e outras atividades. Entretanto, ocorre também a presença da atividade metalúrgica, relacionada à construção naval, com intenso emprego na área da tecnologia e de relações de trabalho baseadas no assalariamento, além do agravamento do desequilíbrio ambiental.

Em virtude do que foi mencionado, fica evidente que os aspectos produtivos, assim como as relações sociais produtivas, ambientais e culturais, caracterizam e influenciam a dinâmica da paisagem geográfica onde está inserida a Escola José do Patrocínio.

A seguir observa-se a fachada da escola Angélica Ribeiro Aranha no município de Mazagão (Figura 6).

Figura 6. Escola Angélica Ribeiro Aranha/Mazagão.



Fonte: Melo, 2022.

A Escola Angélica Ribeiro Aranha está localizada na área norte do município de Mazagão, mais precisamente na rua principal. A unidade recebeu esse nome em homenagem a um ilustre professor. A escola funciona em dois turnos, atendendo as modalidades de ensino fundamental nos níveis I e II.

São modalidades e níveis de ensino oferecidos por esta instituição: o Ensino Regular do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Quanto à concepção filosófica e pedagógica: A UE, trabalha a teoria sociointeracionista, seguindo a linha adotada pela Secretaria de Educação do Estado do Amapá. O sociointeracionismo é importante porque os educadores colocam-se como mediadores no processo de construção do conhecimento dos alunos; posicionam-se como coparticipantes do ensino-aprendizagem, com a concepção de que ensinam e aprendem facilitando a aprendizagem dos educandos (PPP, EEP Antônia Silva Santos, 2017, p.20).

A partir de levantamento de informações junto à coordenação pedagógica da escola, constatou-se que os educandos provêm de grupos familiares inseridos em grupos socioeconômicos de baixa renda, os quais sofrem alguns tipos de segregação socioespacial. Muitos residem em assentamentos próximos, localizados no entorno do município, e utilizam o transporte escolar para o deslocamento diário até a escola. A UE atende todos os alunos, matriculados em três (03) turnos, realizando em média duzentas e vinte (220) refeições diárias.

Num contexto de sociedade que em sua dinâmica adquire e desenvolve novos valores, princípios e funções, a escola está livre de sofrer sozinha os impactos dessa nova realidade. Nesse sentido, além da função de formação social, a escola lida diariamente com situações que representam grandes desafios, como a gravidez na adolescência, a ausência dos pais, drogas, e outros fatores que contribuem e comprometem a formação dos educandos.

A escola, em sua função social, está comprometida em incluir crianças portadoras de deficiências, e embora seja carente de recursos materiais, procura atender as crianças matriculadas que necessitam desses cuidados, por meio do serviço de duas profissionais habilitadas, as quais desenvolvem um trabalho de reabilitação.

Complementando as funções que atendam a diversidade dos educandos da escola, são desenvolvidos alguns projetos voltados para o desenvolvimento das habilidades dos sujeitos, entre os quais estão: Horta comunitária, que objetiva despertar nas crianças a preservação de espécies, assim como, garantir a segurança alimentar; projetos de leitura, e outros, todos voltados para disseminar o hábito da leitura não só no ambiente escolar, mas também junto aos familiares.

Na localidade de Mazagão Velho, onde a escola está localizada, acontece no mês de junho, os festejos de São Tiago, os quais envolvem toda a população local em suas diversas etapas e festejos. Essa manifestação de cunho religioso tradição está muito presente em todas as práticas escolares, bem como, nos projetos e nas demais atividades que acontecem no município, tendo em vista que a escola é formadora e incentivadora da cultura.

A seguir observa-se a escola Estadual Reisalina Ferreira Tomás no município de Tartarugalzinho. (Figura 7).

Figura 7. Escola Estadual Reisalina Ferreira Tomás/Tartarugalzinho.



Fonte: Melo, 2022.

A escola estadual Reisalina Ferreira Tomás é uma instituição que atende as modalidades de Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Seu funcionamento ocorre nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Conforme relatos da coordenação pedagógica, na escola são desenvolvidas iniciativas consideradas inovadoras, no sentido de possibilitar processos criativos que permitem uma redução de situações problemas que ocorrem na escola, tais como: indisciplina, depredações, falta de diálogo e não interação da família e da comunidade, com os integrantes da unidade escolar, levando à melhoria do desempenho escolar e à motivação de alunos e professores. Assim sendo, as atividades complementares, que são designadas como projetos, tornam a escola um espaço com outras características, pois além da aprendizagem, incorpora também o lazer, a cultura e o esporte, tornando-se um ambiente socialmente aberto, compartilhado também pela comunidade.

A seguir observa-se a escola Estadual Professora Maria Esmeralda Martins Moura no município de Amapá (Figura 8).

Figura 8. Escola Estadual Professora Maria Esmeralda Martins Moura/Amapá.



Fonte: Melo, 2022.

A Escola Estadual Professora Maria Esmeralda Martins Moura funciona em dois turnos, e atende o Ensino Fundamental. Conforme a coordenadora, a proposta pedagógica da escola segue orientações em conformidade com as Propostas Curriculares do Ensino Fundamental vigentes no estado do Amapá. Em análise ao PPP, a unidade educacional foi inaugurada em 1994. A designação foi escolhida em função do reconhecimento a uma profissional da educação falecida em um acidente. A escola, desde a inauguração, recebeu reforma em sua estrutura elétrica e hidráulica, além da ampliação em sua estrutura com a construção de salas, designadas como salas ambientes, que serviam para o atendimento da Educação Especial, nesse interim a escola foi equipada com uma diversidade de equipamentos, entre eles, os pedagógicos.

A coordenadora informou-nos que a escola, em sua maioria, atende alunos da área urbana do município, além de alunos de algumas poucas comunidades próximas, como a comunidade do cruzeiro. Essas crianças e adolescentes, em seu deslocamento até a unidade, são atendidas para seu deslocamento por meio de transporte escolar, realizado por ônibus e Kombi, as viaturas fazem parte do programa de atendimento escolar fornecido pelo programa de transporte do governo federal.

Atualmente, a Escola Estadual Maria Esmeralda atende uma clientela de quatrocentos e oitenta e sete (487) alunos distribuídos nos três turnos, sendo que trezentos e sete (307) alunos estão matriculados no turno matutino, divididos em seis turmas de 6º ano, quatro

turmas de 5º ano e quatro turmas de 7º ano; cento e trinta e três(133) alunos estão matriculados no turno vespertino, divididos em duas turmas de 8º e uma turma de 9ºano; e quarenta e sete(47) alunos estão no turno noturno,divididos em uma turma de EJA.

O Projeto Político Pedagógico da escola destaca e “prioriza a formação intelectual e cidadã do aluno trabalhando os valores morais tais como: ética, respeito, dignidade, transparência e honestidade, através do pensamento crítico”. Assim, a equipe escolar tem como objetivo desenvolver um trabalho com compromisso.

Constatou-se que, conforme informações coletadas no PPP da escola, a Unidade Escolar (UE) desenvolve projetos que contam com a participação de professores, alunos e equipe pedagógica. Vejamos alguns projetos desenvolvidos por esta instituição: 1) Projeto cultive a leitura em favor de si mesmo, que tem como objetivo tornar a biblioteca um local agradável e dinâmico, através de horários adequados para pesquisas,leituras interpretativas informativas, jogos pedagógicos, hora do conto, poesias, e outras ações oportunizadas sob a demanda do cotidiano escolar; 2) Projeto do uso adequado do laboratório de informática, o qual apresenta uma abordagem na conscientização do uso do laboratório de informática onde os alunos são público-alvo.A coordenadora da escola enfatiza que o projeto apresenta como ideia inicial, provocar a motivação em preservar ferramentas e objetos, tais como: computadores, mouse, monitores, cabos, cadeiras, entre outros; 3) Projeto de proposições de ações interventivas, visa transformações positivas no sistema educativo, e tem como objetivo favorecer o envolvimento dos alunos como coautores de suas aprendizagens por meio de estratégias didáticas e pedagógicas, buscando contribuir com o professor regente natransformação positiva do processo de ensino e aprendizagem, a partir de orientações e promoções de atividades interventivas; 4) Projeto formação continuada, que traz proposições de ações que visam a melhoria do processo de ensino e aprendizagem e da gestão escolar pela qualificação dos educadores, e tem como objetivo qualificar, por meio de ações de formação, os professores e os demais profissionais participantes da gestão escolar, para a melhoria do processo ensino aprendizagem.

A seguir observa-se a Escola Estadual Lourimar Simões Paes no município de Cutias do Araguari. (Figura 9).

Figura 9. Escola Estadual Lourimar Simões Paes/Cutias do Araguari.



Fonte: Melo, 2022.

A escola estadual de Cutias do Araguari denominada de Escola Estadual Lourimar Simões Paes, está localizada na rua Leovirgio Tolosa Soares, 624, no centro da área urbana do município.

A escola recebe alunos da área do entorno do município, principalmente do distrito do Gurupora, que embora tenha escola de ensino fundamental, o atendimento de deslocamento dos alunos é efetivado pelo transporte de cutias, esse meio de transporte escolar é resultado de um programa do Governo federal, que em parceria com o município realiza esse serviço, tanto de alunos dessas áreas, assim como alunos, proveniente de comunidades localizadas as margens do rio Araguari, de acordo com informações da coordenadora, a escola realizou 428 matrículas provenientes de famílias, que dispões de recursos provenientes em sua maioria, de programas sociais de distribuição de renda do Governo federal.

De acordo com informações da coordenação pedagógica, a escola trabalha embasada na Proposta Curricular, a mesma adotada em toda a Rede Estadual de educação do Amapá. Em sua proposta pedagógica e metodológica, o fundamento do processo ensino-aprendizagem considera e valoriza as experiências prévias dos alunos, a escola apresenta ambientes diversificados de aprendizagem, conhecidos como sala ambientes, por exemplo sala de informática, leitura, sala de projetos de ciências, além de espaços de lazer como quadras e auditório.

São projetos desenvolvidos pela escola, na área educacional temos as feiras de ciências, além de jogos internos, que ocorrem no mês de dezembro, também, os projetos vinculados às salas de leitura. Esses projetos são propostos, a partir da necessidade de superação de problemas de aprendizagem identificados pela escola.

Sendo questionada sobre a proposta pedagógica e metodológica da escola, pois a mesma localiza-se em área rural, de que forma foi construído o PPP e se essa peculiaridade e especificidade regional, ou seja, a originalidade do lugar, ou seja, o campo, em seus aspectos, terra, cultura e trabalho, foi considerado em seu currículo, bem como, na seleção dos seus conteúdos. A resposta foi positiva, que além desses aspectos, outros elementos da fisiografia local, como Hidrografia, lagos, solos, clima, e seus elementos também fazem parte da proposta de formação da escola, objetivando uma aprendizagem significativa.

A seguir observa-se a fachada da escola estadual Maria Ferreira Alves no município de Ferreira Gomes (Figura 10).

Figura 10. Escola estadual Maria Ferreira Alves/Ferreira Gomes



Fonte: Melo, 2022.

A Escola Estadual Maria Ferreira Alves, localiza-se no núcleo urbano do município Ferreira Gomes e está ambientada em uma área que apresenta formação de campos, com relevo ondulado, poucos declives e baixa altitude, e com paisagem bastante alterada pela ação decorrente de projetos instalados na área, tais como projetos hidrelétricos e o

agronegócio do plantio de soja. A escola atende uma população que, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), conta atualmente com trezentos e quarenta e dois (342) alunos na modalidade Fundamental II, do 6º ao 9º ano (PPP Escola Maria Ferreira Alves, 2017, p.34).

Como resultado da adequação da escola à realidade social dos seus educandos, e objetivando atender a diversidade de aspectos que caracterizam os sujeitos do campo, a escola adotou e construiu sua proposta curricular estruturada sobre dimensões como a terra, o trabalho e a cultura, valorizando as vivências e fomentando o direito dos sujeitos locais à uma educação de qualidade. A escola instituiu itinerários formativos, fundamentados em construções coletivas, que realçam o aspectos históricos das relações envolvidas nos processos.

Para o Município afluíram uma grande leva de trabalhadores que, após o encerramento dos projetos fixaram residência no município; além desses, uma parcela significativa de alunos provém da zona rural, como por exemplo, os assentamentos, sendo que boa parte utiliza o transporte escolar para o deslocamento. Fazem parte, também, da clientela da escola, um grupo originário da comunidade Paredão.

A escola, em sua política propositiva de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, tornando-os sujeitos protagonistas de ações e propostas que os protejam, desenvolve projetos que possibilitem uma formação emancipatória. Nesse sentido, é desenvolvido o projeto de horta escolar, com o objetivo de desenvolver uma consciência ambiental, salientando a importância que os hortifrúti tem na garantia da segurança alimentar no ambiente escolar. Assim, em parceria com a associação dos agricultores locais, são desenvolvidas oficinas, nas quais são implementadas técnicas de produção de mudas de verduras e de essências aromáticas e medicinais, além da criação de pequenos animais.

A seguir observa-se a fachada da escola Joaquim Nabuco no município de Oiapoque (Figura 11).

Figura 11. Escola Joaquim Nabuco no município de Oiapoque.



Fonte: Melo, 2021.

A Escola Estadual de Ensino Médio Joaquim Nabuco, localizada na sede do município de Oiapoque no Estado do Amapá, está situada na Rua Dr. Lélío Silva no 719, Centro. Foi criada em 10 de janeiro de 1966, por meio do Decreto no 14/66-GAB, primeiramente com o nome Ginásio Normal Rural do Oiapoque no então, Território do Amapá.

Diante das problemáticas presentes dentro da escola, tais dificuldades são sanadas a partir de um ensino-aprendizagem necessário e significativo para o aluno. Assim sendo, A escola realiza o censo escolar todos os anos, e apresenta dados significativos, que requer uma atenção da equipe gestora, comunidade escolar e comunidade local.

A escola participa de avaliações: Prova Brasil, Saeb onde observa-se os rendimentos de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, que reflete diretamente no fazer pedagógico e ensino-aprendizagem da escola.

A escola tem uma estrutura física adequada para desenvolver atividades pedagógicas, entretanto, precisa renovar alguns setores como: Laboratórios de Informática, assim como a sala do AEE, revitalizar os Laboratórios Biologia-Ciências e criar laboratórios para Química, Física e Matemática.

A escola recebe uma clientela diversificada oriundas de diversas localidades do Estado e do Brasil, totalizando 851 alunos matriculados inicialmente no ano letivo de 2022. Possui um quadro com 38 docentes todos com qualificação para ministrarem os componentes curriculares que abrangem as Matrizes Curriculares tendo no Ensino Fundamental II, Ensino Médio Regular e no Novo Ensino Médio em tempo Integral.

A escola desenvolve projetos que conta com a participação da comunidade local como Os Jogos Interno da Escola-JIJON, Forró Nabuquense, Projeto DSTS-AIDS, Feira de Ciência, Cantata Natalina e Banda Fanfarra, Projeto representante de turma, Nivelamento, Progressão parcial, Classificação, Pós Médio. Além dos projetos educacionais a escola também participa de intercâmbios com escolas de Saint George e Caiena cidades pertencentes a Guiana Francesa.

A escola apresenta um número considerável de alunos indígenas matriculados tanto no ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e que trazem consigo experiências diferenciadas e riquíssimas que devem ser valorizadas pela escola.

Desta forma, a Escola Estadual Joaquim Nabuco é um ponto de referência positiva para as pessoas que ali chegam mesmo com as problemáticas existente é a escola mais conhecida do Município. Portanto, a Escola Estadual Joaquim Nabuco tem o compromisso de propor estratégias para a melhoria da qualidade do ensino, contribuindo com a formação básica dos cidadãos oiapoquenses.

A Escola Estadual Joaquim Nabuco, tem como meta ofertar uma educação de qualidade pautada para a realidade do mundo globalizado, levando em consideração a realidade local, onde os conteúdos curriculares possam ser integralizados e articulados a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural.

A escola desenvolve projetos que buscam a participação assídua do aluno, e assim ocupem suas mentes e sejam donos do seu protagonismo. A escola possui uma diversidade cultural muito diversificada, entre este público temos educandos: Indígenas, quilombolas, negros, brancos, pardos, especiais, vale frisar que tal diversidade pertencem as variadas classes sociais. No que diz respeito ao atendimento educacional inclusivo neste ano existe na escola um público de 21 alunos especiais com uma diversidade infinita, as professoras do AEE (Atendimento Educacional especializado) se encontram na escola para a organização e desenvolvimento do projeto afim de não deixar nenhum aluno desassistido a escola e trabalha mesmo com as carências existentes no ambiente escolar para incluir esses sujeitos como cidadãos na nossa sociedade.

## 4.2 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES DAS ESCOLAS PESQUISADAS

Esta pesquisa buscou coletar informações relacionadas às escolas do estado amapá, as quais estão localizadas em sete (07) municípios e oferecem o 6º ano do Ensino Fundamental. Segundo levantamento realizado junto à Secretaria estadual de Educação, constatou-se que esse nível de ensino é ofertado em quatorze(14) municípios.

De posse dessas informações, foram realizadas visitas às unidades de ensino, e desse processo aprofundou-se os conhecimentos sobre os aspectos pedagógicos, estruturais e demais atividades que ocorrem nesses espaços. A partir do diálogo com diversos agentes que atuam nessas escolas, os quais desempenham atividades de gestão pedagógica e de apoio. Também foram coletadas diversas informações sobre o Projeto Político Pedagógico, que, em muito, proporcionaram subsídios e conhecimentos fundamentais para a pesquisa. Além disso, a contribuição dos docentes, que estavam sempre dispostos a responder as perguntas das entrevistas, propiciaram uma gama de informações importantes. Assim, como resultado desse processo, fica evidente que os aspectos que caracterizam as escolas pesquisadas estão relacionados à ênfase para o perfil e quantitativo dos alunos matriculados, quantidade de docentes, localização da escola, além de programas e projetos desenvolvidos nas unidades de ensino no ano de 2021.

Ao se debruçar sobre o cotidiano das escolas acompanhadas pela pesquisa, foi fácil constatar, após breve diálogo com o coletivo escolar, que embora as escolas utilizem práticas inovadoras em seu processo de ensino-aprendizagem, as quais representam o desafio de educar com qualidade, sofrem ainda pela ausência de infraestrutura adequada, além da falta de investimentos em formação e desenvolvimento profissional, situações que comprometem o processo de ensino/aprendizagem.

## 5. A PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS E O PLANEJAMENTO DOS PROFESSORES

### 5.1 A PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS

Pode-se dizer que a paisagem no livro didático possibilita ao educando a reflexão e a compreensão do seu espaço de vivência, em que protagonize os fatos que ocorrem nos lugares expressos nas temporalidades e espacialidades contidos na paisagem. Neste contexto, fica claro que “a paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes[...] é uma espécie de marca da história do trabalho” (CAVALCANTI,2016).

Como bem nos asseguram Alves, Lemos e Negreiros (2014) pode-se dizer que, na atualidade, os estudos da paisagem têm permeado a pauta de muitas discussões, sejam elas nacionais ou internacionais. Neste contexto, a renovação e a constância das discussões têm reunido e amalgamado as diversas especialidades para se pensar a sociedade em sua totalidade. Não é exagero afirmar que, mesmo sendo um conceito clássico da Geografia, a paisagem, na contemporaneidade, por meio da inserção de novas variáveis em sua análise, tem possibilitado a compreensão do espaço geográfico em sua complexidade.

A reflexão sobre o conceito de paisagem no ensino, o qual possibilita que os aspectos vivenciados pelos educandos sejam inseridos no processo de construção de novos conhecimentos, só é possível a partir da aproximação dos conteúdos sistematizados nos livros ao acervo de saberes vivenciados pelo educando em seu cotidiano, isto por sua vez, irá propiciar que o aluno se constitua protagonista na construção do seu conhecimento. Portanto, o ensino do conceito de paisagem contribui para o fortalecimento e aplicação de princípios e valores, como a autonomia e o discernimento, diante dos desafios impostos à sociedade contemporânea.

Conforme verificado por Carlos e Cruz (2019), o conceito de paisagem apresenta uma diversidade de abordagens e aspectos que realçam a importância histórica relacionada à memória. Seria um erro, porém, dizer que a paisagem não é dinâmica, pois seus movimentos são expressos nas diferentes idades, ou seja, nas diversas temporalidades. Assim, reveste-se de particular importância o ritmo de mudanças expressos na paisagem.

Sob essa ótica, o entendimento da paisagem está relacionado à relação espaço/tempo e como estes influenciam na vida, nas relações e no trabalho dos sujeitos. Por isso torna-se

importante verificar e entender como essa atuação ocorre no espaço geográfico e acabam influenciando em sua configuração espacial.

O conceito de paisagem, no ensino da Geografia, possibilita o entendimento e a compreensão do espaço vivido no dia a dia do educando, o que possibilita sua articulação com a sociedade global. Além disso, proporciona a interpretação, que se estabelece pela ação do trabalho nos modos de vida das pessoas, e a reflexão de como são estabelecidas as relações da sociedade com a natureza. Assim sendo, “ao estudar paisagens, devemos investigar a sua transformação no tempo. O estudo de uma paisagem começa pelo entendimento histórico das camadas do tempo” (CARLOS E CRUZ, 2019, p.233).

Em tese, conforme explicado anteriormente, o ensino da paisagem na disciplina de Geografia contribui para a formação social, caso contrário, o ensino não possibilitaria a formação para o exercício consciente da cidadania. Não se trata, por exemplo, de construir conhecimentos sem que haja uma relação significativa para o educando, no entanto, lamentavelmente, a prática do cotidiano tem mostrado um distanciamento do que é construído coletivamente no ambiente escolar, com a realidade vivenciada pelo educando.

No ensino da geografia, é necessária a formação do conceito de paisagem, que pressupõe a concepção de que os espaços têm uma forma (paisagem) que expressa seu conteúdo ( o movimento social) de que a paisagem revela as relações de produção da sociedade, seu imaginário social, suas crenças, seus valores, seus sentimentos[...] existe uma distância muito grande entre o conceito científico e o conceito cotidiano de paisagem com o qual o professor deve contar no momento de iniciar o trabalho de construção do conhecimento a ser desenvolvido no ensino (CAVALCANTI, 2016,p.33).

Na citação anterior, o autor deixa claro que a reflexão sobre o conceito de paisagem no ensino da Geografia possibilita a construção subjetiva de conceitos geográficos e proporciona a compreensão de que os aspectos que configuram o espaço geográfico resultam de um processo histórico. É importante frisar que, para obter uma aprendizagem significativa é necessária uma coordenação que articule os conhecimentos sistematizados, com os conhecimentos advindos do educando em sua vivência, e isso só ocorre num processo de construção coletiva e democrática desenvolvido no ambiente escolar.

O conceito de paisagem nos livros apresenta um conjunto de informações que considera que o espaço de vivência possibilita ao educando desenvolver uma consciência social, além de torná-lo capaz de interpretar o mundo em que vive. Por isso, é importante desenvolver outras estratégias pedagógicas e metodológicas através de uma construção coletiva, que considere a diversidade de recursos didáticos disponíveis na sociedade atual, como maquetes, trabalhos de campo, e outros. Assim, além de despertar

habilidades para atuar e ser capaz de fazer escolhas conscientes e influenciar na construção da identidade do educando, o ensino da paisagem será significativo se nesse processo a natureza for valorizada.

O livro didático proporciona ao educando o acesso ao conhecimento construído historicamente, e para além disso, possibilita uma proposta curricular que atenda a realidade do aluno, ao promover um processo de ensino-aprendizagem que contemple uma formação cidadã, pois propõe conteúdos numa perspectiva dos direitos humanos, com pedagogias inovadoras. Nesse sentido, o livro didático deve propor uma análise criteriosa quanto aos conteúdos, além de prezar pela atualização das informações, no que se refere ao tratamento dos conceitos e categorias utilizadas.

De forma geral, o livro didático atende as demandas do processo educativo como fonte quase que exclusiva na totalidade dos espaços escolares. Assim sendo, sua importância está relacionada à investigação e ao processo de construção e ressignificação de conceitos. Portanto, é importante compreender de que forma o conceito de paisagem é tratado no livro didático, tanto em seus aspectos didáticos, quanto em seus aspectos metodológicos.

Compreender a realidade a partir da reflexão dos seus diferentes aspectos, articulando-os em suas múltiplas dimensões, proporciona uma formação plena, o que constitui o objetivo de todo processo de ensino numa perspectiva cidadã, sem contar que o livro didático, contribui significativamente na aprendizagem, pois proporciona conteúdos que consideram a perspectiva do aluno. Desse modo, conhecer as abordagens e aplicações da categoria paisagem, do ponto de vista dos autores, torna-se fundamental para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

A paisagem, enquanto categoria de análise da ciência geográfica, proporciona a compreensão analítica do espaço geográfico, identificando as múltiplas relações e interdependências, assim como, elementos e ações em escalas de temporalidades e espacialidades diferenciadas. Dessa forma, o livro didático, enquanto instrumento e suporte no processo de ensino-aprendizagem, desempenha um papel importante na sociedade atual, e ao ser bem planejado em sua escolha, pode transformar-se em principal fonte de atualização e consulta.

Sabendo que o objetivo da pesquisa é conhecer o enfoque e como os autores aplicam a categoria paisagem no livro didático, serão levados em consideração a diversidade de pressupostos que caracterizaram os diferentes movimentos de renovação na ciência geográfica. Na sequência, um dos passos utilizados para elucidar o objetivo geral do trabalho,

será analisar se o conceito de paisagem é tratado em todas as etapas e capítulos do livro ou se restringe-se somente a alguns.

A pesquisa gira em torno da análise de seis (06) coleções de livros didáticos de Geografia do 6º ano do ensino fundamental, com enfoque para o conceito de paisagem. Por conta disso, só as referências relacionadas à categoria serão consideradas na pesquisa. Ademais, com base nos dados obtidos, realizar-se-á uma análise para tentar identificar se a inserção metodológica dos autores considera sua vinculação ao materialismo histórico, ao positivismo ou à corrente ligada a fenomenologia. Em outro momento, será analisado se os autores propõem atividades extracurriculares considerando a categoria paisagem. O último dos objetivos específicos será levantado junto à bibliografia, a fim de identificar qual o método utilizado pelo autor.

## 5.2 O PLANEJAMENTO DOS PROFESSORES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Segundo Pozo (2008), o processo de ensino/aprendizagem constitui-se diferentemente da compreensão dos fatos, os quais são apreendidos literalmente pelos educandos. Nesse sentido, os conceitos ressignificados por estes, exigem experiências e conhecimentos prévios, que articulados aos conhecimentos científicos aprendidos e ressignificados coletivamente na escola, produzem um conceito que possibilita a eficácia da aprendizagem, ao fazer relação entre este contexto e a relação com o cotidiano do aluno.

Assim, um professor de Geografia do Ensino fundamental II, deve levar seu aluno a compreender, gradativa e simplificada, como se dá o processo de produção do espaço, quais interações envolvem este, quais agentes participam e em quais escalas; e, ainda, como o aluno participa ou se relaciona com esse processo. Nesse sentido, os conceitos de espaço, lugar, território, paisagem e região, ajudam no processo de ensino-aprendizagem dessas relações socioespaciais (TRINDADE et al., 2017, p.31).

Pode-se dizer que o ensino de Geografia possibilita ao aluno se identificar como sujeito que constrói o espaço geográfico, pois a partir das relações sociais expressas na paisagem, é possível identificar as espacialidades resultantes do trabalho humano. Assim, o autor deixa claro que se trata de compreender e interpretar, a partir desses conceitos, os arranjos sociais que ocorrem no ambiente de vivência dos educandos. Dessa forma, seria um erro atribuir pouca relevância a esses aspectos, pois conforme citado anteriormente, sua

inserção nos processos didáticos pedagógicos resulta em eficácia no ensino-aprendizagem de Geografia.

De acordo com Martins, Pedroso e Costa (2021, p. 172):

A Geografia é importante [...], dentro da educação básica é primordial desde os anos iniciais. É imprescindível para entender em que lugar, região, território e paisagem encontram-se nos ambientes em que os indivíduos estão inseridos. Os aspectos citados são organizados dentro dos conceitos de espaço geográfico, delineados como, espaço natural, sendo relacionados aos elementos da natureza e o espaço geográfico cultural, o que é interferido, transformado e modificado pelos indivíduos, como os correlacionados as questões políticas, econômicos, culturais e sociais.

Conforme mencionado pelos autores, o ensino da Geografia, nos anos iniciais do ensino fundamental, possibilita compreender e desenvolver habilidades de observação e comparação relacionadas ao seu espaço de vivência. Por isso, a ênfase dada à utilização dos conceitos geográficos, entre eles, o de paisagem, possibilita identificar as interfaces de relações determinantes das configurações socioespaciais que expressam as mudanças que ocorrem no espaço geográfico.

Em Geografia, o conceito de paisagem possibilita a compreensão dos diferentes aspectos da realidade vivenciada pelo educando. Além de proporcionar maior clareza e identificação das interfaces entre os aspectos culturais, sociais e econômicos, bem como suas dinâmicas. Contudo, é importante ressaltar que a reflexão tem que ser analítica e não descritiva. Conforme Oliveira *et al* (2020, p.75), “um estudo da paisagem que [...] crie conceitos com significados a ser aplicados na vida deve partir da valorização dos espaços de vivência dos alunos”.

Cavalcanti (2016, p.100) enfatiza que o ensino da paisagem está na base do entendimento da diversidade de arranjos socioespaciais presentes no lugar.

A forte associação entre paisagem e beleza, ou mesmo o estranhamento dessa ideia nos agentes de ensino, sugere, inclusive, que esse seja um primeiro elemento a ser explorado, na construção do conceito de paisagem. Em síntese, na formação do raciocínio geográfico, o conceito de paisagem aparece [...], no primeiro nível de análise do lugar, estando estreitamente ligado a esse conceito. É pela paisagem vista em seus determinantes e em suas dimensões, que se vivencia empiricamente um primeiro nível de identificação com o lugar.

Fica evidente a importância do ensino da paisagem na disciplina de Geografia e o papel desempenhado pelo professor no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o autor esclarece que o estudo da paisagem na Geografia possibilita a formação de uma consciência social por parte do educando, no qual ele apreende que os aspectos da paisagem resultam de relações sociais expressas nos modos de vida. Dessa forma, a escolha de

conteúdos que mais se aproximem da realidade dos educandos, possibilita o entendimento da dinâmica das relações que se estabelecem no lugar.

Segundo Straforini (2004), os conhecimentos que os professores possuem sobre a paisagem terão grande importância para a eficácia do ensino da Geografia. Além disso, irão possibilitar a formação plena do educando, levando-o à construção de suas primeiras impressões acerca do que é a dinâmica do espaço geográfico, a partir da realidade de seu espaço de brincadeira e convívio familiar e escolar, além de outros espaços por ele frequentado, como praças, igrejas, etc. Dessa forma, além de despertar a curiosidade em buscar explicações para o entendimento de mundo, ajudando-o a construir sua identidade e seu pertencimento em relação ao lugar a que pertence.

Neste mesmo pensamento, Martins, Pedroso e Costa (2021) elucidam que, para que haja eficácia do ensino da Geografia, o conhecimento que o professor possui sobre a paisagem torna-se fundamental para que no processo de ensino seja considerado as relações próximas e as experiências dos educandos, valorizando e respeitando suas experiências, a fim de atingir o resultado de uma aprendizagem que possibilite a compreensão da dinâmica socioespacial, em seu aspecto temporal.

Para Sá e Behrens (2019, p. 222), a importância dos conhecimentos que o professor possui sobre a paisagem está na possibilidade de que o educando, a partir da compreensão dos conceitos geográficos, interprete a realidade que o cerca, e assim desenvolva uma consciência sócio espacial.

Esses conhecimentos, quando absorvidos pelo professor, podem permitir o estudo do espaço geográfico em suas dinâmicas socioculturais, socioeconômicas e ambientais. Tendo em vista que há a necessidade de pensarmos a Geografia como uma Ciência Multidimensional, como domínio científico culturalmente híbrido na formação dos sujeitos. Por isso, nessa perspectiva, o espaço geográfico, no contexto da Educação Geográfica, passa a ser pensado em suas interconectividades e multirreferencialidades, ou seja, nas escalas socio geográficas de análise dessa inter-relação.

Como se pode verificar, a importância do professor em apropriar-se de conhecimentos relacionados à paisagem, está em aplicar o conhecimento produzido sobre a paisagem de forma coletiva, a partir da realidade do educando, possibilitando o desenvolvimento de uma formação social permeada de valores e princípios, para que haja o fortalecimento de sua identidade. Evidentemente, a aplicação pode ser utilizada para a compreensão e interpretação dos arranjos socioespaciais em sua dinâmica, considerando suas dimensões.

O professor, com uma formação embasada em fundamentos teórico-metodológicos sobre as categorias geográficas, entre elas a paisagem, fará escolhas de conteúdo, seleção de práticas e recursos didáticos-pedagógicos que considerem o cotidiano, possibilitando ao educando um entendimento sobre sua realidade. Cita-se, como exemplo, enquanto recurso de aprendizagem, a utilização de itinerários formativos, pois a adequação dos conteúdos do currículo à vida, se faz importante e necessária, tendo em vista que isso mostra que a escola está comprometida com as transformações socioeconômicas e culturais que estão acontecendo no momento.

Ainda para Sá e Behrens (2019, p. 213):

Para os sujeitos alunos, falar de lugar, expressar seus entendimentos sobre realidades de vida, suas visões de mundo, suas relações com o lugar de vivência, implica o contexto da prática educativa; assim, para emitir juízos de valor, modos de ver e pensar sobre o que viu e notou da paisagem local, torna-se basilar ao educando no campo da educação geográfica. Nesse sentido, a importância dos conhecimentos que o professor possui sobre a paisagem para a eficácia do ensino da geografia. Permitem desenvolver atividades didático pedagógicas, que possibilite ao aluno assumir postura diante de problemas na família, no ambiente escolar, além de outros grupos sociais, e que possa contribuir para um posicionamento consciente sobre seus direitos sociais, bem como, suas responsabilidades.

Logo, é importante compreender que os conhecimentos sobre a história da educação, além dos estudos sobre a ciência geográfica e o domínio de linguagens e métodos, são importantes para o bom desempenho em sala de aula. Todos esses aspectos exigem que o professor utilize estratégias pedagógicas que considerem os aspectos de concretude, ainda predominante na percepção dos alunos. Nesse sentido, vamos exemplificar a importância dos conhecimentos que o professor possui sobre a paisagem para a eficácia do ensino da geografia. E como o domínio de métodos e técnicas pedagógicas apropriadas são condições indispensáveis para que o professor possibilite ao educando a construção do conhecimento geográfico

### 5.3 ANÁLISE DAS COLEÇÕES ADOTADAS PELAS ESCOLAS PESQUISADAS

Antes de avançar nas análises das coleções, serão apresentados dois tópicos, sendo o primeiro: o Livro Didático como ferramenta de ensino – histórico sobre o Livro Didático – e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e partindo dessa premissa é que iremos a iniciar as análises das coleções propostas.

### 5.3.1 O livro didático como ferramenta de ensino

O livro didático é uma ferramenta que contribui de forma significativa para a aprendizagem, pois ele possibilita o acesso à uma diversidade de comparações que contribuem para o desenvolvimento intelectual do educando. O livro didático, pode promover um entendimento e compreensão das inúmeras realidades atuais (SILVA, 2017). Atualmente, as demandas impostas às escolas determinam que o livro didático esteja estruturado em aspectos do cotidiano, possibilitando uma contextualização da aprendizagem e contribuindo para uma educação de qualidade.

Como bem nos assegura Coutinho (2021), o livro didático, assim como os conhecimentos do seu contexto, sofrera no decorrer do tempo, influências de novas abordagens. Nesse sentido, novas formas de ensinar ampliaram os enfoques de acordo com as novas percepções dos fatos. Contudo, é preocupante constatar que a utilização do livro didático, sem uma reflexão, leva à uma aprendizagem sem significados. Nesse sentido, a utilização do LD dentro de um planejamento que considere as peculiaridades do contexto de ensino, acaba proporcionando uma formação plena. Portanto, pode-se dizer que o LD contribui para uma formação cidadã ao favorecer o desenvolvimento humano dos educandos.

Ressalta-se que o livro didático contribui para a construção de conhecimentos referentes à proposta de um planejamento fundamentado na diversidade de aspectos que compõem a realidade do educando, pois para Lima, Pita e Soares (2020) o livro didático não serve apenas como mediador da construção do conhecimento em sala de aula, trata-se de uma fonte que possibilita a formação de princípios e valores que norteiam as relações sociais. Dessa forma, seria um erro atribuir apenas a função conteudista a esse instrumento. Ademais, reveste-se de particular importância a sua convergência para o acesso à conhecimentos sistematizados e produzidos historicamente. Assim sendo, o autor deixa claro que a partir das práticas educativas estruturadas nos Livros Didáticos, podem ser construídas relações que proporcionem uma sociedade com mais equidade.

Considerando o período de tempo entre as duas fontes, e conforme mencionado pelo autor, é possível constatar que as concepções não divergem em seus aspectos conceituais e metodológicos, mas sim convergem para uma formação mais inclusiva, em conformidade com a Lei de Diretrizes da Educação Básica (LDEB), tendo em vista que os livros didáticos incorporaram novas variáveis conceituais, enquanto referenciais de análise. Esse aspecto preenche lacunas que no período recente atendiam apenas uma concepção funcional de sociedade, pois uma fundamentação orientada no respeito, na valorização da diversidade e na

vivência dos direitos humanos, possibilita uma formação cidadã. É importante salientar que o livro didático “é material de relevante contribuição para a história do pensamento [...] de construção e de formação societal” (LIMA, 2020, p. 261).

Em tese, o que ocorre em muitos livros didáticos é a ausência de fundamentação teórica e metodológica, comprometendo a construção de um conhecimento mais consistente e inibindo o educando de desenvolver diversas habilidades e competências. Conforme explicado anteriormente, o educando fica ausente de intervenções e debates mais radicais sobre questões do seu cotidiano, como por exemplo, as desigualdades sociais manifestas em seu dia a dia, bem como causas e possíveis formas de superar tais situações.

O livro didático de Geografia, como instrumento auxiliar da prática docente no processo de ensino-aprendizagem, tem se tornado o principal e, em muitos casos, o único recurso para o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas. Assim, exerce papel ativo no processo educativo do ensino fundamental como material didático de apoio nas atividades do professor. Dessa forma, o ensino de geografia em sala de aula é baseado em sua utilização, pois este é o recurso mais presente, e por isso é considerado a principal fonte de atualização e consulta de muitos docentes (ARAÚJO, FERNANDES E JUNIOR, 2013, p. 151).

Para diversos professores, o LD é a fonte que norteia sua pesquisa, seleção, elaboração, aplicação e avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, é importante que o professor tenha uma formação em bases filosófico-metodológicas que possam propiciar uma análise conceitual dos princípios e categorias que interferem e inter-relacionam-se na formação da realidade do educando.

Diante do exposto, fica evidente a importância do livro didático enquanto ferramenta de ensino. Entretanto, vale ressaltar que, embora ele exerça uma função formativa, precisa possibilitar ao educando, mediante a mediação do professor, uma ressignificação de conceitos fundamentados da realidade, além de inserir o compromisso com a formação social, fomento à educação em direitos humanos, assim como compromisso e respeito à diversidade. Dessa forma, o livro didático contribuirá de forma reflexiva para um ensino verdadeiro e transformador.

### **5.3.2 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**

O Programa Nacional do Livro didático (PNLD) é um programa que a partir da constituição de 1988, tornou obrigação do estado garantir aos níveis e modalidades de ensino,

entre eles o ensino fundamental, material didático escolar, transportes, etc. Para tanto, o PNLD é um suporte didático-pedagógico para a Política Educacional Brasileira que acompanha não somente as mudanças das teorias e estudos no que concerne à Educação, mas também processos políticos, sociais e econômicos pelos quais a nação brasileira passa (LIMA, OLIVEIRA E LIMA, 2020).

Como bem nos asseguram, Schiefelbein, Biegging e Inácio (2021), pode-se dizer que o PNLD, a partir da reflexão, possibilita uma aprendizagem significativa a partir das subjetividades do educando. Nesse sentido, para o PNLD a perspectiva do livro didático é proporcionar a criticidade dos alunos. Contudo, pode-se constatar que ainda ocorre uma relação, em sua maioria no contexto escolar, de desvinculação dos conteúdos com a realidade do aluno. Portanto, não é exagero afirmar que tal interpretação contraria a proposta do PNLD.

É interessante enfatizar que o PNLD está atento à dinâmica da sociedade e à organização do livro didático, possibilitando a esse recurso didático o despertar da criticidade. Mas um fato que se sobrepõe, é que as propostas de ensino na perspectiva do LD estão descontextualizadas. Mesmo assim, não parece haver razão para que não seja uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem. Assim, entende-se que há uma relação direta entre a construção de conhecimentos e o desenvolvimento cognitivo do educando.

Conforme verificado por Silva e Vilarinho (2020), o PNLD assume grande importância no sistema de ensino em território brasileiro. Os autores deixam claro que se trata de um recurso que está constantemente sendo aprimorado, a fim de atender às novas demandas de formação impostas pela sociedade. Assim, reveste-se de particular importância a seleção dos livros propostos pelo PNLD. Sob essa ótica, é de grande relevância para a escolha do livro didático a seleção de conhecimentos ou competências definidas pela Base Nacional Comum Curricular.

Considerando que os autores enfatizam a importância do PNLD, é possível constatar que as concepções convergem, no sentido de que o PNLD, na medida do possível, tem acompanhado as demandas de formação de um educando reflexivo e crítico, além de proporcionar metodologias mais significativas. Salienta-se que esses aspectos atendem às demandas da BNCC, ao consolidarem uma proposta de ensino que contribui na aplicação de conhecimentos imprescindíveis para o exercício da cidadania. Assim sendo, “o PNLD tem fomentado mudanças significativas [...] ao tornar os professores protagonista da avaliação de sua qualidade” (SILVA, 2020, p. 26).

Em tese, o PNLD avançou e se mantém no cenário educacional em função de sua flexibilidade em adequar-se às demandas impostas pela sociedade. Caso contrário, já teria

sido substituído. Claro que não se trata de uma ferramenta que preenche todas as lacunas do sistema de ensino, pois na perspectiva da aprendizagem e da inclusão, lamentavelmente, o PNLD ainda diverge em muitos objetivos da aprendizagem. Mas em contrapartida, o PNLD vem evoluindo não só pela própria dinâmica do seu desenvolvimento, mas também pela crítica constante de professores da educação básica brasileira e de especialistas ligados à academia. Não diferentemente, a crítica continuada também vislumbra outros problemas que surgem da própria caminhada e ensejam uma resolução equivalente às demandas que surgem do campo escolar (BUENO, CREMA E NETO, 2018, p. 110).

Nesse sentido fica claro que o foco do PNLD, embora tenha acompanhado as diferentes concepções que fundamentam o desenvolvimento do conhecimento humano em sua perspectiva histórica, busca atender às demandas educacionais com novas competências e habilidades para lidar com o conhecimento. No entanto, esse intento, ainda não foi alcançado pela proposta do PNLD, pois mesmo diante de importantes reflexões de professores e instituições, esse propósito ainda está aquém de um contexto que possibilite ao educando uma reflexão que envolva a totalidade dos aspectos da realidade humana.

Lima, Oliveira e Lima (2020, p. 129) propõem sobre o PNLD:

O papel dos materiais nesse processo revela, a constante necessidade da elaboração de programas que possibilitem a estes abrangerem as novas exigências que surgem na atualidade. Nesse processo, é fundamental a atuação de profissionais qualificados e a possibilidade de envolvimento dos próprios profissionais da educação que lidam diariamente com os desafios da prática docente. A participação destes, inclusive, na escolha dos livros, possibilita que chegue às instituições de ensino um material coerente com a realidade de cada escola e que atenda as exigências em âmbito nacional.

Pode-se dizer que mesmo diante do avanço das mídias, o autor deixa claro que os recursos didáticos do PNLD se mantêm. Neste contexto, conforme citado acima, a realidade do educando tem sido preservada pelo programa. No entanto, salienta-se que se não houver participação docente, não há avanços do programa.

Fato é que, o programa tem sustentado sua proposta de avançar na qualidade de sua produção, possibilitando maior participação. Ademais, “O PNLD busca assegurar o direito de alunos e professores [...] que estejam a serviço da prática docente, de forma que, ao abordarem os conteúdos, apresentem propostas que ampliem os processos de ensino e aprendizagem” (SOUZA E ARANHA, 2016, p. 72).

Conforme foi verificado, a opinião dos autores converge na ênfase pela busca de melhorias na qualidade do material didático. Por isso, torna-se relevante fomentar a importância da participação na elaboração deste recurso, elucidando a reflexão e a crítica dos

sujeitos envolvidos em sua produção e seleção. Sob essa ótica, ganha particular relevância o aspecto democrático na construção dessa importante ferramenta no ensino e na aprendizagem. Conforme citado acima, o PNLD é realizado por meio de ações que buscam assegurar o direito de alunos e professores de escolas públicas a terem acesso a livros didáticos de melhor qualidade (SOUZA E ARANHA, 2016). Neste contexto, a problematização dos conteúdos propicia alternativas de aprendizagem significativas. No entanto, é preocupante constatar que este documento apresenta lacunas como a ausência de conteúdos regionais. Ainda assim, pode-se afirmar que o PNLD tem elaborado e produzido materiais que convergem para aspectos da diversidade em escala global.

Segundo Bueno e Neto (2017, p. 475), “o fenômeno de valorização e afirmação da diversidade sociocultural [...] é critério para a escolha das obras no Programa Nacional do Livro Didático”. É importante ressaltar que a formação do educando tem atendido a construção de habilidades para compreender as multidimensões da sua realidade. Assim, é preocupante o fato de que o não acesso à formação possa comprometer o futuro social do educando, tendo em vista que este não preencherá o perfil de habilidades compatíveis com o novo momento da sociedade. Sendo assim, é importante realçar que embora o PNLD, no que se refere à produção de livros, não supere lacunas que atendam aos contextos locais, sua contribuição é de extrema importância, pois a partir de conteúdos atualizados de acordo com as experiências e vivências dos educandos, tem-se a possibilidade de dinamização do processo de ensino-aprendizagem.

Garcia, Selbach e Santos (2011, p. 387) afirmam que:

A qualidade dos livros didáticos do PNLD disponíveis nas escolas, e a consciência dos educadores sob a sua responsabilidade em escolher o material que irão trabalhar com seus estudantes durante o ano, pois cabe a eles essa seleção e a condução dos alunos à uma aprendizagem concreta e que possibilite a esta geração a chance de tornar o planeta um pouco melhor e que estes, tendo por base os livros didáticos e o professor em sala de aula ajudem-no a caminhar para a sustentabilidade.

A ideia do PNLD é a melhoria da qualidade do Ensino Fundamental, considerando que o livro constitui um dos mais importantes suportes pedagógicos no trabalho do professor. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, fica garantido como dever do Estado a educação escolar pública e o atendimento ao educando no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar. Portanto, o PNLD situa-se nesse contexto.

Tonini (2018, p. 85) define o PNLD como um importante instrumento de avaliação das coleções didáticas, além disso pode ser compreendido como um relevante espaço de

possibilidades e questionamentos, tanto do processo quanto do próprio conteúdo do livro didático. Nesse sentido, Fernandes (2021, p. 124) ressalta que:

Segundo a BNCC [...], as obras do PNLD devem conter elementos relacionados ao protagonismo juvenil, escola que acolhe as juventudes, desafios da sociedade contemporânea, contextualização dos conhecimentos, resolução de problemas da realidade, solução não violenta de conflitos, entre outros. O objetivo é tornar a etapa de ensino que concentra os maiores índices de abandono de estudantes mais atraente e mais próxima da realidade dos discentes.

Para Deon (2017), o PNLD é a mais antiga política pública, a qual possibilita que as escolas de educação básica no Brasil tenham acesso ao Livro Didático. Isto diz respeito à democratização de recursos formativos, entre eles, os Livros didáticos, tendo início com a criação do INL em 1929. Em 1938, passou a se chamar Comissão Nacional do Livro e em períodos posteriores sofreu influências sociais, políticas e econômicas decorrentes das transformações ocorridas no país. Dessa forma, seria um erro afirmar que no processo de desenvolvimento do PNLD não houve avanços qualitativos, como a qualidade dos conteúdos que compõem o LD. Assim sendo, a importância das mudanças introduzidas constitucionalmente em 1988, acabaram refletindo no direcionamento para a formação de competências e habilidades, focadas no capital humano. Sob essa ótica, ganha particular relevância uma nova proposta de cidadania para a emancipação social.

Um bom livro, para os professores, é aquele que além de possuir atividades práticas, contém boas imagens, ilustrações, conteúdo organizado e linguagem acessível. Além disso, deve estar de acordo com a realidade do aluno para que ele se interesse e se aproprie dos conteúdos estudados. Nesse sentido, a visão geral do livro é um fator de suma importância para o professor (BOTON, 2014, p. 44-45).

O livro didático se apresenta numa dupla função de mediação do conhecimento: instrumento de aprendizagem dirigido ao aluno e veículo de formação e atualização concebido para ajudar o professor. Nesse sentido, as políticas para o livro didático atuam na definição de um currículo efetivo, mas também incidem sobre a formação docente, muitas vezes com a intencionalidade de contribuir para o seu processo de qualificação e oferecer oportunidades que ampliem a aquisição de saberes disciplinares pertinentes à sua prática (ALVES, 2011, p. 36).

Conforme citado anteriormente, o PNLD por meio do LD, além de ser um recurso que possibilita o acesso ao conhecimento por parte do aluno, proporciona ao professor conhecimentos que contribuem para o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica, tornando mais eficaz o processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, fica evidente que o Livro Didático contribui e motiva os sujeitos envolvidos no processo de ensino.

### 5.3.3 Análise das coleções selecionadas

Uma análise de LD descortina ao pesquisador diversas paisagens que podem ir desde o estudo da cultura escolar, em uma determinada época, à identificação de possíveis razões de dificuldades de aprendizagem e elaboração de sequências didáticas. Assim, é importante que a análise de um livro considere aspectos que contribuam para a construção do conhecimento do aluno.

A seguir observa-se as coleções selecionadas para a pesquisa. (Figura12).

Figura 12. Capa dos livros utilizados como fonte da pesquisa

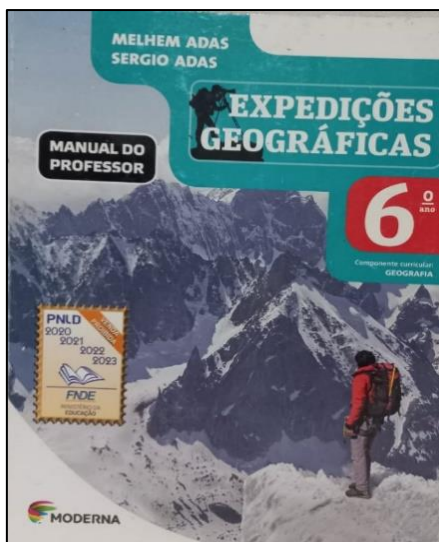


Fonte: Melo, 2022.

### 5.3.3.1 Livro Expedições Geográficas

Quanto à estrutura do livro Expedições Geográficas (ADAS,2018), ele está dividido em capítulos que recebem a denominação de percurso. Os autores enfatizam, quanto à concepção de paisagem, que as forças sociais decorrem das ações humanas, transformam o espaço e modificam a paisagem. E no que se refere à ilustração que se apresenta na capa, é importante ressaltar que ela remete à uma paisagem, predominando elementos naturais como montanhas cobertas de gelo, tendo como destaque um observador.

Figura 13. Capa do livro Expedições geográficas



Editora: Editora Scipione, ano de publicação:2018

Autores: Melhem Adas / Sergio Adas.

Formação Acadêmica: Melhem Adas: Possui Bacharelado e licenciatura em Geografia pela faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Banto, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Ensino Fundamental, Médio e superior na rede pública e em escolas privadas do estado de São Paulo.

Formação Acadêmica: Sergio Adas é doutor em Ciências, na área de concentração Geografia Humana, pela faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Faculdade de educação da Universidade de São Paulo. É Bacharel e Licenciado em Filosofia e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Artes de Ribeirão Preto, ambos pela Universidade de São Paulo.

Fonte: Melo, 2022.

Escola que adotou o livro: Escola do Amapá

O livro – Expedições Geográficas, na unidade 1, denominado – Espaço, paisagem lugar e território, no percurso 1, os autores contextualizaram o espaço geográfico, ilustrando com personagens do cotidiano, prosseguindo, já no percurso 2, - a Paisagem geográfica é conceituada, além de serem tratadas aspectos relacionados a mudanças e permanências das paisagens, além disso, são tratados alguns tipos de paisagem, bem como as paisagens dos povos originários do Brasil, nos demais percursos que formam o volume é possível constatar que os autores consideram as leituras e saberes dos educandos sendo possível trabalhar os aspectos multidimensionais da realidade dos alunos como: naturais, econômicos , culturais, políticos ,ambientais e que conferem dinamismo e complexidade, bastando para tanto as possibilidades aos educandos de metodologias que possibilitem sua inserção enquanto sujeito na construção dos conhecimentos em sala de aula.

É dado ênfase pelos autores em suas abordagens, a paisagem e suas dinâmicas, decorrem da ação indissociáveis entre a ação humana e a natureza, com o enfoque aplicados pelos autores que consideram a vivência e as experiências na interpretação do espaço geográfico e conseqüentemente a paisagem.

No livro - EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS, a paisagem é abordada no capítulo 1 como um conteúdo, porém poucas vezes durante a obra é retomado esse conceito.

O livro apresenta a categoria paisagem juntamente com outros conceitos da ciência geográfica, entretanto, no percurso 2, a paisagem é abordada como conteúdo, no entanto no decorrer da obra o conceito não é aplicado com relevância na explicação para compreensão e análise do espaço geográfico. Nesse sentido, é possível identificar que os elementos que constituem as diferentes paisagens, principalmente os naturais como (relevo, vegetação, hidrografia), embora, apresentem uma sequência em suas abordagens, não apresentam interfaces de conexões entre eles.

No capítulo 6, na interpretação de mapas, usa-se a expressão - espaço geográfico, para referir-se ao relevo brasileiro. Num exercício de observação de figuras, explica-se os espaços geográficos vistos nas fotos e a caracterização daquele lugar. Mas a paisagem não é trabalhada.

Em outros percursos é possível observar, que as configurações paisagísticas, que representam diferentes elementos como o relevo, em sua análise são tratadas como espaço geográfico, não utilizando a categoria paisagem na interpretação desse aspecto natural do espaço geográfico.

No capítulo 13, trabalha-se as formas do relevo continental e os agentes do modelado e recorre-se ao conceito paisagem na introdução ao afirmar: quando você viaja ou assiste a filmes na televisão ou no cinema, deve perceber que a paisagem varia de um lugar para o outro da superfície terrestre (ADAS, 2015, P. 16). No entanto, no decorrer do capítulo não é mencionada mais a paisagem como resultado da dinâmica natural, e sim em formas da superfície ou do espaço geográfico, argumentando que alguns tipos de fenômenos naturais transformam diretamente a terra.

No capítulo 32, os autores trabalham —Impactos ambientais da atividade industrial e utilizam o termo — meio ambiente para se referir às mudanças geradas pela exploração dos recursos naturais e o desmatamento. Mais uma vez não verificamos a utilização do conceito de paisagem como reflexo das dinâmicas naturais e antrópicas.

No capítulo 30 (percurso) – Indústria: transformações sociais, econômicas e espaciais, tópico 1 (as mudanças na sociedade e na paisagem), a categoria paisagem aparece como

tópico, mas no decorrer de todas as reflexões e que tratam da temática, ocorreu uma ênfase a conceito de espaço geográfico na análise do processo em detrimento da paisagem, somente citada para elucidar que - ruas foram abertas, [...] alterando profundamente a paisagem urbana que existia até então (ADAS,2018, p.230). Sendo que, outras observações referentes a dinâmica social determinando a dinâmica e transformações na paisagem não foram citadas.

### **Atividades práticas nos livros didáticos relacionadas à paisagem**

As atividades práticas relacionadas a categoria paisagem, propostas pelo livro – Expedições geográficas, estão contidas primeiramente nas páginas 27, onde uma paisagem é considerada como objeto de análise por parte dos alunos e lhes é solicitado que identifique elementos humanizados como: parques e demais construções, permitindo que seja expresso de que forma é estabelecida a relação dos educandos com esses elementos da paisagem, seguida é perguntado: O que se observa na paisagem a seguir é um espaço geográfico ou um espaço natural? Por quê? Essa paisagem ainda pode ser modificada? De que maneira? Há algum elemento natural de destaque que pode ser alvo de futura ação humana? Por quê? Se você estivesse na área da grande plantação, veria a mesma paisagem que vê agora? Por quê? (ADAS, 2015, p. 21).

Vimos nessa questão uma significativa intenção de mostrar aos alunos que a leitura da paisagem deve levar em conta todos os seus elementos, dos mais próximos aos mais distantes em relação ao observador, trazendo vários elementos físicos e humanos que compõem a paisagem e que foram utilizados através do trabalho para a produção e modificação da paisagem. Mesmo sabendo da importância de atividades que aproximam o aluno do espaço vivido, percebe-se que a maioria dos professores inseridos na pesquisa não realizam trabalhos práticos (como saídas de campo, entrevistas, trabalho com fotografias, entre outros), colocando vários impedimentos e justificando a impossibilidade desse tipo de atividade. Como não há a intenção de realizar esse tipo de atividade, a maioria nem observa com atenção as atividades sugeridas nos livros didáticos adotados por eles, conforme se pode perceber no depoimento da professora P2. Sabe-se que fazer atividades práticas com os alunos exige um comprometimento maior por parte do professor, que precisa de tempo para organizar, além de dominar os assuntos geográficos locais, já que eles não estão prontos nos livros didáticos.

Embora seja significativa a proposta trabalhada pelo Livro Didático, que mostra a partir de imagens que retratam paisagens onde ocorre momentos da ação humana utilizando elementos naturais na construção de novos espaços a partir de seu trabalho, é importante,

notar que essa vinculação dos espaços naturais e urbanos, pois os autores já conseguem desmistificar a relação sociedade/ natureza de forma dicotômica.

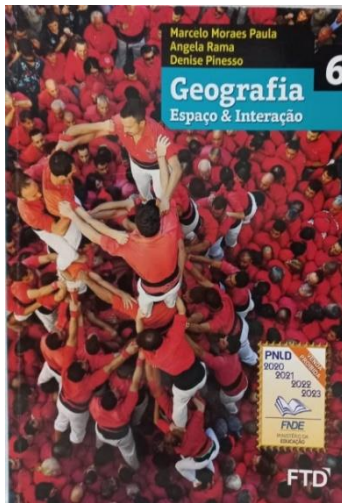
Nota-se que é comum nos livros didáticos do Ensino Fundamental, em especial no sexto ano que os primeiros capítulos se refiram ao estudo da paisagem, mostrando as diferenças entre paisagem natural (relevo, vegetação, recursos hídricos} sem alteração humana e paisagem geográfica a qual foi modificada (cidades). Pode ser constatada no referido livro a vinculação existente tratando de paisagem somente aos constituintes naturais (vegetação, rios , relevo e animais). Fato que vai sendo desmistificado nas aulas pelo professor.

No final dos dois livros se encontra o manual do professor, nos quais as orientações didáticas e metodológicas trazidas pelos autores. São informações sobre os fundamentos e os princípios que norteiam os livros didáticos, seus pressupostos e as metodologias adotadas, propostas de atividades complementares, textos para o enriquecimento da formação do professor e sugestões de leituras, filmes e sites.

Os autores disponibilizam ainda em cada volume um conjunto de recursos para aprofundamento das temáticas assim como para o planejamento e proposta de desenvolvimento de atividades, com o objetivo de tornar as aulas mais significativas, e motivadoras, contextualizadas as realidades dos alunos, entre os recursos são citados, sites, textos de aprofundamentos, assim como, sínteses e reflexões sobre as temáticas abordadas.

Vale salientar que, embora o livro didático seja um importante recurso no processo ensino/ aprendizagem, sua utilização pelos professores na formação, dos alunos não é considerada em sua essência, pois, os recursos e fontes disponibilizados pelos autores, passa em muitos casos despercebida pelos professores, relegando a uma prática pedagógica destituída de motivação.

Figura 14. Livro Geografia Espaço e Interação



Editora: FTD

Autores: Marcelo Moraes Paula/Maria Angela Gomes Rama/ Denise Cristina Christov Pinesso

Formação Acadêmica: Marcelo Moraes Paula: Possui Bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Ciências econômicas pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU – SP). Atuou como professor em cursos pré-vestibulares e no Ensino Fundamental e Médio das redes pública e particular de ensino.

Fonte: Melo, 2022.

Maria Angela Gomes Rama: possui Bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Franca (UNIFRAN-SP), Especialista em Ensino de Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestra em Geografia pela Universidade de São Paulo. Formadora de professores. Atuou como professora de Ensino Fundamental e Médio das redes pública e particular e na Educação Superior.

Denise Cristina Christov Pinesso: Possui Bacharelado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Atuou como coordenadora de Geografia na rede particular de ensino e como professora no Ensino Fundamental da rede pública

### **Concepção de paisagem**

Nesse volume, a concepção de paisagem adotada pelos autores enfatiza que “por que as paisagens se transformam e como essas transformações se relacionam com a vida das pessoas é permitem entender como essas transformações podem trazer benefícios e ou prejuízos para os diferentes grupos que fazer parte da sociedade. Essa assertiva inicial proposta pelos autores indica que o conceito de paisagem no decorrer do volume é tratado de forma dinâmica, em sua articulação com outros elementos, frutos de um processo histórico.

Assim sendo, o conceito de paisagem é antecedido por uma imagem “museu do Amanhã” que incita o educando a uma reflexão sobre a paisagem, demonstrando que as paisagens rurais ou urbanas , resultam da ação humana, do que produzem e como vivem.

Nesse sentido, nesse volume o autor na unidade 1 definida como – compreender o espaço geográfico – o conceito de paisagem e sua dinâmica está relacionada a forma como as pessoas se relacionam entre si e com a natureza, a partir de uma imagem questiona-se o espaço retratado e quais elementos o constituem, sejam naturais ou culturais, em outra porção da unidade é comentada pelo autor a utilização de elementos da paisagem do cotidiano para nos orientarmos. Na unidade 3, que tem como título – “produzir o espaço geográfico” –, trata-se da evolução da paisagem ao longo da história, enfatizando o papel da técnica e das diferentes formas de trabalho nas alterações das paisagens no campo e nas cidades, além de citar a estrutura das paisagens dos povos originários. Na unidade 4 – Recursos minerais e energéticos, embora cite que os impactos das atividades de exploração mineral seja a mais impactante na paisagem, é pouco tratada essa questão. Esse capítulo é subdividido em outros questionamentos sobre a temática, dando início temos:

### **Conteúdo específico ou recorrente em todo o livro como conceito chave**

No livro “Geografia: Espaço & Interação”, o conceito de paisagem na unidade 1, “as paisagens se transformam”, em outra porção da mesma unidade os autores abordam as “permanências das paisagens”. Na unidade 3 – produzir o espaço geográfico” – há o enfoque da categoria paisagem no capítulo “ transformações das paisagens ao longo da história”, o conceito aparece no decorrer do livro ilustrando alguns elementos relacionados a elementos da natureza, mas não são tratados como paisagens, e sim como formações vegetais e desequilíbrios ambientais decorrentes da ação humana e naturais.

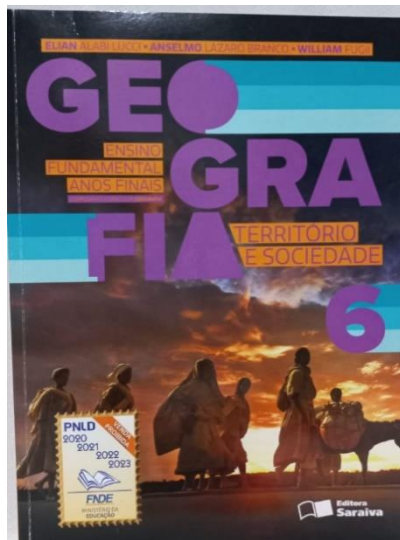
### **Atividades práticas nos livros didáticos relacionadas à paisagem**

O livro apresenta na unidade 1 os autores solicitam a construção de uma mapa mental, sobre o trajeto da casa até a escola, retratando os elementos da paisagem que chamam a atenção, na unidade 6 – Distribuição e usos da água- é proposta a construção de uma maquete (p. 164 e 165), retratando elementos de uma bacia hidrográfica como: divisor de águas, a nascente, o rio principal, o lago, os afluentes e a foz.

## Os autores utilizam alguma metodologia complementar

Na página 90, da unidade – Produzir o espaço geográfico – denominado paisagens nos Games, o autor propõe um jogo, onde os jogadores poderão construir um espaço fictício, selecionando e organizando os elementos que irão compor a paisagem.

Figura 15. Livro Geografia Território e Sociedade



Editora: Saraiva

Autores: Elian Alabi Lucci/ Anselmo Lázaro Branco/William Fugii

Formação Acadêmica: Elian Alabi Lucci: Possui Bacharelado e licenciatura em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Professor em escolas particulares do estado de São Paulo, Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – Seção Bauru - SP

Fonte: Melo, 2022.

Anselmo Lázaro Branco: Licenciado em Geografia pelas Faculdades Associadas Ipiranga (FAI-SP), Professor em escolas particulares do estado de São Paulo, Ex-Professor da rede estadual de ensino de São Paulo.

William Fugii: Possui Bacharelado em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), Licenciado em Geografia pela Faculdade de educação da USP, Mestre pelo Programa de Pós – Graduação em Geografia Humana da USP, Professor em escolas particulares do estado de São Paulo.

## Concepções da paisagem

**Paisagem** segundo os autores como Lucci, Branco & Fugii (2018m,p.13) “é tudo aquilo que a nossa visão alcança em determinado momento[...] todos os trechos da superfície terrestre constituem paisagens”, podendo ser classificadas em naturais e culturais, além de serem resultantes da ação indissociável entre o homem e a natureza no processo de

organização do espaço geográfico, a partir do trabalho. No capítulo 2, os autores propõem a percepção relacionada a odores e sensações percebidas no decorrer de um percurso de trem.

### **Atividades práticas relacionadas ao conceito de paisagem**

**P. 20**, fazer levantamento na comunidade de aspectos da paisagem em temporalidades e espacialidades passadas, comparando-as às atuais e identificar a dinâmica ocorrida, p. 33 (a partir de uma pequena expedição pra observar e retratar a paisagem do lugar onde você vive).

#### **O conceito aparece como conteúdo específico em todo o livro**

O conceito aparece no cap.4 – Orientação no espaço geográfico – p.46 – enfatizando os elementos da paisagem na orientação, na unidade 3, cap. 7, o autor faz referência a uma paisagem que expressa uma forma de relevo, ainda na unidade p.95 o autor cita a paisagem relacionando-a as mudanças do agentes modificadores no relevo, ainda nessa unidade. Na p. 108, as paisagens estão relacionadas a diversidade de formas de relevo, na p. 134, a paisagem é citada como área alterada de oásis e usada na produção a partir da construção de sistemas de irrigação, nos centros urbanos (p.135) as alterações nas paisagens provocaram alterações nas chuvas e temperaturas, p.141 o autor relaciona a paisagem a formações vegetais originárias. Cap. 15 da unidade 6 a paisagem em sua dinâmica como resultado do trabalho p. 197, a expansão da fronteira agrícola e alterações das paisagens p. 213. Extração mineral e a devastação das paisagens p. 217. Impactos nas paisagens provocadas pelo turismo não planejado p. 228.

### **Atividades metodológicas propostas**

É proposto apenas na Unidade. 5 uma atividade designada – A utilização de água virtual p. 157.

### **Atividades complementares(exercícios)**

Há a (**representação de paisagem em croqui**) na página 31, p.55 representações da paisagem em mapas), página. 67 (identificar os tipos de paisagens em mapas). Faz uma breve alusão a vegetação como elemento mais frágil da paisagem. Paisagem mostrada no rio Eufrates além, citado paisagem de manancial.

Figura 16. Livro Geografia geral e do Brasil



Editora: editora Scipione

Autores: Eustáquio de Sene/ João Carlos Moreira

Formação Acadêmica: Eustáquio de Sene: Possui Bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre e Doutor em Geografia Humana pela USP, Professor de Ensino Básico por quinze anos, Professor de Metodologia do Ensino de geografia na Faculdade de Educação da USP por cinco anos.

João Carlos Moreira: Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Geografia Humana pela USP, Professor de Geografia do Ensino Básico por quatorze anos

Fonte: Melo, 2022.

### Concepção do conceito de paisagem

A concepção de paisagem abordada pelos autores no livro – Geografia Geral e do Brasil – considera a paisagem resulta da relação indissociável do homem com a natureza no processo de organização do espaço, a partir do trabalho para o atendimento de suas necessidades.

### O conceito de paisagem aparece como conteúdo específico no livro.

O conceito de paisagem ocorre na Unidade 1 designada – Alguns conceitos de Geografia – aparece como conteúdo específico no capítulo 1 – paisagem e espaço geográfico – que trata dos conceitos de paisagem espaço geográfico, elementos naturais e culturais da paisagem, transformação das paisagens e construção do espaço geográfico, na p. 22 relacionada ao conceito de lugar, a partir das mudanças e transformações que ocorrem nesses locais, p. 51 como os tipos de cultivo. Unidade 3, p. 63 – representações cartográficas e localização cita ao observar a paisagem você compreende o espaço geográfico. Unidade 4- cap. 8- as formas de relevo - a paisagem e as formas de relevo p. 90. P. 104 identificar uma imagem. unidade 5, cap. 10 – O clima e o tempo em nosso dia a dia – paisagens e as estações

do ano p. 120. Unidade 7 p. 180 – Os biomas e sua importância para a vida na Terra (identificação de e formações vegetais nas paisagens, p.188).

### **Atividades práticas referentes ao conceito de paisagem p. 26**

Está relacionada a uma atividade designada de pesquisa na comunidade sobre mudanças no lugar onde vivemos, além disso muitos textos que tratam dos elementos culturais e naturais da paisagem. O livro também identifica em atividades complementares os tipos de cultivo expressos em imagens e como modificam a paisagem, além das alterações nas paisagens provocadas pelo lixo e possíveis soluções.

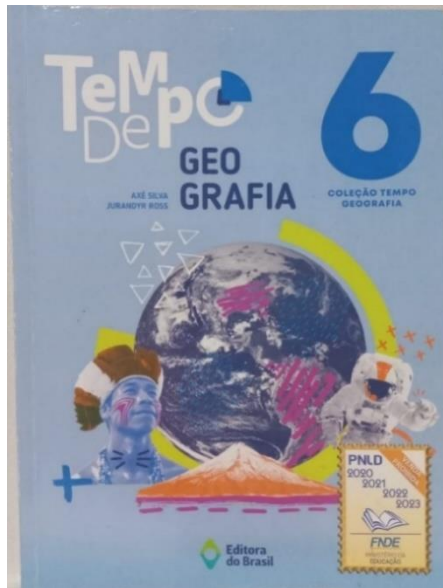
### **Proposta de metodologias sobre o conceito de paisagem**

O volume traz alternativas metodológicas complementares a partir de plantas e imagens de satélites para identificar o deslocamento no bairro.

### **Atividades complementares (exercícios)**

Os autores abordam a construção das paisagens a partir dos sentidos e fazem uma comparação da imagem de uma aldeia indígena e a cidade do Recife. Além de da identificação de elementos de uma paisagem e biomas do Brasil (formam diferentes paisagens).

Figura 17. Tempo de Geografia



Editora: Editora do Brasil.

Autores: Axé Silva / Jurandy Ross

Formação acadêmica: Axé Silva: Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor de Geografia do Ensino Fundamental e Médio, Articulista e coordenador de publicações especializadas em Geografia e Ensino, criador e apresentador de canal de vídeo em plataforma digital sobre Geografia e Atualidades.

Jurandy Ross: Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), livre docente em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor titular na Universidade de São Paulo (USP).

Fonte: Melo, 2022.

### Concepção do conceito de paisagem

É mais do que podemos ver, pois ela compreende a associação de diversos elementos: os materiais (aqueles que vemos) e os imateriais (aqueles que sentimos e que fazem parte da nossa cultura), sendo que todos os elementos resultam da ação humana em diferentes contextos históricos Axé & Jurandy Ross (2018).

### O conceito de paisagem aparece como conteúdo específico no livro.

A paisagem é abordada com mais ênfase em temas relacionados as mudanças ocorridas nas paisagens, paisagem e sociedade, a cidade e as transformações das paisagens pelos povos originários, relacionadas a atividades práticas o volume apresenta apenas 1 atividade em todo o volume, proporciona apenas uma metodologia, denominada de mapas digitais na Geografia. Quanto as atividades complementares o Livro disponibiliza apenas 4 atividades referentes a temática paisagem.

**Atividades complementares do conceito de paisagem** o espaço rural p.30, espaço urbano— as condições sociais e ambientais no desenvolvimento das paisagens nos ambientes rurais e urbanos.

### **Comentários sobre os livros adotados.**

As abordagens dos livros didáticos rompem com o caráter descritivo, enfatizando os enfoques históricos e sociais. As obras apresentam uma diversidade de diálogos em forma de textos, designados como atividade complementares, tópicos, além de uma diversidade de imagens que expressam paisagens em diferentes contextos da superfície terrestre.

Observou-se que as coleções apresentam uma sequência de aspectos representativos de ambientes, em escalas diferentes que possibilitam um maior entendimento ao aluno.

Além disso, foi identificado que os livros didáticos, por terem papel importante na aprendizagem dos alunos, precisam estar contextualizados, não é dizer que necessitam apresentar aspectos e peculiaridades regionais e locais, mas, que apresentem elementos próximos a realidade do aluno, por exemplo, ênfase a elementos amazônicos, não só econômicos, mas também culturais e sociais, além de sua sociobiodiversidade, para que a partir dessas informações, o processo de ressignificação se torne mais acessível aos alunos.

Para atrair mais a atenção as capas apresentam imagens, objetivos da indústria editorial, e não aos alunos, essas imagens invocam uma diversidade de significados, ideias, por exemplo, que estimulam a aventura e a exploração, atividades muito próximas e relacionadas a função do conhecimento geográfico. Essas imagens podem ser interpretadas por várias perspectivas e significados, utilizando-se de linguagens múltiplas.

Os livros didáticos trazem um aspecto histórico, onde as paisagens são mostradas e todas possuem significados organizados por elementos naturais e artificiais, apresentam uma atualidade nesse aspecto, envolvem a partir das redes conexões de elementos das paisagens em diferentes porções do planeta.

As paisagens mostradas nos Livros didáticos transportam os alunos para diferentes espaços, que não condiz com sua realidade, contrariando seu nível social, econômico e cultural.

As coleções mostram a partir dos conteúdos paisagens, um conjunto visual que provoca uma diversidade de significados, e que possibilitam o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem nos alunos.

É observado que a presença de paisagens nos livros didáticos responde a um aspecto social do mundo globalizado.

É importante citar que o enfoque dado as paisagens como elemento central do Livro didático, não significa apenas uma ilustração, mas sim, um sentido e dá significado aos diferentes elementos das paisagens mostradas, ou seja, as imagens falam por si só.

Portanto, é importante ter cuidado de como as paisagens mostradas nos livros didáticos, tem sido relacionada, ou confrontadas com a diversidade de aspectos do cotidiano dos alunos, pois, as mesmas estão envoltas em relações que caracterizam a grande quantidade de informações dos dias atuais. Sem esquecer que as paisagens expressam o espaço geográfico como uma construção social, que expressa um contexto de época. Nesse sentido, é importante despertar para o entendimento crítico do aluno, ou pelo menos iniciar a partir de suas experiências no desenvolvimento dessa prática crítica futura. Nesse sentido, é importante não esquecer os méritos do professor de Geografia e dos autores, que possuem um compromisso com a educação, e que em suas atividades expressam o compromisso com a formação cidadã dos alunos, quando da escolha dos livros, que os conteúdos selecionados possibilitem o aprimoramento do ensino e da aprendizagem em Geografia, buscando sempre uma adequação aos contextos locais e as novas demandas e perfis de alunos com habilidades e competências que respondas as novas demandas da sociedade atual, com uma educação fundamentada em princípio e valores mais éticos, humanos e solidários.

#### **5.3.4 A Definição do conceito de Paisagem na Visão dos Educadores e Uso do Livro Didático**

Com base na análise realizada nas seis coleções de Livros Didáticos do 6º ano do ensino fundamental da disciplina de Geografia, serão apresentados neste capítulo, os resultados de como a categoria paisagem é enfocada e aplicada em 6 livros das coleções. O período dos volumes analisados está relacionado ao triênio, e todas as edições foram avaliadas de forma positiva pelo PNLD.

Inicia-se este item com a apresentação das coleções, levando em consideração o ano de publicação, a editora responsável, além da formação acadêmica de seus autores e a indicação da escola que adotou tal coleção. Passada a apresentação das coleções, parte-se para a análise feita pelo Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 e as considerações da pesquisadora sobre as coleções. De acordo com a metodologia utilizada para a análise dos volumes.

Na análise de um produto de grande relevância para a prática pedagógica, é importante conhecer alguns aspectos como: O livro como ferramenta de ensino; o histórico do livro escolar; e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

#### 5.3.4.1 O Livro Didático

O livro didático possibilita introduzir temas relacionados ao cotidiano do educando, o que converge para uma aprendizagem mais contextualizada. Além disso, valorizar os conhecimentos prévios do educando é valorizar seu papel de sujeito no processo de construção de sua história. Dessa forma, a valorização dos conhecimentos trazidos pelos alunos torna-se essencial, pois assim o conteúdo estudado será potencialmente significativo para ele e não será apenas memorizado de forma arbitrária (MORAL e VERCELLI, 2013). Nesse sentido, as estratégias coletivas de produção de conhecimento colaboram para a ressignificação conceitual das dimensões da realidade do educando.

Sabe-se que o livro didático é uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, e conforme aponta Fazenda (2008) pode-se dizer que lidar com temáticas do cotidiano dá suporte para que o aluno aprenda a relacionar fatos e situações. Desta forma, fica claro que as conclusões tiradas permitem ao educando inferir sobre sua realidade. Não é exagero afirmar que é nesse contexto de ressignificação que o aluno desenvolve a habilidade de argumentar e fazer escolhas, pois em todo esse processo ocorre a construção e o surgimento de novos conceitos, e com ele o desenvolvimento intelectual do aluno.

Assim é preocupante o livro didático não fazer essa referência, isso porque em muitos casos o livro didático é o único recurso pedagógico utilizado pelo educador para o planejamento e todos os procedimentos de sua prática em sala de aula.

No momento atual de profundas transformações que afligem a sociedade, a escola precisa redefinir sua função enquanto instituição. Pois é a partir dos livros didáticos utilizados no processo de ensino-aprendizagem que muitos conceitos são construídos, os quais interferem diretamente na construção de conhecimentos que possibilitarão ao educando propor reflexões e questionamentos sobre a sociedade. Além disso, no seu percurso formativo, o livro didático assume relevância para a construção de princípios e valores que em muitos casos será um contraponto ao modelo de desenvolvimento existente na sociedade atual, isto porque seus fundamentos conceituais e metodológicos devem contemplar aspectos mais humanos e solidários em uma sociedade dinâmica e em permanente construção.

Conforme verificado por Araújo, Fernandes e Junior (2013), o conhecimento do conteúdo pelo professor é imprescindível para uma formação compatível ao cotidiano do aluno. Trata-se inegavelmente de perceber se o educando se identifica com o conteúdo trabalhado. Seria um erro, porém, atribuir relevância a um conteúdo que não expresse relação com a realidade. Assim, reveste-se de particular importância possuir habilidades de

ressignificar os conceitos do livro dentro da ótica do aluno. Sob essa ótica, o autor deixa claro que ganha particular relevância, pois ele se torna o fundamento da prática pedagógica ao estimular a reflexão e a compreensão das múltiplas dimensões da realidade do educando.

O autor deixa claro que no livro de Fernandes é importante a exemplificação de estratégias que demonstrem contradições, o que possibilita uma maior reflexão e comparação dos fatos. Nesse contexto, fica claro que segundo Araújo e Fernandes (2013, p.151), "O livro didático deve possibilitar ao aluno, um estímulo à reflexão, à pesquisa, à leitura e que favoreça ao professor, mecanismos e metodologias que estimulem e desenvolvam tais ações".

Os assuntos enfatizados pelos autores convergem para os aspectos metodológicos da construção do saber, sendo preocupante, contudo, constatar que os itinerários formativos que deveriam ilustrar não estão estruturados no sujeito, mas conforme mencionado pelo autor, as opiniões não divergem no sentido de que, em sua maioria, os livros didáticos possibilitam um conhecimento verdadeiro e transformador.

Em tese, os conteúdos curriculares expressos nos livros são relevantes, pois representam um contraponto ideológico na interpretação funcional da realidade. Caso contrário, os componentes só fortalecerão os interesses dominantes manifestos. Por isso, é importante que a produção do livro considere nos procedimentos utilizados em prol da aprendizagem a ênfase aos valores e princípios cidadãos, seja por estar na base identitária dos alunos ou por serem imprescindíveis a uma formulação de juízo em relação a aspectos da sociedade. Portanto, é pertinente trazer à baila que o livro fundamenta a base conceitual e de categorias, por exemplo, elas precisam ser bem conhecidas pelos educadores e transmitidas de forma que propiciem uma reflexão por parte do aluno.

De acordo com Silva (2016, p.16):

O livro didático nas salas de aula das escolas brasileiras, definido como objeto que a integra numa tradição histórica envolvida na magna concepção de instrumento de apoio e definidor de conteúdos e métodos de como ensinar, o que ensinar e para quem ensinar - e se prestam a uma educação bancária - propositados neles os aspectos relacionados à aprendizagem na concepção humanística encarnada numa visão freireana numa pedagogia que vislumbrará a construção da cidadania e o fortalecimento do papel do educador como participante desse processo.

O autor deixa claro que o livro didático, enquanto recurso pedagógico, é fundamental no processo de seleção de atividades compatíveis com a realidade do educando. Entretanto, a análise dos conteúdos deve contribuir significativamente para a interpretação e reflexão do cotidiano em suas múltiplas dimensões. Assim, fica claro que, sendo um recurso, ele deve propor instrumentos operacionais na forma de concepções que contribuam para a emancipação e autonomia intelectual do educando.

Diante de tudo o que foi tratado, Borges, Basso e Filho (2008, p.74) afirmam que é importante "a interação do aluno leitor para que, pelo diálogo com o mesmo passe a ser um aluno autor. Isso implica que o aluno seja considerado sujeito enquanto estuda por meio do livro".

#### 5.3.4.2 A Concepção de paisagem para os professores

Martins, Pedroso & Costa (2021) afirmam que o ensino/aprendizagem de Geografia possibilita ao educando perceber os diferentes elementos socioespaciais do contexto em que vivem. Para os autores "fica evidente que o ensino de Geografia[...] permite a construção do olhar espacial nos mais diferentes contextos [...] de modo que o discente consiga entender e perceber as conexões existentes entre os contextos estudados com a sociedade da qual faz parte" (Martins, Peroso & Costa, 2021,p.91). Nesse sentido, os autores enfatizam a importância do desenvolvimento de estratégias pedagógicas que dinamizem e tornem mais atraentes as aulas, assim, atividades de leituras e um maior contato com a paisagem externa, possibilita ao educando relacionar as abstrações e os contextos cotidianos, com as leituras, e conseqüentemente uma maior interação e compreensão dos temas abordados em Geografia.

Segundo Kotler (1998), o ensino/aprendizagem da Geografia tem como meta o que é extremamente difícil, a construção da cidadania, esse fato decorre da diversidade de sujeitos da escola, com heterogeneidade cultural, social, além de hábitos e valores diferenciados, bem como as idades, situações somente superadas, ou administradas pela atuação de docentes qualificados e que apreendam tal fato de forma holística. Compreender e considerar as experiências prévias dos sujeitos é muito importante nesse momento, o que possibilita ao professor utilizar linguagens, métodos que sensibilizem os alunos para a importância do conhecimento e da aprendizagem para sua vida em suas múltiplas dimensões.

Um aspecto ressaltado anteriormente pela autora é que o processo ensino aprendizagem, deve enfatizar a realidade mais próxima do aluno, conhecer esse educando considerando as suas diversidades e diferenças, ou seja, administrar essas diferenças sem torna-las ou fortalecer as desigualdades manifestas, em segregações de todas as formas. Assim sendo, as linguagens e estratégias teórico metodológicas e pedagógicas devem fomentar valores éticos e solidários tornando o processo de formação do educando(a) uma aprendizagem construída pelo sujeito.

Conforme verificado por Rego (2007), a linguagem geográfica apresenta características que precisam ser consideradas, tanto quanto possível, como fonte de explicação

para as dificuldades que os alunos possam vir a ter na sua compreensão, como para planejar movimentos pedagógicos que facilitem o processo interativo. Trata-se inegavelmente de focar em experiências pedagógicas que procurem oferecer oportunidades de significação para alunos que, muitas vezes, são socialmente desacreditados, seria um erro, porém, atribuir ou não dar importância a carga de experiências que os sujeitos trazem consigo, são conhecimentos, muitos sistematizados, outros não, que, em muitos casos de tão complexas são impossíveis de serem reproduzidas pelos professores. Assim, reveste-se de particular importância que tais vivências devam ser aproveitadas, problematizadas e contextualizadas. Sob essa ótica, o autor deixa claro, ganha particular relevância a inserção da vida na escola, tornando a escola, efetivamente integrada à vida.

O foco central do entendimento é aquele que importa considerar no processo de ensino que a existência no qual as pessoas ocupam espaço e como isso influi em suas vidas, e que possibilite a elas dar conta da compreensão da vida social refletida sobre os diferentes sujeitos agentes responsáveis pelas transformações que são operadas no espaço, a partir de suas práticas de apropriação, e intervenção deve ser levado em conta, sendo muito mais simples afirmar a escola deve proporcionar a formação social e política necessária para que os alunos, sejam sujeitos e que construam e resinifiquem continuamente o seu cotidiano. Diante de tal cenário, e conforme mencionado pelo autor, "Não existe conhecimento pertinente senão quando se é capaz de contextualizar sua informação, de globalizá-la e situá-la em um todo"(REGO, 2007, p. 55).

É interessante, aliás, conforme explicado acima, abordar no processo de ensino, conteúdos de geografia voltados para questões que permitem estabelecer conexões com a realidade vivida e o cotidiano dos educandos, mas há um fato que se sobrepõe pois ao enfatizar tais assuntos, por exemplo, como inundações urbanas, poluição de ressacas, em muitos casos, os estudantes podem se identificar, na medida que já vivenciaram alguns desses eventos. Nesse sentido, deve haver razão para que o professor explore tais temáticas, possibilitando aos educandos a formação de conhecimentos a partir do local que sejam, articulados, singulares e originais.

No entendimento de Souza(2018,p.8), " o professor de Geografia deve buscar sempre conteúdos que estejam alinhados com a realidade do aluno e da comunidade em que a escola esteja inserida [...] coisas que provoquem o interesse e a concretização do conhecimento acerca dos assuntos estudados". Ainda sobre o processo de aprendizagem explica:

É extremamente importante que o professor esteja alinhado com a realidade da turma, verificando seus dilemas, suas ansiedades, suas curiosidades e sua situação política,

econômica, cultural e social para que a aprendizagem tenha a ver com o aluno que deve ser sempre o produto principal do processo de ensino aprendido. (SOUZA, 2018,p.8).

Vale ressaltar que nesse processo a prática docente, deve ser uma permanente pesquisa, e que, a sala de aula se constitua em seu laboratório de pesquisa, possibilitando uma diversidade de possibilidades de ensino e aprendizagem. Além do que, o professor deve ter uma orientação para a pesquisa, afim de que possa desenvolver e implementar atividades, tendo como foco principal a realidade vivenciada pelos alunos. O autor deixa claro, a experiências dos educandos, com o intuito de realizar uma prática pedagógica que envolva os alunos, levando-os a reflexão.

O ensino com dinamismo deve ser levado em conta nas aulas de geografia, o aluno precisa apreender o que está sendo ensinado de acordo com suas percepções e vivências[...] sua didática é esta que vai determinar as bases para um ensino criativo e propositivo, favorecendo maior entendimento sobre os vários conteúdos e claro, estabelecendo uma aprendizagem mais significativa (ARAÚJO, FERNANDES & JUNIOR, 2013, p.155).

O autor deixa claro ser interessante enfatizar a vivência dos sujeitos e compreender a importância da escola como um espaço onde os conhecimentos prévios, podem ser ressignificados, adquirindo um caráter importante para sua formação e desenvolvimento, sendo capaz de despertar sentimentos de pertencimento e identidade. Nesse contexto, conforme citado acima, fica claro, o quão é importante um professor criativo, que fomente a imaginação e reflexão do aluno, para construir, conexões entre os conhecimentos prévios e os conhecimentos sistematizados.

De acordo com Rodrigues e Ceballos (2021, p. 148):

Sabemos que as estratégias influenciam na forma que os alunos se sentem entusiasmados diante dos conteúdos, mas[...] a vida do aluno fora da sala de aula deve ser levado em conta no seu desempenho, já que os mesmos vivem em as mais diversas realidades fora do ambiente escolar. O professor tem também a função de também perceber o contexto em que vivem seus alunos e respeitar suas diferenças, mediando todo o processo.

Diante de tal situação mostrada, o processo de aprender perpassa aspectos em que os autores convergem em suas ideias, e afirmam que os aspectos relativos à realidade do aluno devem ser considerados no processo ensino aprendizagem. A justificativa, conforme citado acima, segue na linha de que a criatividade e a inovação, qualidades do professor o ajudam a selecionar conteúdos criativos e familiares ao aluno. E isso é um fato já explicado inúmeras vezes por outros autores. Então a construção do conhecimento, resulta de acordo com os autores, da interação dos contextos vividos pelos educandos, articulados e ressignificados pelas

práticas de sala de aula, num processo dialético. Pois "A vida do aluno fora da sala de aula deve ser levada em conta no seu desempenho"(RODRIGUES E CEBALLOS, 2021).

Pode-se dizer que, na perspectiva dos autores, fica claro, por exemplo, que é importante conhecer a realidade do lugar e suas peculiaridades culturais, ambientais, sociais, além de que, é nessa porção do espaço, que o homem se integra a natureza, desenvolve sua identidade e pertencimento, a partir do seu espaço de vivência. O que possibilita constatar que os aspectos expressos nas paisagens dos lugares, são expressões de modos de vida, formas de produzir, em diferentes tempos, mas nos mesmos lugares...]. Para Amador e Benini (2016, p.56) "A sociedade cria laços com o lugar através da apropriação e identidade, sendo a paisagem um dos principais componentes de referência dessa relação[...] com o meio natural". Monteiro (2018) revela:

[...] conceito de lugar pode ocorrer por intermédio de diferentes espaços de vivência do aluno: o caminho de casa até a escola, o bairro de entorno da escola, a praça, a igreja. Esses são espaços acrescidos de valor e significados em que o aluno pode observar a realidade e a partir dela compreender sobre o lugar onde vive. Deve--se também levar em conta que os livros didáticos trabalham o conceito de lugar e suas aplicações com exemplos fictícios ou de grandes cidades que distancia o espaço por ele vivenciado (MONTEIRO,2018,p.156).

Por fim, pode-se chegar à conclusão da relevância do estudo do lugar, pois essa porção do espaço geográfico, expressam as paisagens em sua diversidade de espacialidades e temporalidades. Logo, é indiscutível a importância do professor no processo de construção do conhecimento, que possibilitem ao educando a reflexão e compreensão do espaço geográfico, sob a perspectiva da paisagem.

É interessante, aliás, notar que o professor, a partir de estratégias metodológicas, pedagógicas e conceituais, articula os conhecimentos prévios dos educandos, possibilitando aos mesmos, ressignificá-los, tornando-os mais objetivos para o entendimento e compreensão de sua realidade. Nesse sentido, o autor deixa claro, e considerando a diversidade de entendimentos que os professores tem do conceito de paisagem, apontando também os métodos adotados para trabalhar o conceito de paisagem e a utilização dos livros didáticos, que apresentamos o perfil dos professores que aceitaram submeter-se a entrevista.

A seguir, o quadro 1 onde se revela o perfil dos professores entrevistado, apresentando dados como área de formação. O ano de conclusão do curso, tempo de docência, carga horária exercida e especialização.

Professor	Sexo	Área de formação	Ano de conclusão do curso	Instituição de formação inicial	Tempo de docência	Carga horária hora/aula	Pós-Graduação
P1	feminino	Geografia	2007	UNIFAP	12 anos	40 horas	Metodologia do Ensino de Geografia
P2	Feminino	Geografia	2014	UNIFAP	10 anos	40 horas	Metodologia do Ensino de Geografia
P3	Feminino	Geografia	2007	UNIFAP	10 anos	40 horas	Metodologia do Ensino de geografia
P4	Feminino	Geografia	2000	UNIFAP	14 anos	40 horas	Administração Escolar
P5	Masculino	Geografia	2005	UNIFAP	11 anos	60 horas	Geografia Econômica e Comércio exterior
P6	Masculino	Geografia	2010	UNIFAP	19 anos	40 horas	Metodologia do Ensino Superior

Quadro 1. Perfil dos professores entrevistados.

Fonte: Melo, 2022

De acordo com a primeira parte da entrevista (apêndice 02), sobre o perfil do professor, suas práticas pedagógicas, além da utilização do livro didático.

A entrevista foi realizada com 06 (seis) professores, de 06 escolas, localizadas em diferentes municípios. Dessa forma foi possível obtermos resultados significativos, devido a amostra representar % da população. Em seguida, os dados coletados foram analisados submetidos aos cálculos estatísticos, para serem ilustrados com tabelas e quadros como apresentamos a seguir:

#### **Sobre o tempo de serviço dos professores:**

Os resultados apresentados mostram que o tempo de serviço dos professores varia de 08 meses a 19 anos de serviço. Provavelmente, os pesquisados fazem parte do quadro efetivo dos professores da escola do estado do Amapá.

Em se tratando dos questionamentos **sobre como o conceito de paisagem é abordado pelo autor no livro didático.**

#### 5.4 SUGESTÃO DIDÁTICA E PRÁTICAS PARA SE TRABALHAR A PAISAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II

A sugestão pra se trabalhar o conceito de paisagem, está inserida numa abordagem que possibilite ao educando uma condição de a partir da conjugação de seu conhecimento prévio, articulado ao( ), nesse sentido, torna-se em um primeiro momento [...] A aprendizagem é um processo em que todos os aspectos, sejam culturais ou sociais, por exemplo, estejam articulados e integrados em uma totalidade. Esse conhecimento deve ser permeado por uma perspectiva crítica e reflexiva. Nesse sentido, deve ser enfatizados os saberes vividos e vivenciados pelos educandos no seu cotidiano . É evidente a importância do ensino sistematizado da sala de aula, mas para ser significativo, deve estar articulado as experiências do educando. (Maia, Scheibel & Urban, 2009).

Segundo Trindade *et al* (2017), os conceitos da ciência geográfica, entre eles o de paisagem tem a função interpretativa das formações socioespaciais. Nesse sentido, a paisagem possibilita explicar a realidade dos fatos, dando-lhes mais transparência. Assim sendo, é importante no processo de construção do conhecimento geográfico, o educando seja munido de instrumental conceitual entre eles a paisagem, para que o processo ensino aprendizagem seja contextualizado. É evidente a importância dos conceitos, no processo de compreensão das formações socioespaciais.

Como vimos, o conceito de paisagem tem expressivo significado na formação do educando, visto que, possibilita a identificação, compreensão e interpretação dos diferentes aspectos da realidade, manifestos no espaço geográfico. Nesse sentido, é imprescindível que o educando tenha acesso a uma formação, que considere as experiências e práticas que antecedem o processo de formação em sala de aula, pois, só assim ele poderá interpretar a realidade e as relações entre sociedade e natureza presentes no seu espaço de vivência e expressos na paisagem.

Conforme verificado por Cavalcanti (2016), é nos espaços coletivos, das salas de aula, onde o processo de construção do conhecimento se efetiva. É claro que trata-se inegavelmente de um espaço, onde o professor, a partir de estratégias e práticas, almeja um destino maior e melhor para seus alunos, seria um erro, porém, atribuir que ao escolher e selecionar atividades e procedimentos pedagógicos, o professor não esteja comprometido de forma social e politicamente com o educando. Assim, reveste-se de particular importância e ganha relevância de que o educador ao utilizar e desenvolver toda sorte de práticas e

metodologias não estejam, possibilitando a esse educando o exercício consciente de sua cidadania e que participe da construção de uma sociedade mais justa.

Essas abordagens apresentam proposições diferentes, conforme a concepção de Cavalcante que afirma que as práticas e propostas pedagógicas e metodológicas possibilitam a partir das ferramentas conceituais, que o educando desenvolva uma consciência social do seu papel na sociedade, sujeito dessa construção, e capaz de intervir conscientemente na construção do espaço em que vive. O outro autor ressalta e conforme mencionado pelo autor, que " [...] a transposição didática de temas científicos para uma linguagem de fácil compreensão acessível a alunos do Ensino Fundamental" (FERNANDES, JUNIOR & ARAÚJO, 2013, p. 175).

A afirmação de que a construção das identidades resulta de valores que são construídos no processo social da formação do educando, impõe que, as paisagens resultam de uma construção social, pois, do contato do educando e considerando os conceitos para compreender o espaço geográfico, tal conceito será operacionalizado para interpretar subjetividades expressas nas paisagens, que por sua vez resultam de subjetividades inerentes a espécie humana, por exemplo, as relações de poder entre formações sociais de interesses antagônicos, manifestos nas territorialidades e que, provocam modificações nas paisagens.

De acordo com Santos et al (2019, p. 325) pode-se afirmar que:

Para o professor é fundamental levar recursos didáticos alternativos para sala de aula, fazendo que os alunos aprendam melhor o conteúdo apresentado e dessa forma interagir com o mesmo, prendendo sua atenção ao conteúdo e consequentemente participando das atividades.

Nesse sentido, o autor enfatiza a importância de práticas e recursos pedagógicos, no processo de ensino, o que implicam em atividades, que possibilitam um modo de interpretar a realidade em uma sociedade presente no cotidiano das crianças, em constantes transformações. E que exige no ambiente escolar, a produção do conhecimento que incorporando aos conceitos, entre eles o de paisagem, sejam produzidos tendo como parâmetro a complexidade do espaço do cotidiano.

É evidente que as práticas e recursos pedagógicos são importantes em qualquer etapa da construção do conhecimento, pois trazem uma contribuição ao modo como se interpreta e compreende o espaço geográfico, tendo como ferramenta de análise o conceito de paisagem, a partir da diversidade de aspectos que compõem a realidade do educando.

## **Referente ao Livro Didático**

### **1 - O Livro didático Contempla o conceito de paisagem?**

P1 quando questionado, afirma que o livro realça a paisagem urbana em detrimento a rural, P3 afirma que o conceito de paisagem consegue ser uma ferramenta para a compreensão do espaço geográfico, além do que, P4 afirma que o autor utiliza o conceito de paisagem de Milton Santos, possibilitando ao educando a partir da coordenação do professor interpretar e compreender a paisagem, P5 em sua conclusão afirma que o autor não valoriza a experiência e as paisagens de vivência dos educandos, por fim P6 argumenta que o LD dá pouca ênfase as paisagens locais e regionais . As diferentes interpretações mostram.

### **2 - Qual a definição de paisagem que está presente no livro didático que você utiliza?**

Quando questionado P1 reiterou que ela estimula a aprendizagem a partir da comparação das paisagens dos livros, com aspectos da paisagem local, P2 argumenta que e uma estratégia de ensino que enfatiza a vivência, inclusive com exemplos de deslocamento da criança para a escola, P3 apresenta um recorte que valoriza o aspectos preservacionistas dos elementos das paisagens, valorizando o entendimento da definição de paisagem natural e artificial. O relato de P4 relaciona o estudo da paisagem a concepção Miltoniana que além de trazer o fundamento em tudo que a visão alcança, também possibilita o aperfeiçoamento da percepção, dos sentidos e do aparelho cognitivo do educando, auxiliando amplamente. P5 identifica no livro didático os aspectos implícitos que mostrar a dinâmica da sociedade, nessa mesma linha P6 traz a paisagem como uma categoria que é utilizada de forma dinâmica, considerado as diversas temporalidades que a compõe no contexto do Educando.

Nos contempla uma paisagem muito urbana, que fala do cotidiano é o que eles observam no dia a dia ao sair de casa, uma abordagem da paisagem natural, da paisagem artificial a paisagem da preservação conservação aquela endereçada pela ação humana, ) Paisagem é tudo aquilo que você vê ao seu redor, que a paisagem não é algo definido ne é algo que pode mudar e está relacionar aquela realidade do aluno (OS AUTORES, 2022)

### **3 - Qual o referencial proposto no livro didático em relação ao conceito de Paisagem?**

Considerando as diferentes abordagens que a categoria paisagem será trabalhada pelo livro didático, no processo de formação dos alunos, P1 analisa principalmente que o Livro didático em sua interpretação confundiu a abordagem com tipo de paisagem, sendo que, na sua proposição a paisagem urbana é mais enfatizada no livro, sendo que não foi citado nem teóricos ou corrente da Geografia, assim também, P2 propôs que algumas correntes da

Geografia mais recentes, estão tratando de abordagens que valorizam as experiências e vivências dos educandos.

Além disso, segundo P3, o entendimento demanda entender o processo que envolve a paisagem e suas interfaces com os conceitos de conservação e preservação no processo atual do espaço geográfico, P4 se fundamenta na concepção de paisagem de Milton Santos, Entretanto, P5 no seu entendimento a proposta do Livro didático bem como, seu fundamento teórico apresenta-se contraditório a realidade do aluno, P6 se posicionou quanto a pouca ênfase dada pelos autores a aspectos da geografia, em suas particularidades e especificidades regionais.

[...] O referencial do autor é um referencial urbano, totalmente urbano[...]voltado para o cotidiano, cotidiano dos alunos [...], mais na questão do meio ambiente para conservação de forma, de maneira de desenvolvimento ecológico [...] o teórico que embasa minha proposta pedagógica é Milton Santos [...] ponto científico do conceito é que anda na contramão do conhecimento do próprio aluno [...]é um conceito que relaciona apenas algumas regiões do Brasil (VÁRIOS AUTORES, 2022)

#### **4 - Você considera adequada a forma como o autor do LD trata o conceito de paisagem?**

P1 relata que ocorre uma preponderância aos aspectos ambientais, sociais e econômicos das paisagens urbanas, em detrimento as peculiaridades das paisagens rurais . P2 apenas diz que sim. P3 afirma que as abordagens tratadas pelo livro, expressam a diversidade de influencias que os geógrafos recebem, sejam culturais e discursivas, assim sendo, cada abordagem reflete um contexto histórico específico. P4 ressalta que o LD não valoriza e nem considera os saberes que os alunos traz do seu ambiente, que expressam suas histórias de vida, não percebe a conexão entre os conhecimentos do senso comum do aluno e os conhecimentos sistematizados, p5em sua proposição afirma que o Livro didático ao utilizar imagens , fotos, contribui na leitura das paisagens, além de contribuir no desenvolvimento cognitivo do aluno, pois, possibilita uma melhor compreensão dos diferentes aspectos de sua realidade, P6 afirma que não há uma quase total ausência de aspectos das paisagens regionais, com ênfase a amazônica, decorrentes da origem dos autores que escrevem os livros didáticos.

#### **5 - Há propostas de trabalhos práticos para auxiliar o professor e o aluno na construção do conceito de paisagem?**

O livro didático é um instrumento importante no processo de alfabetização geográfica, para tanto, muito dos conteúdos, entre eles, a categoria paisagem apresenta um grau de complexidade, principalmente, quando se trata no ensino para crianças e jovens, assim sendo, as propostas que esse instrumento traz devem possibilitar a relação estabelecida entre a

realidade do aluno e sua proposta, motivando-o a partir de práticas significativas o início do processo de construção do conhecimento geográfico.

Nesse sentido e conforme P1 afirma que o livro traz as formações do relevo, ilustrando com as montanhas do Tumucumaque, além, de paisagens antropofizadas do cerrado, somadas a áreas degradadas do estado, P2 apenas afirmou haver, sem dar detalhes, P3 enfatiza que o processo de ensino reflete esse aspecto muito comum no livro didático, conforme informações de P4 o LD traz um tópico relacionado à aspectos locais em que muito contribui para o entendimento, pois trata de aspectos comuns a todas as paisagens. P5 menciona que, não identificou no percurso do livro qualquer alusão a trabalhos práticos, assim como, P6 identifica atividades, mas que há sempre a necessidade de adaptar à realidade do aluno.

#### **6 - Será que os alunos compreendem a concepção de paisagem do livro didático?**

É muito importante ao professor criar e construir estratégias pedagógicas no ambiente escolar, que possibilitem a compreensão dos assuntos por parte das crianças e jovens, nesse sentido, para que os diversos processos e elementos que influem na construção e na dinâmica das paisagens, façam parte do entendimento do aluno e que ele possa evoluir da descrição dos elementos a análise e compreensão das interfaces que constituem as paisagens. “ As abordagens dos alunos devem ocorrer de forma lúdica, propondo momentos de trocas, de escuta e de fala, nos diferentes espaços educativos da escola”. (REIS et al, 2019, p.52).

Diante desse contexto P1, P2,P3 e P4 afirmaram que sim, sem considerar ou ilustrar de que forma essa compreensão é percebida ou de como ocorre, no entanto, P5 afirma que em decorrência da relação feita entre as paisagens do LD e as paisagens do seu cotidiano ele entende que ocorre o entendimento dos elementos que compõe as paisagens, P6 a partir de atividades motivadoras foi possível acompanhar e identificar a dinâmica das paisagens.

#### **7 - Quem escolheu o livro que você, utiliza a instituição ou o Professor?**

A escolha do Livro didático é importante quando é feita pelo professor, pois esse instrumento representa no ambiente escolar o mediador e significador da atuação do professor, sendo incentivado a sua escolha, além do seu conhecimento e discussão dos conteúdos, tópicos e atividades constantes nos livros didáticos. “Para a escolha do livro didático de Geografia, o professor terá que fazer uma série de seleções e de observações, onde a sua formação e a sua experiência é de grande valia nessa hora” (SUESS, SOBRINHO & ALMEIDA,2013, P.5).

Nos discursos dos professores referentes a escolha do Livro didático, somente P3 e P5 atribuíram a instituição a escola do livro didático.

## **8 - O conceito de paisagem do livro didático que você utiliza está dirigido para o aluno do sexto ano do ensino fundamental II?**

As atividades que mais expressam a construção desse processo estão relacionada as atividades de campo, pois, possibilitam as crianças e jovens do 6º ano, um entendimento e uma compreensão de suas realidades, ou seja, é comum que o professor a partir do cotidiano dos alunos, utilizando metodologias e conteúdos construtivos, torna-os protagonistas na elaboração dos novos significados para as paisagens de suas vivências. “A paisagem exige do aluno[...] partindo de sua capacidade cognitiva[...] o seu entendimento” (PICHITELI, 2017, p. 141).

P1 faz uma análise do livro e enfatiza que o aluno consegue relaciona os seus conceitos aos diferentes exemplos contidos no LD, enquanto, P2 não consegue definir como ocorre essa relação, P3 diz que o aluno consegue identificar e diferenciar a paisagem natural da paisagem artificial, considerando os elementos constitutivos, P4 apresentou dúvidas, demonstrou não existir conexão do assunto paisagem tratado no livro com o contexto do aluno. P5 enfatizou que o livro traz uma linguagem que ultrapassa o nível cognitivo e de compreensão do educando, P6 busca a alternativa de mostrar no que o livro trata inserir o aluno nesse contexto, de forma que o aluno se veja enquanto sujeito da paisagem atuando em sua dinâmica, nesse sentido usa bastante o ambiente escolar, família e outros grupos sociais que forma as paisagens do lugar.

### **Referente ao método adotado pelo professor**

#### **1 - De que forma você trabalha o conceito de paisagem na sala de aula?**

A fim de tornar as aulas de Geografia mais motivadoras, além de, facilitarem a construção dos conceitos estruturantes da ciência geográfica, entre eles o de paisagem. As metodologias contribuem para o início do processo de alfabetização geográfica, pois, possibilita o processo ensino aprendizagem, além de dar sentido no seu cotidiano as práticas construídas coletivamente em sala de aula. “As metodologias ativas [...]. Entre suas potencialidades estão a de impulsionar o envolvimento dos alunos por meio de atividades lúdicas, como o uso de jogos, e partir de situações vivenciadas por eles para tratar de temas variados” (MORAES, 2018, p. 423).

P1 identificou a possibilidade de construir o conceito de paisagem com os alunos, a partir de desenhos, em decorrência desse elemento ser muito importante em suas vidas, sendo possível construir a relação entre desenho e paisagem para o desenvolvimento da aprendizagem, P3 enfatizou que utiliza aspectos do dia a dia, significando-os a partir das exposições dos alunos, materializando em desenhos na lousa. P4 utiliza fotos e imagens além de Datashow, buscando a partir desses recursos elucidar a dinâmica das paisagens, comparando, descrevendo e procurando despertar nas crianças causas e consequências, num contexto de acordo com seu grau de entendimento. P5, por sua vez,

## **2 - Qual a sua concepção do conceito de paisagem?**

A prática pedagógica do professor, leva-o a conceber um termo que apresenta diferentes sentidos e origens, fatos que refletem o aspecto semântico do termo, nesse sentido, suas diversas concepções, tais como, foram abordadas e aplicadas por diferentes teóricos, expressam, a formação e a discussão que envolve o tema em diferentes momentos da história. “A paisagem [...]e as escolas abordadas, transcreve as relações entre homem e natureza, entre social e o físico e é a partir desta perspectiva que o geógrafo deve considerá-la em sua análise” (BARBOSA & GONÇALVES, 2014, p.16)

Pode-se dizer que as diferentes formas de observar as paisagens, amplia a capacidade de entendimento sobre a diversidade de seus elementos. Neste contexto, ele o professor consegue observar e também comparar, é constata-se que tem início o processo ensino aprendizagem. Portanto, a totalidade dos professores, afirmaram que a análise da paisagem se resume aos aspectos visíveis, sem considerar que compreender o que é a paisagem é uma maneira de entender o mundo em que ele vive, além do que está por detrás dela, fazendo uma leitura crítica do seu contexto social e do mundo.

## **3- De que forma acredita ser possível construir o conceito de paisagem com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental?**

De que forma possam ser desenvolvidas práticas que possibilitem às crianças aprender e a pensar sobre sua realidade e que possam iniciar um entendimento das relações entre a sociedade e a natureza. A escola e o professor são os mediadores e os incentivadores desse processo, atuando enquanto sujeitos em conjunto com as crianças, no enfrentamento e na superação do desafio, a partir de práticas e alternativas de construção pedagógica que instrumentalize as crianças para poderem dar início a um conhecimento adaptados as diferentes realidade suas.

Nesse sentido, Faria & Resende(2007,p.6) afirmam que as crianças têm uma determinada forma de observar, de expressar, de conhecer e, experiências logo, de representar a realidade e suas paisagens. Essas formas remontam às suas e seu nível de desenvolvimento cognitivo, à sua vivência cotidiana. Ao fazer isto, a criança lança mão dessas experiências, desses conhecimentos prévios para conhecer.

Ao analisar o depoimento de P1 entende-se que a construção do conceito, prioriza aspectos relacionados a vivência do aluno, valorizando seus saberes prévios, na construção e ressignificação dos conceitos, entre eles, a paisagem, P2 explicou que a partir dos desenhos, que expressam paisagens onde os alunos tem mais familiaridade, além de práticas de campo. Segundo P3 a construção do conceito de paisagem é um processo gradativo de acúmulos de experiências e maturidade do educando, essa dinâmica possibilita que ocorra as etapas de observação, comparação e conseqüentemente os significados e as relações saiam concretude e envolva um início de abstração dos elementos e identificação dos tipos de paisagens. P4 salienta que trabalhar com contextos históricos da comunidade, a partir da ênfase ao lugar, comparando, buscando experiências tem sido a melhor maneira de construir o conceito, lançando mão principalmente do que a comunidade escolar possui, P5 em sua análise ele elabora uma proposta que utiliza a ressignificação das experiências do aluno, o ambiente de trabalho da família e as diferentes expressões na paisagem, fortalecendo sua compreensão e entendimento. P6 analisa que a partir de uma mesa redonda, os alunos dispõem sobre seu entendimento sobre paisagem, as proposições são ressignificadas pelo professor, reforçando sempre e considerando a compreensão do educando.

#### **4 - Quais as dificuldades para elaborar e aplicar o conceito de paisagem?**

Por ser um termo complexo, a categoria paisagem ao ser utilizada na reflexão e compreensão do espaço geográfico, inseri novas variáveis que caracterizam as dinâmicas da paisagem, nesse sentido, impõe dificuldades pedagógicas a compreensão e construção desse processo, importante na formação social e construção de valores das crianças alunos (as) do 6º ano. Assim sendo, as dificuldades que podem ser obstáculos ao aprendizado requerem, “O fazer pedagógico, nessa fase, requer a continuidade de um ensino contextualizado, dinâmico e significativo, com orientações claras e objetivas e acompanhamento contínuo” (MARASCA, 2022, p. 20).

P1 explica que a maior dificuldade é desconstruir o conteúdo, para inserir o cotidiano do aluno em seu processo de aprendizagem, ou seja, o Livro didático não expressa o modo de vida, a cultura do aluno, assim como, suas peculiaridades culturais e regionais, P2 explicita

que suas dificuldades decorrem da ausência de material e fontes complementares, para atualizar conhecimentos. P3 a construção do ensino demanda de concentração, assim como capacidade de relacionar aspectos de sua realidade, embora essa capacidade ainda esteja em fase inicial para esses educandos, P4 explicou que a oferta de livros em quantidades suficiente é um dos fatores que tornam o processo de ensino mais dificultoso, P5 é a ausência de formação que impossibilita mostrar interfaces entre o local e o global, ao analisar o depoimento de P6 entende-se que a maior dificuldade de contextualizar o aluno, mesmo utilizando aspectos concretos de sua realidade, para assim, torná-lo sujeito de seu processo de ensino.

## **5 - Há propostas de trabalhos para que o aluno construa o conceito de paisagem?**

### **Sobre o conceito de Paisagem**

#### **1 – Qual a importância da paisagem no 6º ano do Ensino Fundamental?**

O ensino da paisagem para crianças do sexto ano possibilita o início de um processo de entendimento, avançando para uma reflexão, além de evoluir nesses alunos a percepção de que sua prática, contribui para a construção do espaço geográfico, e nesse sentido, suas ações e atitudes modificam as paisagens. “[...] desta forma os alunos irão aprender os conteúdos e conceitos e esse conhecimento será levado para toda a vida, porque foi construído por eles próprios, juntamente com o professor” (SANTOS & CHIAPETTI, 2014, p.72).

O entendimento de P1 ao ser questionado ele considera que a paisagem ultrapassa o aspecto material e torna o aluno pertencente daquela porção do espaço geográfico. Mostrando significados os mais diversos, sendo que os elementos das paisagens, dos contextos em que vivem, desperta-lhes o sentimento de pertencimento, P2 desperta uma consciência preservacionista, que fortalece um vínculo maior com a natureza, além de contribuir para o fortalecimento de atitudes cognitivas relacionadas as paisagens. P3 explicou que, através de uma compreensão maior da paisagem é possível identificar e propor uma proposta mais ampla dos elementos da natureza a serem preservados e o significados e valores atribuídos a eles para melhoria da vida no planeta, P4 em seu comentário enfatiza que que a paisagem é um aspecto do lugar que expressa a história e as subjetividades da criança (aluno), assim sendo, tornando-se indissociável da figura de quem observa, nesse sentido, seu estudo é imprescindível no processo de ensino. P5 reforça que sua importância está relacionada a percepção de como as paisagens são percebidas e apreendidas, na realidade vivenciada por

cada aluno, P6 diz que a importância da paisagem está relacionada a expressão de um momento histórico expresso nos seus diferentes aspectos.

## **2 – O Senhor (a) busca alguma referência teórica para trabalhar a categoria paisagem?**

A categoria paisagem atravessa diversos momentos da história, herdando influências, sociais, políticas, cultura. Nesse sentido, sua abordagem dinâmica reflete tais ações, além de constituir-se em importante elemento para a compreensão do espaço geográfico. Assim sendo, “[...] o conceito de paisagem passou por diversas correntes e abordagens, e ao longo do tempo foi se adaptando às novas formas e funcionalidades propondo novos estudos. Em consequência, a mesma é repensada não apenas como resultado material de interações, mas com uma nova maneira de olhar a paisagem” (MACIEL & LIMA, 2001, p. 169).

Com exceção de dois entrevistados P2 e P3 os demais professores adotam como referencial a visão de que a maneira da paisagem ser percebida pelo aluno, ocorre quando a criança corre, brinca, que são situações vividas no ambiente escolar, quando essas atividades ocorrem ele interage socialmente com o seu espaço mais próximo, nesse processo se amplia o seu mundo e o seu entendimento de complexidade está sendo construído, além da dinâmica da paisagem.

## **3 – O Senhor utiliza quais procedimentos para lecionar o conteúdo paisagem no 6º do Ensino Fundamental?**

Com as séries iniciais o processo educacional, nesse caso, o estudo das paisagens no sexto ano, tem que partir de relações concretas, com base na própria experiência do aluno, levando-o a compreender as diferenças existentes e as interrelações que se estabelecem no espaço geográfico do qual ele faz parte. Pois, é um caminho dinâmico de descobertas, de interações com a sua realidade, preparando-o, de forma progressiva, para a exploração de contextos espaciais mais amplos e abstratos. Que possam contribuir como “condição imprescindível para o aumento da qualidade do processo de aprendizagens das crianças, qualidade essa entendida como compreensão da realidade espacial para além do visível, da sua mera descrição e representação” (BRAGA, 2007, p.18).

Os procedimentos utilizados por P1 envolveram, desde a produção de desenhos, além da análise de imagens do próprio livro, P2, lança mão de recurso tecnológico como Datashow, para diferenciar a partir de projeções as paisagens naturais e artificiais, em suas atividades P4 para preencher a ausência do livro e utilizado apenas algumas apostilas, para P5 é importante as maquete pois possibilitou identificar os elementos das paisagens de forma tridimensional,

além de contribuir no desenvolvimento cognitivo dos alunos. P6 enfatizou a vivência do aluno no processo de construção do entendimento das paisagens.

#### **4 – Ao lecionar o conteúdo paisagem o senhor (a) a relaciona com as paisagens locais, de seu município?**

É importante que o aprendizado do aluno esteja relacionado a aspectos do seu cotidiano, de sua realidade, ou seja, a tudo que diz respeito a sua vida e das pessoas com quem convive. Quando o professor relaciona os aspectos das paisagens do livro do aluno, aos elementos das paisagens do lugar em que vive, seja no município ou grande centro, ele está usando as referências para tornar mais eficaz o ensino aprendizagem do aluno em geografia.

Houve unanimidade entre os professores no sentido de contextualizar os aspectos referentes ao estudo da paisagem na geografia, pois desta forma, acreditam tornar o processo de ensino mais significativo.

#### **5 – Quais as dificuldades de se lecionar Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental?**

##### **5.1 Considerações sobre a abordagem do conceito de paisagem**

O processo de construção e entendimento das paisagens no sexto ano do ensino fundamental, é abordado pelos professores, a partir de práticas pedagógicas que possibilitem ao aluno, utilizar os conceito de paisagem construído coletivamente em sala de aula, para solucionar pequenos problemas e atividades do seu dia a dia.

Pois, a criança/aluno está iniciando um processo de abstração, onde o concreto prevalece em todas as suas atividades, sejam objetivas ou inconsciente subjetivas. Assim sendo, o professor em sua prática pedagógica deve possibilitar e valorizar as experiência prévias dos alunos, quando da formulação do seu planejamento e do trato dos conceitos fundamentais, entre eles, a paisagem na disciplina Geografia.

É importante considerar que a identificação ocorre pela observação e que elementos do cotidiano do aluno possuem maior familiaridade e conseqüentemente maior entendimento e compreensão. Pois os elementos da paisagem local têm mais significado, pois faz parte de sua história, de suas lembranças, de seu afeto, despertando-lhe maiores possibilidades de compreender as mudanças que ocorrem em seu ambiente.

Portanto, como a maioria dos professores utilizam o livro didático como principal instrumento formativo, foi constatado que boa parte dos professores constroem suas bases, fundamentam-se na abordagem crítica, onde o ser humano participa da construção do espaço

geográfico, como sujeito histórico, e através do trabalho modifica o espaço e consequentemente gera mudanças nas paisagens.

Entretanto, é importante considerar que estamos construindo o conceito de paisagem com crianças de até 11 anos, e que sua percepção ainda está muito atrelados a aspectos concretos do ambiente e espaço em que convive, sendo que seus conceitos prévios, produzidos a partir do senso comum, precisam ser ressignificados relacionando-os aos conceitos sistematizados, para que ocorra um entendimento e o despertar para a reflexão, no caso, a transformação de dados em informações.

Uma boa parte dos professores entrevistados consegue se aproximar do conceito de paisagem em suas interpretações, citando no contexto de suas falas abordagens e proposições teórico metodológicas, mas sempre muito atrelados a práticas e abordagens tradicionais do conhecimento geográfico, relacionadas a descrição das paisagens, bem como, sequenciamento dos seus elementos. Além disso, é possível identificar a ausência de novas variáveis, que acompanham a dinâmica do espaço geográfico, por exemplo, cultura, gênero, diversidades, assim, a criança embora vivenciando situações que envolvam esses sujeitos e situações, não consegue no espaço escolar, perceber e identificar a ação desses sujeitos e atitudes.

Apenas P2 e P4 propuseram em sua prática, mas sem muitos detalhes de proposta de conteúdos e metodologias, a inserção em seu conceito de paisagem, uma proposta ambiental, considerando a corrente conservacionista e o ambiente em sua dimensão ecológica.

Apenas P1 ressaltou a abordagem sociocultural, mesmo que de forma precária, não linear, essa identificação ocorre em alguns fragmentos de fala, quando enfatiza os aspectos relacionado a paisagem contidos no livro didático aos aspectos das paisagens da comunidade.

Assim sendo, o ambiente escolar é o espaço onde coletivamente as crianças/alunos, sob a coordenação do professor, constroem conhecimentos e não apenas os reproduz, sua identidade e com a aprendizagem.

O Livro didático como ferramenta no ambiente de ensino, se bem trabalhado pelo professor, com estratégias inteligentes de aprendizagem, possibilita ao aluno desenvolver atitudes e princípios e provavelmente a ampliação de conhecimentos para uma relação mais racional com a natureza que constitui o espaço geográfico.

Nesse sentido, acredita-se que a continuidade da pesquisa se faz necessária em outra oportunidade, para que sejam possíveis novas práticas e procedimentos pedagógicos que possibilitem a formação mais flexível, um aluno mais atuante, e que seja capaz de pensar geograficamente sua realidade, percebendo e entendendo sua paisagem.

## Considerações

### Os professores e o conceito de paisagem

Quase todos os professores já possuem uma atuação em sala de aula, atuando como professores da disciplina geografia, mesmo antes de terem concluído seus cursos de formação, mesmo assim, ficou constatado, em muitos casos a formação não contribuiu na utilização de práticas pedagógicas inovadoras, em relação ao ensino de geografia, em especial, sobre as paisagens, que tornasse o processo de ensino significativo.

Quando consideramos a análise sobre o entendimento do conceito de paisagem pelos professores, a quase totalidade respondeu que paisagem “É tudo que vemos ao nosso redor”, nesse sentido, ficou mostrado a adoção de uma concepção bastante generalista, mostra que as temporalidades é fator de entendimento, P3 enfatizou que além dos elementos visíveis, também os elementos sociais, históricos e culturais, caracterizam as interfaces que constituem o espaço geográficos expressos nas paisagens.

Ao responder sobre a importância da paisagem os professores ressaltaram que as paisagens expressam, não só o que os olhos vislumbram, mas que elas ultrapassam a aparência, possibilitando o entendimento e a compreensão do espaço geográfico, sendo o ser humano a agente que atua na mudança do espaço geográfico, essas mudanças presentes no cotidiano dos alunos, determinam a dinâmica das paisagens.

Assim sendo, o professor tem o comprometimento de desenvolver práticas pedagógicas e metodologia inovadoras que possibilitem o aluno no entendimento dessa dinâmica e nos elementos envolvidos nesse processo.

Apesar dos comentários, os professores que participaram da pesquisa foram quase unânimes em criticar que, os livros didáticos não contemplam a realidade dos alunos, por exemplo, suas práticas produtivas e culturais, priorizando aspectos relacionados a outras regiões, o que compromete seus trabalhos em sala de aula. Embora, após análise das coleções (06) ficou constatado que a temática paisagem é abordada em seus primeiros capítulos (tópicos) demandando tão somente resignificação/contextualização por parte dos professores.

Foi ressaltado, com exceção de P1 e P5, demonstrou alguma preocupação em relação a utilização de referências que contribuam para reforçar e aprofundar as temáticas no ambiente escolar.

Portanto, ficou comprovado na sequência das resposta que o Livro didático, representa tão somente a única fonte de estudo e pesquisa usada pelo professor em sala de aula. O que em nada justifica a falta de orientação quanto a referencias complementares, pois, ao final de

cada unidade são relacionados numerosos recursos e fontes complementares, para o aprofundamento sobre as temáticas abordadas nos capítulos.

Quando questionados sobre as práticas relacionadas ao ensino da paisagem em sala de aula, e diante do exposto percebe-se que os professores utilizam apenas o livro didático em suas atividades. É comum nas escolas nos dias atuais, e os professores entrevistados não foram diferentes, usarem utilizarem o livro didático como único e principal instrumento de ensino no ambiente escolar, com exceção de P3 que afirmou utilizar o Datashow como auxiliar no processo de aprendizagem com seus alunos. Outro aspecto comum, é a falta de recursos didáticos por parte das escolas, o que inviabilizaria uma aula diferenciada, mas fica evidente que as aulas em quase nada tem possibilitado a melhoria de qualidade da aprendizagem dos nossos alunos.

Vale ressaltar que o as resposta as pergunta sobre a construção do conceito de paisagem com os alunos de 6º ano, os professores afirmaram que em primeiro lugar, explicam os assunto a partir do conceito trazido pelo livro didático, embora o livro didático apresente uma ausência de contexto do conceito em relação ao o cotidiano dos alunos, mesmo assim, procuram despertar nas crianças a criticidade, acreditam que essa relação ocorre, quando relacionam os aspectos do livro com elementos das paisagens locais. Entre os poucos recursos utilizados apenas P6, cita a utilização de desenhos nesse processo, além da descrição do trajeto diário do alunos da residência a escola e vice versa. Passeios e itinerários na comunidade não são citados, o que possibilitaria compreender a paisagem em seus elementos e mesmo descrevê-la.

Quanto às dificuldades para elaborar e aplicar o conceito de paisagem, além da falta de atenção por parte dos alunos, os professores citaram por exemplo, a falta de recursos pedagógicos disponíveis, embora tal situação prevaleça para alguns professores, outros afirmam superar tal situação utilizando metodologias inovadoras, por exemplo, itinerários formativos.

Entretanto, alguns professores citam a confecção de maquetes, desenhos (P2). No entanto, diante de tal situação, é importante que o professor tenha consciência que a escola não deve ser a única a prover a aprendizagem, pois tal responsabilidade cabe ao professor, a que cabe buscar inovações teóricas e metodológicas, fontes que contribuam efetivamente na formação e aprendizagem do aluno do sexto ano.

Além do livro didático, enquanto recurso, são utilizados apenas esporadicamente passeios, o que não condiz com uma aula motivadora, além do apoio logístico, para atividades que desenvolva habilidades próprios desse segmento escolar.

## 6 PROPOSTAS PARA O ENSINO DA PAISAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para o desenvolvimento de uma série de habilidade com os alunos do ensino fundamental é importante que, no processo de ensino, seja utilizado, estratégias diversas , entre elas imagens de diferentes paisagens, além de outros recursos pedagógicos, em diferentes níveis de escala, relacionando-as a nossa realidade local.

Nesse sentido, estaremos valorizando e respeitando os biomas amapaenses, onde esse aluno está inserido o qual é mais familiarizado a ele, essa prática possibilita ao aluno, estabelecer uma relação com os aspectos tratados com elementos da sua realidade vivida cotidianamente. “ as representações das paisagens revelam detalhes que podem ajudar a entender a dinâmica, tanto natural como social de determinada área” (MARTINS e ZACHARIAS,2022,p.1254).

Pode-se dizer que as paisagens possibilitam, a partir das diferentes abordagens, uma série de aplicações, que podem ser usados na mediação pedagógica, que ocorre no ambiente escolar.

De acordo com Cavalcanti & Britoll (2019, p. 8):

O estudo dos Geossistemas abre as cortinas do conhecimento para que aluno compreenda não só o funcionamento da paisagem mais também as transformações naturais e culturais que acontecem, e que muitas vezes essas mudanças são causadas pela ação antrópica no lugar. Através desse estudo, o estudante passa a perceber a paisagem como um conjunto de inter-relações sócio/econômico e natural/cultural, despertando um pensamento crítico e questionador no aluno.

### 6.1 OS COMPONENTES GEOAMBIENTAIS DAS PAISAGENS

Componentes da terra: geologia, relevo e solos.

Componentes do ar e da água: clima e hidrografia.

Componentes da biodiversidade: vegetação, flora e fauna.

Os Geoambientes representam uma resignificação das paisagens, decorrentes da ação humana, a vegetação possibilita identificar os geoambientes, a partir de sua configuração florística, a intensidade da ação antrópica compromete seu equilíbrio. Nesse sentido, "O Geossistema [...] demanda conhecimentos e métodos aplicados à compreensão das relações Sociedade - Natureza" (DIAS & GUIMARÃES,2016, p.84).

Como bem nos assegura Torres, Sampaio & Oliveira (2009), pode-se dizer que o processo de antropização reflete os estágios da cobertura vegetal. Neste contexto, fica claro que os diferentes Geofácies é a configuração da vegetação. O mais preocupante, contudo, é constatar que outros aspectos dos Geofácies não apresentem um potencial identificador da ação antrópica. Não é exagero afirmar que a vegetação é o fator diferenciados das tipologias dos geofácies.

É interessante, aliás, enfatizar que os Geossistemas são importantes para identificar os ritmos das mudanças paisagísticas, mas há um fato que se sobrepõe, é a estrutura e a modelagem das paisagens. Vale considerar que os complexos paisagísticos, conforme explicado acima são representativos dos Geossistemas, podendo ser analisados como sistemas ambientais abertos.

Pode-se dizer que os estudos da paisagem na perspectiva Geossistêmica deve ser estudada e analisada num contexto de totalidade. Neste sentido, para Silva, Rocha & Silva (2020) o Geossistema estrutura-se na concepção de paisagens, a partir do caráter indissociável dos diferentes elementos que o compõe. Pois, o autor deixa claro, a importância de estabelecer uma análise integrada dos diferentes aspetos da paisagem.

Essa situação converge para aspectos de análise, porque o autor conclui que a análise da paisagem, na perspectiva Geossistêmica, possibilita compreender a dinâmica físico ambiental, inserindo a ação humana nesse processo. Conforme mencionado pelo autor a justificativa segue na seguinte linha somente uma análise multidisciplinar pode compreender as multidimensões que compõem a paisagem. E isso é um fato já explicado inúmeras vezes por outros autores. Para esse autor, o Geossistema enfatiza "a importância das variáveis sociais no entendimento de tais sistemas e da relação entre o estudo integrado dos sistemas e a problemática ambiental" (SILVA, ROCHA & SILVA, 2020, p. 358).

Conforme explicado anteriormente Geossistemas apresentam uma estrutura contraditória de aspectos que a homogeneizam, assim como, elementos que a diferenciam. Conforme Figueiró (2015), O Geossistema supera o ecossistema, pois abrange como ferramenta de análise as diferentes interações, possibilitando, por exemplo, a interpretação dos processos que determinam as dinâmicas e transformações das paisagens no tempo.

Torre, Dagnino & Junior (2009, p.364 - 365) definem Geossistema:

A concepção de Geossistema permite aliar as mais variadas teorias e disciplinas científicas (antigas e atuais) com aspectos culturais e artísticos (mitológicos ou do nosso cotidiano). Esta concepção é um estímulo para ultrapassar o período que alguns denominam de crise, sendo um importante instrumento para a Geografia que tem o papel de unir e ligar o estritamente científico ao cotidiano.

O autor deixa claro que a concepção possibilita articular e integrar os Geossistemas as diferentes concepções que foram aplicadas em diferentes momentos da construção da ciência geográfica e que permanecem nos dias de hoje, consolidados enquanto fundamento da ciência geográfica. Nesse sentido, a Teoria dos Geossistema estrutura-se em seus procedimentos e integra os conhecimentos produzidos pela ciência aos saberes resultantes das relações empíricas das sociedades.

Espera-se, dessa forma, o que hoje é formalmente conhecido como teoria dos Geossistema e conceituado por Silva, Rocha & Silva (2020,p.295) " O Geossistema tomou notoriedade, principalmente na ciência geográfica [...], uma vez que se demonstra eficaz no planejamento e na gestão físico territorial (ou ambiental), pela capacidade de gerar um conhecimento da síntese da paisagem".

Os elementos geoambientais que definem [...] os Geossistemas, são representados pelos tipos ou formas de relevo, solo e configuração da vegetação. Esses elementos expressam em sua estrutura os reflexos da intervenção antrópica. "O Geossistema [...] resultante da combinação de fatores naturais geomorfológicos [...], climáticos e [...], hidrológicos [...]" (DIAS & GUIMARÃES, 2016, p.37).

De acordo com Borzachev (2006), os elementos e fatores naturais, entre eles a vegetação, clima, solo e relevo, representam elementos que estruturam os sistemas naturais, quando afirma que aspectos relacionados a esses elementos são imprescindíveis na análise geográfica. Alega que para se efetivar esse processo é importante uma configuração territorial do sistema em análise e que o mesmo possa ser observado.

Portanto, é importante que se considere que os Geossistemas são considerados elementos indissociáveis entre aspectos e fatores naturais e são alterados pela ação humana, ou seja, a análise da paisagem considera os elementos como dinâmicos em sua complexidade. Isso quer dizer que a configuração de um desses elementos, a vegetação no caso, e resultante da interação e interface do complexo Geossistêmico.

Conforme Lourenço (2017) "considerando o foco de análise do conceito de paisagem, ela apresenta uma diversidade de concepções, entre elas a Geossistêmica". O autor deixa claro que assim como as outras concepções, o equilíbrio do planeta Terra, decorre da interação, entre elementos naturais como: rochas, solos, seres vivos, água e alguns elementos externos como a radiação solar.

O autor enfatiza que o equilíbrio dos elementos que garantem a estabilidade do planeta Terra é reflexo das interfaces dinâmicas que compõem os ecossistemas e estão configurados

nos diferentes elementos das paisagens. É importante considerar que tais elementos são reflexo da dinâmica das paisagens. Pois, "[...] Geossistemas é produto da interação entre os diferentes componentes físicos naturais (litológico, formato do relevo, solos, cobertura vegetal, tipos climáticos, além de outros[...]" (LOURENÇO, 2017, p.63).

O Geossistema representa um sistema integrado e articulado entre elementos naturais em interfaces com os sistemas socioeconômicos de forma equilibrada. O Geossistema, por exemplo, resultaria da combinação de um potencial ecológico (Geomorfologia, solo e fauna) e uma ação antrópica, não representando necessariamente homogeneidade fisionômica e sim um complexo essencialmente dinâmico. (CRISTOFOFETTI, 2015).

Atualmente no Brasil [...] a obra de Aziz Nacib Ab`Saber, os domínios de natureza no Brasil [...] descreve com riqueza de detalhes a interação dos domínios morfoclimáticos, tratando da interação e interdependência entre os diversos elementos da paisagem (relevo, clima, vegetação, hidrografia solo, fauna etc.)[...] individualizando uma determinada porção do território (área core ou nuclear de um domínio morfoclimático ou de um bioma terrestre)(TELES,2009, p.47).

Na citação anterior, o autor deixa claro que o foco que possibilita a análise sistêmica da paisagem são os elementos fundantes que constituem a teoria Geossistema, expressos nas paisagens como: aspectos pedológicos, vegetação, relevo, fauna, considerando-os como elementos indissociáveis e interdependentes. Nesse sentido, tais aspectos configuram, associados com a ação humana, expressos num contexto territorial, o aspecto fundamental de interpretação das paisagens.

De acordo com Teles (2009, p. 47):

A teoria Geossistêmica constitui um marco para a Geografia porque foi com essa teoria que a Geografia pode aprofundar as relações que envolvem a classificação das paisagens, atribuindo considerações mais complexas que se opõe a classificação mais simplista, como a classificação de biomas. Na teoria Geossistêmica, aspectos climáticos, morfológicos e botânicos interagem de maneira sistêmica, dando origem a paisagem geográfica que tem espacialidade definida ou escala territoriais e temporais apresentando sua dinâmica própria.

Conforme citado acima, a relevância do clima como elemento relevante se expressa através da oferta de energia, possibilitando a dinâmica do Geossistema, mas, em cima disso, ele atua como gradiente que define os níveis de calor é água, que será disponibilizado no processo de interfaces. Além disso, o relevo potencializa as características do solo, bem como, sua topografia, nesse sentido, o autor deixa claro, que as massas de energia determinam o mosaico paisagístico, a partir do controle energético exercido no contexto territorial do Geossistema expresso nas paisagens.

De acordo com Silva, Rocha & Silva (2020, p. 302-303) afirmam que:

O estudo sobre Geossistema é fundamental na Teoria Geral dos Sistemas [...]. O todo sempre estará condicionado pelas relações e pelas conexões estabelecidas entre suas partes [...] A análise Geossistêmica da paisagem é vista com o objetivo de demonstrar a configuração físico ambiental da região, incluindo as características dos recursos naturais, nos aspectos geológicos-morfológicos, hidroclimáticos, pedológicos e de biodiversidade, sem deixar de considerar o ser humano.

O autor afirma que a análise da paisagem a partir da concepção Geossistêmica, possibilita uma visão mais holística dos aspectos da paisagem. A justificativa do autor segue na seguinte linha de que, conforme citado acima, o Geossistema resulta da interação dinâmica dos elementos naturais e sociais, não sendo homogêneo em contextos espaciais diversos, mas sim um complexo essencialmente dinâmico." O Geossistema representa um sistema integrado e articulado entre elementos naturais em interfaces com os sistemas socioeconômicos de forma equilibrada"(CRISTOFOLETTI, 2015).

É interessante, aliás, considerar que um Geossistema, é caracterizado pela interação dinâmica de elementos naturais em interfaces dinâmicas com a sociedade, um fato interessante é que nenhuma elemento se sobrepõe ao outro. Segundo Rodrigues (2022, p. 87) " Na integração Geossistêmica [...] seis tipos de formações Geoecológicas na formação da paisagem: geológicos, climáticos, geomorfológicos, hídricos, edáficos e bióticos". Sendo que a localização territorial é fator importante na interação Geossistêmica, por exemplo, a análise dos fatores geoecológicos tem um grande valor para estabelecer as cadeias de dependências nos Geossistemas, ou seja, independente da ação antrópica o Geossistema apresentará uma configuração de totalidade ecossistêmica.

Dessa forma, pode-se dizer que conhecer as paisagens é pesquisar sua essência a essência como está estruturada a paisagem. Caso contrário, não é possível identificar como estão combinados os diferentes elementos. É importante considerar que esses aspectos são importantes para entender a configuração paisagística. De acordo com Adorno, Santos & Barreiro (2021, p. 481-482):

Uma das vantagens da teoria Geossistêmica é a possibilidade de investigação dos diversos aspectos da paisagem, como estrutura, evolução e dinâmica. A premissa de que o surgimento desta teoria está associado à geografia física não deve ser motivo para a diminuição da complexidade paisagística na análise geográfica.

Fica evidente a importância da Teoria Geossistêmica para análise da dinâmica paisagística, pois possibilita uma análise integrada de todos os elementos constitutivos das paisagens, além de permitir uma compreensão da essência e da estrutura dessa configuração. Além disso, a teoria Geossistêmica preenche uma lacuna que compreende um equilíbrio entre

as potencialidades e fragilidades para que o uso e ocupação da paisagem não seja, comprometidas e que sofram colapsos, quando da sua ocupação.

## 6.2 AS PAISAGENS NATURAIS DO AMAPÁ: BIOMAS E ECOSSISTEMAS, FLORESTA ÚMIDA, CERRADO/LAVRADO, SERRAS, CAMPOS, MANGUEZAIS/LITORAL

O Amapá é parte de um sistema de territórios que compreende o bioma amazônico, que consiste no maior território de florestas tropicais do mundo presentes na zona intertropical, bioma caracterizado por apresentar uma vasta biodiversidade.

As condições de elevadas temperaturas e precipitações em período sazonal, conferem o ambiente ideal para o estabelecimento das florestas típicas da Intertropical. Assim como, a Zona Costeira Amazônica e seus respectivos ecossistemas, são produtos da energia de interação entre os processos atmosféricos, oceanográficos e continentais, que exercem influência sobre os ecossistemas terrestres e marinhos.

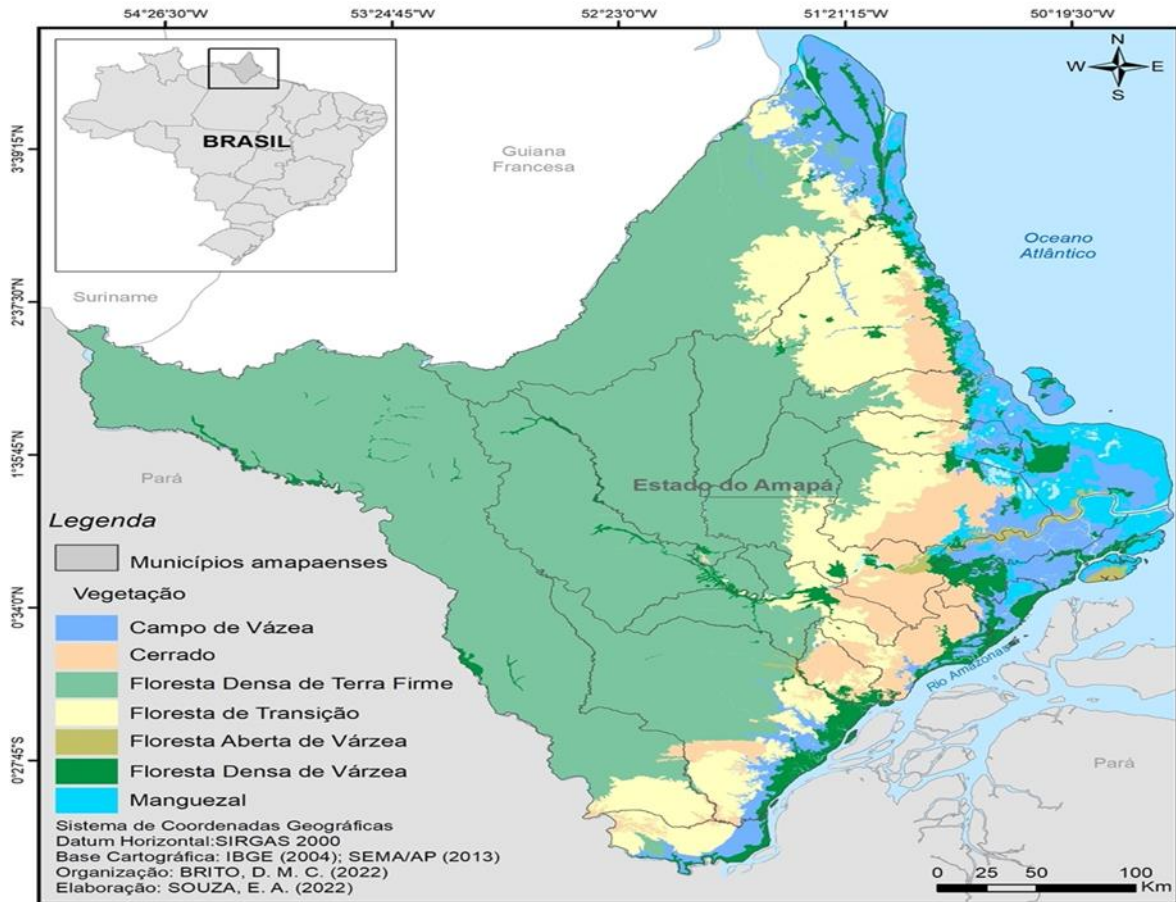
De acordo com Junior & Rodrigues (2021, p.1666):

A Zona Costeira do Amapá possui uma variedade ecossistemas associados e que podem sofrer influência desta zona. Ecossistemas como manguezais, campos inundáveis, florestas de várzea e ilhas vegetadas são predominantes em pelo menos um dos dois setores que compõem a zona costeira. Os Campos inundáveis são ecossistemas presentes nos dois setores costeiros do estado do Amapá, que ocupam cerca de 11,7% do território do estado. a floresta de várzea, tipo de formação florestal característica de áreas inundáveis, é predominante em áreas margeadas por corpos hídricos, podendo ocorrer em margens de rios e banhados.

A Zona Costeira do Amapá possui uma variedade ecossistemas associados e que podem sofrer influência desta zona. Ecossistemas como manguezais, campos inundáveis, florestas de várzea e ilhas vegetadas são predominantes em pelo menos um dos dois setores que compõem a zona costeira. Os Campos inundáveis são ecossistemas presentes nos dois setores costeiros do estado do Amapá, que ocupam cerca de 11,7% do território do estado. a floresta de várzea, tipo de formação florestal característica de áreas inundáveis, é predominante em áreas margeadas por corpos hídricos, podendo ocorrerem margens de rios e banhados.

A seguir na (Figura 18), apresenta-se o mapa das paisagens naturais do Estado do Amapá.

Figura 18. Mapa da vegetação do Estado do Amapá.



Fonte: Souza, 2022.

O Amapá apresenta uma diversidade de ecossistemas, manifestos em paisagens, ou comunidades vegetais. "O Amapá possui: florestas tropicais[...]; Cerrados[...]; manguezais; restingas; lagos e alagados de água doce e salgada; florestas de palmeiras"(Drummond & Pereira, 2007,p.48). Essas formações estão distribuídas por diferentes porções do território amapaense, com grande concentração de cerrados para o leste do estado, que se avizinham aos campos inundados e as restingas. Além de formações de florestas de terra firme localizadas mais para oeste do território.

Como bem nos assegura Fattini (2021), pode-se dizer que o estado do Amapá está inserido no Bioma amazônico. Neste contexto, fica claro que a cobertura vegetal é composta predominantemente por florestas tropicais. Contudo, é possível constatar que estão divididas em florestas de terra firme e de várzea. Não é exagero afirmar que todos esses biomas ocorrem também em áreas litorâneas os manguezais. Assim, como, vegetação típica de Cerrado.

É interessante, aliás, enfatizar que as paisagens amapaenses representam grande potencial de biodiversidade, conforme explicado acima, mas há um fato que se sobrepõe é que o estado apresenta uma reserva de patrimônio de biodiversidade e que pode alavancar um projeto de desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, não há razão para que se destrua os diversos biomas. É sinal de que há, enfim, uma possibilidade de alavancar o desenvolvimento do estado, pode ser possível, a partir do potencial biogenético que essas formações florísticas apresentam em sua diversidade.

Pode-se dizer que os sedimentos e a baixa salinidade moldam ambientes costeiros altamente especializados, incluindo florestas de mangues, campos inundáveis e outras variações geofitofisionômicas. Neste contexto, para Chagas & Rabelo (2015). A planície costeira do Amapá, após uma faixa de transição de cerrado, dá lugar à exuberante floresta densa de terra firme. Contudo, é importante que o Amapá de prioridade para a proteção dessa vasta biodiversidade pelas políticas ambientais.

Tal afirmação possibilita ao Amapá apresentar o quadro de unidade da federação com menores índices de desmatamento. E isso é um fato já explicado inúmeras vezes por outros autores. Conforme mencionado, tal situação "decorre de fatores geográficos, como o seu isolamento, em relação ao restante do país, além de ações definidas por políticas públicas" (CHAGAS & RABELO, 2015, p.03). Possibilitaram ao Amapá manter a quase integridade de paisagens em seu território.

Fica evidente que as formações paisagísticas que predominam no Amapá, estão dispostas a partir do litoral, no sentido longitudinal, organizadas em faixas, a relevância de cada unidade, está relacionada, por exemplo, As florestas[...], apresenta alto potencial de exploração madeireira[...]; as áreas inundáveis[...], pela pecuária extensiva, constituída pela criação de bubalinos, o Cerrado[...], pela silvicultura, praticada em uma área de 270 mil hectares, exercida pela AMCEL - Amapá Florestal e Celulose S.A (RAUBERT, 2019).

Estado do Amapá é constituída fundamentalmente por formações da Floresta Ombrófila Densa. Apenas na face oriental observa-se significativa descontinuidade florestal causada principalmente pela incidência de formações campestres naturais que são classificadas em dois grupos: um conjunto mais expressivo constituído por formações pioneiras (campos inundáveis), desenvolvidas de modo geral sob influência fluvial e marinha, com grande aporte sedimentar do rio Amazonas, cujo fluxo é sistematicamente desviado para o norte ao longo da costa amapaense premido pela maré holocênica. Geograficamente, menos expressivo é o grupo das Savanas - campos naturais em geral não inundáveis estendidas de norte a sul do Estado entre as formações florestais ombrófilas densas de terra firme e as formações pioneiras, já referidas. (IBGE, 2004, p.56).

O autor deixa claro, que os diversos ambientes paisagísticos do Amapá, representados por formações florestais, cerrados, campos inundáveis e formações costeiras, apresentam particularidades, tanto no aspecto das peculiaridades florísticas, quanto no potencial de aproveitamento econômico. Nesse sentido, as possibilidades tanto da exploração madeireira, nas áreas de florestas, como, a silvicultura nos cerrados, bem como, a pecuária nos campos secos e inundáveis, se considerados planos de manejo, podem ser alavancados a partir de políticas de desenvolvimento, compatíveis com padrões sustentáveis.

De acordo com PNE (2009, p.14-15):

A vegetação natural do Amapá, em seu conjunto, tem ao menos duas características notáveis. Em primeiro lugar, destaca-se o baixo grau de alterações antrópicas em quase todas as formações. Um segundo aspecto notável da vegetação nativa do Amapá é que o seu alto grau de diversidade está distribuído em áreas relativamente próximas entre si. Em muitos lugares, [...] atravessa manguezais, restingas, campos inundados, cerrados, florestas ciliares e florestas de palmeiras, até chegar às primeiras formações mais densas de florestas.

Pode-se dizer que as formações vegetais do Amapá constituem um complexo em diversidade de ecossistemas. Neste contexto, tais ambientes possibilitam a partir suas especificidades sua utilização em bases sustentáveis. É possível constatar que a importância de conhecer cientificamente esse potencial para agregar valor ao que pode ser conseguido com sua exploração. Não é exagero afirmar que o conhecimento das interfaces desses complexos paisagísticos possibilita o fundamento para o desenvolvimento da população amapaense.

O Estado do Amapá apresenta um mosaico de vegetação de alta diversidade biológica, onde mais 70% da cobertura vegetal é composta de floresta densa de terra firme[...]. As tipologias obedecem a critérios locais, tendo em vista a evolução geológica e climática da paisagem e frequentes níveis de especialização[...]. O restante do território é preenchido por florestas de várzea, igapó, transição, cerrado, campos inundáveis e inundados e manguezal (NETO, SENNA & COUTINHO, 2006, p. 41-42).

Os autores mostram que as formações vegetais do estado Amapá, convergem em importância para o desenvolvimento social, econômico e cultural, a partir do seu conhecimento científico. Reforçando a interpretação já explicado inúmeras vezes por outros autores. Sob essa ótica, ganha relevância, os aspectos que potencializam os sistemas paisagísticos do Amapá, em seus aspectos florísticos, está a baixa antropofização, além de sua grande diversidade (PNE, 2009).

Pode-se dizer, por exemplo, que informações precisas sobre os biomas amapaenses, de forma detalhada, demanda uma maior quantidade de fontes, pois, a ausência de produções

científicas detalhadas sobre, dos ecossistemas amazônicos, que fundamentem a análise e compreensão da teia ecossistêmica do Amapá. Neste contexto, fica claro, que construir um planejamento ordenado que envolva todos os ambientes conhecidos no estado, será resultado de uma pesquisa envolvendo informações de diferentes pesquisadores, envolvidos com os diversos contextos de paisagens existentes no Amapá. Segundo Chagas et al (2016, p.5)" [...] a extensão territorial, a diversidade biológica, [...] e a escassez de taxonomistas. [...]são[...] óbices para um entendimento mais global dos ecossistemas amazônicos ".

Dessa forma, embora o potencial ecossistêmico exista, e que agrega um valor tanto de saberes, quanto de disponibilidade de matérias-primas existentes nesses biomas; é importante considerar que é imprescindível o conhecimento, para o levantamento e catalogação desse patrimônio de forma sustentável.

De acordo com Bertha (2006, p. 35):

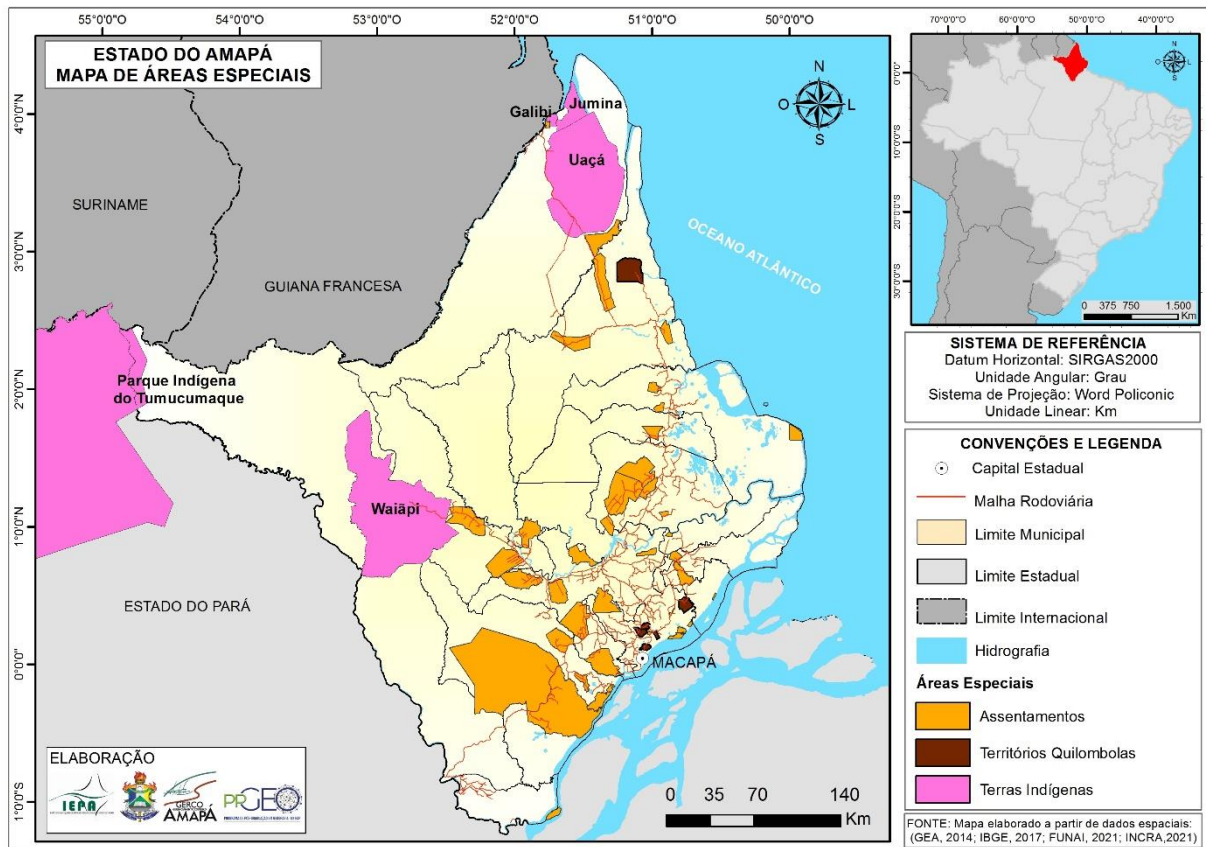
Enquanto espaço geográfico, territorial, a valorização estratégica da Amazônia de corre de novo significado por ela adquirido, o de duplo patrimônio: o de terra propriamente dito, e o de um imenso capital natural. Na representação simbólico-cultural, o valor da região está condicionado pela centralidade que tem hoje o mundo a biodiversidade e a sustentabilidade da Terra.

A autora enfatiza o que importa, portanto, é agregar a importância no contexto atual e futuro, das implicações e consequências de preservar os ecossistemas amazônicos e suas paisagens. Essa, porém, é uma tarefa que envolve utilizar esse potencial em bases sustentáveis. Vê-se, pois, que esse potencial possa reverter em qualidade de vida. É preciso ressaltar que possibilitar esse propósito demanda uma nova postura da relação homem natureza no contexto de sociedade globalizada.

6.3 AS PAISAGENS CULTURAIS DO AMAPÁ: INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, EXTRATIVISMO VEGETAL, PESCA/LITORAL/ILHAS (BAILIQUE/MARAJÓ), RIBEIRINHAS, SILVO-INDUSTRIAL (LARANJAL), URBANA/COMERCIAL/RESIDENCIAL (MACAPÁ), URBANA/PORTUÁRIA (SANTANA), URBANO/HIDROELÉTRICAS (FERREIRA GOMES) DE URBANO/FRONTEIRAS (OIAPOQUE).

Na (figura 19), observa-se as áreas especiais do Estado do Amapá.

Figura 19. Áreas especiais do Estado do Amapá.



Fonte: IEPA (2022)

## Negro

Pode-se dizer que paisagens culturais como sendo o processo de transformação das paisagens naturais pela ação humana, sendo um processo histórico, onde a partir do trabalho o ser humano, transforma coisas em objetos. Então, é preciso assumir que os diferentes modos de vida, determinam a dinâmica nos ambientes."A paisagem [...] fala da sociedade na qual se vive e das relações que as pessoas aí estabelecem com a natureza" (ROSENDAHL & CORRÊA, 1999, p. 92).

Entre as áreas paisagísticas que mantem aspectos da cultura negra está o cerrado, lugar de fronteira hoje do Amapá, e representa área entre o antagonismo de uso e significado da terra que geram conflitos. Nesse contexto, é importante considerar que a legitimidade de propriedade das terras quilombolas, é questionada pelo estado em função de interesses. Muitas comunidades quilombolas ocupam o cerrado, desenvolvendo suas práticas socioculturais e seus modos de vida, com reflexo na estrutura e dinâmica da paisagem (SOARES, 2019).

É interessante, aliás, conforme explicado acima, enfatizar que as comunidades quilombolas estão localizadas em áreas de cerrado, o que em momento atual, em função da expansão e incorporação de novas áreas pelo capital financeiro, ocasiona sérios conflitos no campo, gerando fortes impactos na integridade sociocultural desses sujeitos, além de comprometer o equilíbrio desse bioma e sua configuração paisagística.

Como bem nos asseguram Peres, Laques & Gurgel (2016), pode-se dizer que as áreas indígenas do Amapá sofrem influência dos processos e da dinâmica de projetos infra estruturais de transporte e econômicos. Neste contexto, o autor deixa claro que por ser cortada por uma rodovia, a BR - 156. E por representar um caminho de ligação entre vários municípios. Mesmo com todo esse processo de destruição, os indicadores de gestão apontam para uma boa integridade paisagísticas das áreas florestadas em terras indígenas.

Pode-se dizer que embora as áreas ocupadas por indígenas e quilombolas tenham baixo impactos na configuração paisagística. Conforme mencionado pelo autor, fica claro que os interesses nesse processo de ocupação convergem para as mesmas formas de incorporação capitalista, seja o agronegócio e /ou infraestrutura. É importante ressaltar que. " [...] Há uma vegetação pantanosa, formada por mangues e florestas de várzea [...] floresta de terras firme e algumas elevações relacionada aos mitos galibi-marworno" (TASSINARI, 2003, p. 68).

As paisagens possuem um significado que ultrapassa o aspecto material, enriquecendo as cosmologias de indígenas e quilombolas, para os primeiros as montanhas expressam mitos originários, para o segundo representa uma fonte de sobrevivência. Conforme explicado acima, a multiplicidade de aspectos possibilitam a esses sujeitos padrões de sociedades um maior equilíbrio com a natureza, por exemplo, os rituais que acompanham os eventos que consagram esses grupos tem forte apelo e relação com a natureza e suas paisagens.

De acordo com ANPEGE (2015, p. 6212 - 6213):

[...] a percepção é usada para entender a relação de pertencimento e entendimento que as pessoas têm com seu lugar de origem, ou com a paisagem construída. A

paisagem além de algo material, visível, ganha também uma conotação invisível, imaterial, simbólica, onde emana toda a carga de sentimentos.[...]As populações tradicionais têm em suas atividades econômicas uma forte relação com o ecossistema envolvente, mostrando também uma forte relação de dependência com a natureza e os recursos naturais disponíveis.

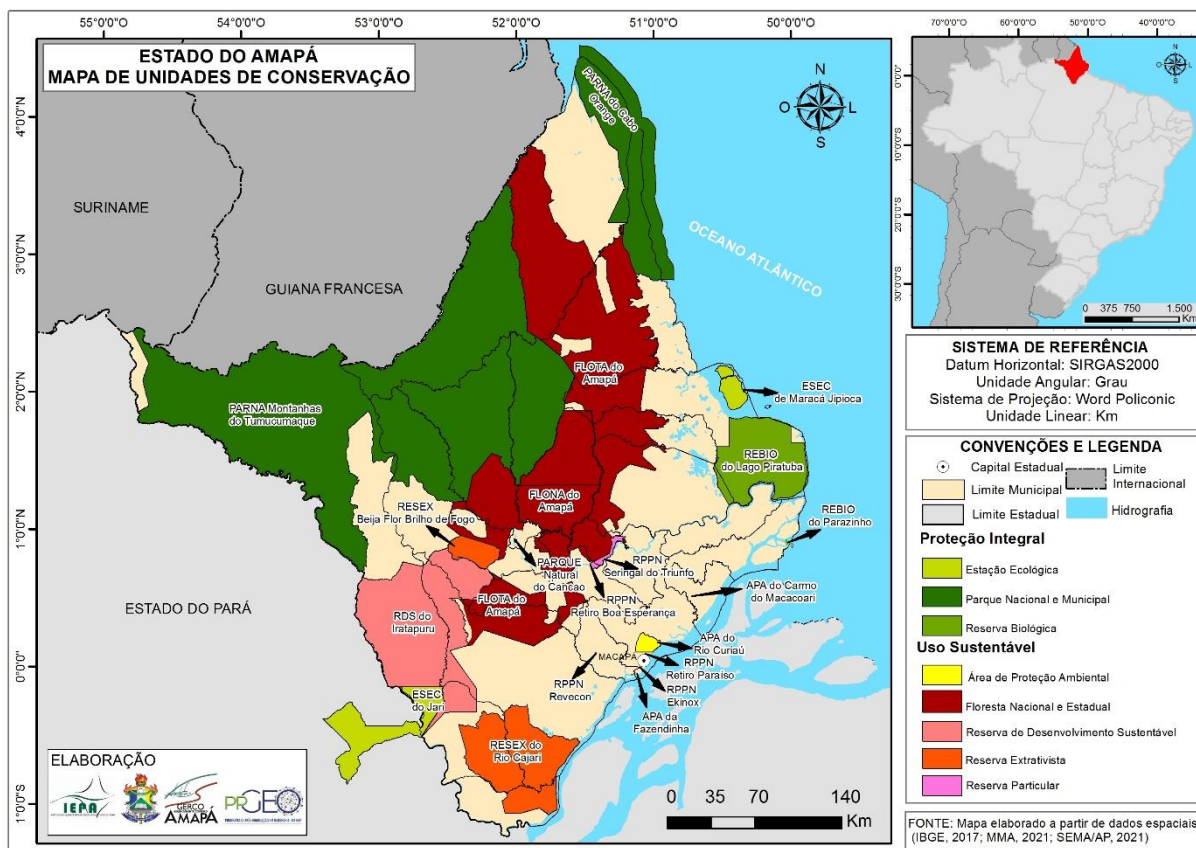
O autor deixa claro que os aspectos materiais das paisagens dos lugares, estão relacionados com as experiências de vida desses sujeitos, no caso, as formações vegetais, relevo, hidrografia, desencadeando significados estratégicos e incorporados as suas cosmologias. As paisagens expressam as estratégias e relações com a natureza e são portadores e influenciadores da dinâmica que possibilita a sobrevivência dos mesmos, é um pouco da história e materializada na paisagem do lugar.

Fica evidente a importância que as diferentes paisagens e o conjunto de seus aspectos, como vegetação e hidrografia, além de solo e relevo, representam para os sujeitos como: indígenas, quilombolas pois, é a partir das relações sociais, produtivas e culturais que desenvolvem um modo de vida e uma forma de produção que garante a sua sobrevivência. Nesse sentido, é importante garantir a proteção institucional para os ambientes onde estão localizados os biomas desses grupos possibilitando o desenvolvimento de sua autonomia.

Portanto, a importância das comunidades quilombola e o acervo patrimonial que representa sua riqueza em diversidade de elementos materiais e imateriais, que devem ser preservados. Em se tratando de elementos naturais que constituem esses lugares de vida, de diversidades, sobressaem-se a natureza, que recebe o cuidado dessa sociedade, que preserva suas paisagens, recorrendo desde os mais remotos tempos, a “contação de histórias constitui um poderoso meio de transmissão de conhecimentos”. Nas culturas tradicionais as histórias informam e formam as futuras gerações, constituindo-se um meio de difundir a perpetuação de conhecimentos valores e crenças, as histórias podem ser usadas como recursos pedagógicos para subsidiar debates e reflexões acerca dos aspectos que envolve as paisagens do mundo desconhecido e também do mundo real.

Na (figura 20), pode-se observar as áreas de unidades de conservação do Estado do Amapá.

Figura 20. Áreas de unidades de conservação do Estado do Amapá.



Fonte: IEPA

Podemos conceituar atividade extrativista como sendo as atividades desenvolvidas por populações, para garantir a sua sobrevivência e reprodução. Então, é preciso assumir que as atividades extrativistas são realizadas por grupos familiares, certamente se trata da utilização da força produtiva, na coleta e extração de produtos vegetais, oriundos das florestas ou outros biomas, com respeito a sua capacidade de suporte[...]. “A atividade extrativista implica em uma relação muito estreita entre o homem e a natureza” (MURRIETA & RUEDA, 1995, p. 19).

É importante enfatizar que os sujeitos sociais que atuam nas atividades extrativistas tenham um tratamento diferenciado, como exemplo, em se tratando dos ecossistemas, onde desempenham suas atividades, possam ter assegurado institucionalmente a propriedade, os manejos dos ecossistemas naturais, possibilitando a partir parcerias o aprimoramento e a valorização das práticas produtivas, almejando maior sustentabilidade e produtividade (Freitas, 2005).

É interessante, aliás, enfatizar também a possibilidade de as populações que desenvolvem atividades extrativista terem participação ativa em decisões que lhes diga

respeito, mas há um fato que se sobrepõe é a sobrevivência, pois, as decisões em sua maioria estarão relacionadas a sustentabilidades dos ecossistemas. É sinal de que há, conforme explicado acima, enfim, a necessidade de se criar métodos participativos que possam viabilizar esse diálogo importante para a manutenção de modos de vida, bem como, paisagens com expressões de práticas que respeitam seu equilíbrio.

As paisagens onde atuam os extrativistas e que comumente são excluídos de participarem dos eventos que tratam do desenvolvimento do estado e da região amazônica. Os ambientes onde atuam os extrativistas, de onde extraem sua sobrevivência, constituem-se em paisagens, formadas por ricas florestas, bem como, ecossistemas, mais densos, com variedade de níveis florísticos, além de mangues e campo secos e inundáveis. Nesse sentido, é importante valorizar o conhecimento dessas populações que desenvolvem uma diversidade de manejos nesses ecossistemas (GONÇALVES, 2012).

Uma das formas de fazer isso é implementando práticas, que possam melhorar em produtividade a eficiência dos ecossistemas. Portanto, conforme mencionado pelo autor, é importante estimular e respeitar os direitos das populações tradicionais. A explicação para isso, portanto não é somente relacionada a gestão dos sistemas, mas sim ouvir e aprender com essas populações. Trata-se de se envolver para melhor compreender a realidade desses sujeitos. "[...]o extrativismo que moldaram a civilização da região e vem sofrendo forte processo de destruição"(ZIBETTI, LIMBERGER & BARROSO, 2007, p.37).

Ora, em tese, e conforme explicado acima, o extrativismo é uma atividade relacionada a um modo de vida, no qual a venda dos produtos coletados advém de um sistema amplo de atividades. Nesse sentido, é importante considerar que as atividades extrativistas geram baixo impacto ambiental, seja, porque, no médio e longo prazo trazem qualidade, a existência e a convivência das populações extrativista, com uma multiplicidade de vidas. É pertinente trazer à baila, por exemplo, que a influência do extrativismo é fundamental na composição florísticas das paisagens do Amapá e da Amazônia.

De acordo com Enríquez (2008, p. 126 - 127):

A produção extrativista contribui para o reforço de importantes benefícios indiretos, que a floresta propicia, tais como: sumidouro de carbono, atenuação das mudanças climáticas, regulação do ciclo hidrológico, redução da desertificação, proteção das reservas hídricas, reserva de riqueza da biodiversidade pouco conhecidas,[...] Um benefício indireto(ao homem que ali vive) gerado pela floresta diz respeito aos serviços para a manutenção da sustentabilidade ecológica global, dentre os quais se destaca a captura do Co2.[...] podem se transformar em recursos de poder na definição de novos mecanismos e modelos de desenvolvimento.

Ora, em tese, o extrativismo possibilita a partir da sua escala de extração, a manutenção e reprodução do potencial dos ecossistemas de florestas. Nesse sentido, a diversidade paisagística contribui com a fotossíntese. Portanto, não se trata de considerar apenas o mercado como referência para o valor e o significado que os modos de vida e o uso da floresta tem para o extrativista. É importante considerar que o equilíbrio significa uma complexa relação apreendida de forma integrada pela comunidade extrativista.

Assim, o que importa, portanto, é conhecer o modo de vida extrativista. Essa, porém, é uma tarefa que requer uma experiência com a totalidade dos significados que a floresta, o lugar e as paisagens representam para esses sujeitos. Vê-se, assim, que uma visão mais abrangente do extrativismo, pode gerar novas concepções sobre essa prática. Nesse sentido é preciso ressaltar as vivências e práticas que são o suporte que fazem prevalecer o extrativismo, mesmo diante das pressões sociais da sociedade global.

Adiante observa-se a (Figura 21), retratando a paisagem dos ecossistemas pesqueiros.

Figura 21. Paisagem de embarcação pesqueira.



Fonte: Melo, 2021.

Embora a pesca industrial represente importante fonte para a economia amapaense, a pesca artesanal está mais articulada com os contextos locais, sendo a atividade que envolve prática, conhecimentos, que são resultantes de longa aprendizagem dos ritmos da natureza, a partir da observação dos ecossistemas aquáticos. Então, é preciso assumir que " as paisagens associadas à atividade pesqueira são passíveis de serem identificadas [...], tanto em termos de sua aparência, como de suas funcionalidades e interações"(Cardoso,2014,p.92).

Segundo Silva, Paula & Silva (2019), a atividade da pesca em função da implementação de complexo hidrelétricos, tem comprometido o modo de vida, principalmente ribeirinhos, que vivem diretamente dessa prática. Em função das alterações paisagísticas, pois aí localizam-se os estoques pesqueiros, também os modos de vida dos ribeirinhos é comprometida. Nesse sentido, as implicações da hidrelétrica, compromete e torna insustentável o modelo de desenvolvimento para a região, pois, a energia gerada, e que vai trazer desenvolvimento para outras regiões, está na contramão da qualidade de vida dos sujeitos ribeirinhos. Sendo assim, é importante enfatizar que a atividade pesqueira ultrapassa os limites locais, influenciando outras atividades relacionadas tanto aos aspectos naturais, além de sociais e culturais.

Além disso, é importante ressaltar que a pesca artesanal envolve diferentes segmentos sociais que ultrapassam os limites das comunidades. Pois, além de contribuir na segurança alimentar, gera renda, possibilitando um controle social, com a intervenção, dos empreendimentos hidrelétricos e a conseqüente quebra desse equilíbrio, ocorre a formação e/ou aceleração de um processo de ocupação e expansão dos limites do município, em muitos casos, ocasionado por sujeitos que tiveram sua sobrevivência comprometida.

O ambiente reflete uma porção do espaço onde o pescador desenvolve suas atividades, configura a sua percepção de paisagem. Nesse sentido, a paisagem representa um conjunto de interações, de diferentes aspectos do ambiente, articulado em interfaces, onde as alterações geram desequilíbrios. Sendo imprescindível para a manutenção dos seus estoques, de forma sustentável e contínuo, o respeito a sua capacidade de suporte. Além disso, o que desenvolvimento deve alicerçar-se sobre princípios éticos e solidários (CAVALCANTE & HERRERA, 2017).

O autor afirma que o equilíbrio das atividades gerado pela pesca artesanal possibilita além da geração de renda, um componente que está ligado a dinâmica das interfaces dos elementos naturais do ambiente pesqueiro. Pois, tal atividade, contribui para o desenvolvimento humano, além do mais, a paisagem daí decorrente reflete esse complexo de elementos naturais como vegetação, hidrografia e aspectos humanos. E isso é um fato que significa e reflete a proposta integradora da paisagem. Pois, "redireciona o homem [...] como capaz de transformar paisagens pela alteração de seu conteúdo"(CAVALCANTE & HERRERA, 2017, p.186).

Ora, sem a atividade pesqueira, as oportunidades de atividades ligadas à sustentabilidade seriam perdidas pelos pescadores. É importante considerar que o pescador artesanal, é um sujeito que tem uma relação intrínseca e direta com a natureza e depende dela

para extrair seus recursos e sobreviver, seja porque o mercado também seria prejudicado, com a diminuição de pescado disponível, seja nesse caso comprometendo o desenvolvimento local. É importante ressaltar, por exemplo, que o pescador não tem interesse em gerar desequilíbrios no ambiente, pois dependem do bom funcionamento dos ecossistemas, conservando e contribuindo com a manutenção das paisagens para ter produtividade em suas atividades.

De acordo com Silva & Dias (2010, p. 46), algumas comunidades de pescadores entram em conflito com unidades de proteção, ocasionando:

As comunidades pesqueiras prejudicadas pela criação destas Unidades[...]. Consequentemente, essas comunidades se encontram ameaçadas pelo alto êxodo rural e indigência, pois a maioria dessas famílias foram habitar as periferias dos centros urbanos, as quais despreparadas para viver fora do seu ambiente passaram a integrar as estatísticas de miseráveis e da criminalidade, no estado do Amapá. Sem as providências que cabe ao Estado, esse será o destino do restante das comunidades que ainda encontram-se na região, seguido pelo total desaparecimento dessas populações tradicionais de pescadores amapaenses.

O autor deixa claro na citação acima, que apesar de o Amapá possuir um grande potencial em ecossistemas, para a atividade pesqueira, no caso, de uma imensa biodiversidade, a qualidade de vida desses sujeitos é ameaçada pela ausência de fatores como presença de unidades de proteção, que configuram interesses sobrepostos, mas que buscam a sustentabilidade em seus aspectos comuns.

Conforme explicado anteriormente o que importa, portanto, é saber a relevância social desta atividade pesqueira no local em que ocorre sua prática. Essa, porém, é uma atividade que possibilita uma maior integração entre o homem e a natureza. Vê-se, pois, que existe uma demanda de planejamento, a partir de políticas públicas que instrumentalize, de forma técnica e infra estrutural esses sujeitos. É preciso ressaltar os aspectos conflituosos que essa atividade sofre em relação a pesca industrial. Por final, sua prática ainda é uma realidade, que se considerada, pode contribuir para o fortalecimento das práticas sustentáveis na Amazônia e em especial o estado do Amapá.

A seguir observa-se paisagens ribeirinhas no Rio Oiapoque. (Figura 22).

Figura 22. Paisagens ribeirinhas no Rio Oiapoque



Fonte: Bing.com/images./ Portal Selles Nafes

O conceito de comunidades ribeirinhas enfatiza as práticas produtivas no processo de organização e estruturação social. E está organizado entre os sujeitos da vida comunitária. Refere-se ao espaço doméstico onde se realizam as diferentes atividades que garantem a sobrevivência do grupo, além do que, toda essa vivência é estruturada no respeito e valorização dos conhecimentos tradicionais, que tem um significado e importância relacionado a um patrimônio construído por sucessivas gerações. "O aprendizado é empírico, hereditário e oralmente transmitido na lida, ou seja, na prática do trabalho"(CÂNDIDO & NETO, 2020, p.220).

Pode-se dizer que o modo de vida ribeirinho apresenta uma diversidade de características. Entre eles a sua integração e articulação com a sociedade mais ampla, no caso as cidades. O rio e o extrativismo têm um grande significado na sua economia, como fonte de renda e garantia da sobrevivência. Além do mais, o suporte para todas as atividades tem no rio um elemento imprescindível. (FRAXE, 2004).

Portanto, é interessante enfatizar que os ribeirinhos, são sujeitos que convivem com o ambiente florestal, sejam alagados, ou em áreas densas de terra firme. Compõe o segmento social que para o desenvolvimento de suas atividades, seja produtivas, sociais e culturais, tem na natureza, seu elemento estruturante...

Segundo Gonçalves (2001), pode-se dizer que é preciso ser reconhecido o papel desempenhado pelas populações tradicionais da região, entre elas os ribeirinhos do Amapá,

representados pelos caboclos. Mas também outros sujeitos que para cá migraram. Pois, essas populações tem um conhecimento acumulado extremamente relevante, e que todo esse processo de construção, representa um patrimônio de saberes, decorrentes do contato secular com os ecossistemas que eles muito bem conhecem. Assim, preocupa o fato de que a perda de todo esse acervo pode ter prejuízos irreversíveis para toda a humanidade, isso porque são muito importantes para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

Essa situação converge para a importância, das relações e construções estabelecidas entre ribeirinhos e o seu meio, porque são resultar da lida, conforme mencionado pelo autor, a experiência acumulada parte de um conhecimento empírico, fundamentado na observação do funcionamento e respeito ao equilíbrio dos sistemas. Sendo assim, todo esse patrimônio de saberes, possibilitam alavancar o desenvolvimento da ciência. Além disso, é importante que esses conhecimentos sejam valorizados para que essas populações, entre elas as ribeirinhas, sejam reconhecidas como legítimos detentores e proprietários de tais conhecimentos e saberes. Além disso, "Pode-se afirmar que[...]o saber dessas populações se revela como um dos mais importantes recursos[...] principalmente para suas populações originárias" (GONÇALVES, 2001, p. 41).

É interessante, aliás, ressaltar que as populações ribeirinhas resguardam uma cosmologia, fato que é muito importante para esses sujeitos, pois elas expressam conexões, entre práticas, assim como relações. Dessa forma, há razão para que as populações ribeirinhas, expliquem e percebam a vida, assim como a natureza. É sinal de que, enfim, o significado de tais cosmologias, por exemplo ultrapassem o tempo, embora, ocorram novos significados em novos contextos de vivência.

De acordo com Brito & Rocha (2018, p. 1316) enfatiza o papel das hidrelétricas e os reflexos nas populações ribeirinhas amapaenses:

Os conflitos socioambientais se originam a partir do uso de vários recursos naturais (hídricos, faunísticos e florísticos), mas sobretudo, no modo de vida das pessoas. As populações afetadas por esses empreendimentos, em especial aquelas que dependem dos recursos naturais para desenvolver suas atividades socioeconômicas, são as que mais veem impactado o seu modo de vida, pois os seus territórios de trabalho são, também, espaços de poder.

A origem desse quadro é facilmente percebida na realidade amazônica atual, em decorrência de interesses incompatíveis sobre a utilização de recursos existentes no mesmo território. Não restam dúvidas, de que durante décadas embora as populações ribeirinhas utilizassem e mantivessem a rica biodiversidade local, o que resultou, hoje, em um patrimônio de saberes e conhecimentos. No entanto, a realidade explicita um quadro bem distinto do

esperado, o que prevalece são interesses incompatíveis com uma alternativa de desenvolvimento que possibilite qualidade de vida ao amapaense.

Torna-se evidente, o fato de que uma relação harmônica entre seres humanos e o meio em que vivem, depende inexoravelmente, dos saberes locais, dos aspectos culturais, sociais e políticos imbricados no contexto onde a vida acontece, pois, antes de qualquer outra coisa, o homem é um ser social, cultural e político, dotado de funções cognitivas complexas que o fazem pensar e agir dentro de uma determinada lógica. (MONTEIRO & NETO,2017,p.3-4).

O autor deixa claro que os conhecimentos sobre práticas de manejo que esses sujeitos possuem, possibilita-os compreender a conexão que há entre os diferentes sistemas naturais. Conforme citado acima, fica claro que agir de forma que comprometa os fluxos de nutrientes no ambiente é impensável para o ribeirão. Não é exagero afirmar que a sua sobrevivência depende da estabilidade da estrutura paisagística do ambiente que tão bem conhecem.

De acordo com Adams, Murrieta & Neves(2006, p. 237) :

Os aspectos socioculturais do caboclo são fundamentais para se entender com se dá a utilização dos recursos naturais e o acesso aos mesmos. ou seja, as relações de parentesco e vizinhança possibilitam o acesso aos recursos que, por sua vez, colaboram para a integridade da comunidade [...] utilizando a terra firme e a várzea.

Assim sendo, é importante considerar que fatores que possibilitam o uso e as diferentes fontes de recursos, nos diversos ambientes, resultam de regras que são construídas coletivamente pelos ribeirinhos, muitas delas decorrem das relações de parentesco entre os sujeitos. Nesse sentido, conforme citado acima, as ideias dos autores convergem para o significado que os aspectos culturais, além dos sociais e econômicos tem no fortalecimento das regras de uso e manutenção dos sistemas, pois a relação cotidiana do ribeirão com os rios e floresta, cria um sentimento de pertencimento, em virtude de estarem em permanente contato. Pois, “[...] As comunidades ribeirinhas[...] a apropriação de suas terras[...] causa graves efeitos sobre suas vidas[...]delas retira os produtos necessários a sobrevivência” (CARMO, 2020).

De acordo com Fraxé (2000, p. 12):

[...] os aspectos definidores dos caboclos ribeirinhos, como também as suas diferenças internas, construídas, fundamentalmente, na distribuição dos bens materiais e simbólicos. entretanto essas diferenças aparecem na composição familiar, na estrutura dos grupos de vizinhança, nos locais de moradia, (casa de terra firme, casa de várzeas ou casa flutuante) e na distância em relação ao lugar de produção e da venda, como também o lugar da moradia e do povoado.[...] ribeirinhos aparecem com singularidades, quando o ciclo anual de suas atividades de subsistência não depende somente da alternância de estações seca e chuvosa, mas principalmente do regime fluvial.

Fica evidente, diante desse quadro, a importância que as populações ribeirinhas têm na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, a partir de da multidimensionalidade de aspectos de aspectos que constituem sua realidade, constituindo-se elementos definidores das paisagens, pois seu movimento sazonal e diário nas águas, constitui-se fundamental na dinâmica do modo de vida das populações ribeirinhas.

A seguir observa-se paisagens urbanas dos municípios de Macapá e Santana. (Figura 23).

Figura 23. Paisagens urbanas dos municípios de Macapá e Santana



Fonte: Internet (2022)

Pode-se conceituar paisagens urbanas como sendo espaços onde a estrutura e organização dos locais das moradias expressa aspectos entre outros, a qualidade de vida e o meio ambiente. Então, é preciso assumir que no caso específico de Macapá, enfatizamos as suas resacas, em decorrência dos impactos na qualidade de vida das populações que vivem, e pelo intenso processo de antropofização sobre os elementos naturais, componentes dessa paisagem. Certamente se trata de espaços ocupados por populações pobres que ocupam áreas alagadas, e representam espaços pouco valorizados e de pouco interesse imobiliário (CARVALHO, 2020).

Como bem nos assegura Carvalho & Junior (2022), pode-se dizer que o Amapá faz parte da região amazônica. Neste contexto, fica claro que muitos dos biomas, entre eles as áreas conhecidas por resacas, assim como, muitos dos seus cursos d'água, que são

fundamentais para o desenvolvimento de espécies. O mais preocupante, contudo, é constatar que embora esses elementos sejam fundamentais, para o equilíbrio global. Estejam sofrendo com um processo de destruição, consequência da expansão e incorporação imobiliária. Além disso, preocupa o fato de que o aumento da pobreza também contribui para tal situação.

É interessante, aliás, enfatizar que as ressacas se constituem em espaços que embora ocupados por parcela significativa da população amapaense, um fato que se sobrepõe, é que poucos recursos ou mesmo políticas públicas para essas populações, são muito pouco eficazes, para melhorar sua qualidade de vida. Mesmo assim, fica evidente de que há, enfim, um descompromisso para com esses sujeitos, que continuam em um processo intenso contínuo, inconsciente das implicações, e contribuindo para desequilíbrios ambientais e definindo novas configurações paisagísticas.

Os problemas das ressacas se agravam a cada dia com o crescimento populacional. Tal ocupação provoca alagamentos, eliminação das espécies vegetais, além de aterramentos. Nesse sentido, a consequência da ocupação das ressacas tem trazido implicações para o meio ambiente urbano de Macapá, pois, parte dessa área exerce importante função ambiental, para a cidade como um todo, representa uma fonte de equilíbrio das bacias hidrográficas locais, além de influenciar no microclima. O autor deixa claro, a importância de proteger as áreas de ressaca pelo significativo papel ambiental (TOSTES & DIAS, 2016).

Essa situação em que o autor afirma que, em se tratando de alguns serviços, como fornecimento de energia, coleta de lixo, precariedade de habitações de baixa renda, ideias convergem no sentido de que Macapá apresenta um quadro similar a problemas vividos por muitas cidades amazônicas. E isso é um fato já explicado inúmeras vezes por outros autores. Conforme mencionado pelo autor, "a atuação dos governos estaduais e municipais na elaboração de estudos oficiais sobre as condições de pobreza em Macapá, para o desenvolvimento de políticas urbanas tem sido ineficientes"(CARVALHO,2020,p.10).

Portanto, é importante estimular por exemplo, ações de proteção ao sistema das ressacas, pois assim, a população estará possibilitando um ambiente, mesmo sendo frágil ambientalmente, mas que não comprometa a qualidade de vida desses sujeitos. A explicação para isso, portanto, é possibilitar aos moradores das ressacas, a oferta de serviços e infraestrutura urbana eficiente e que atenda em qualidade e quantidade as necessidades materiais e imateriais desses cidadãos.

De acordo com Amador e Azevedo (2021, p. 2):

A importância de ressaca para preservação das espécies de fauna e flora, bem como para qualidade de vida das populações humanas, assegurando o que prescreve a

Constituição Federal do Brasil de 1988 em seu art. 225 que garante que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo -se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Assim sendo, torna-se importante construir uma proposta de conteúdos que enfatizem a importância de despertar uma consciência ambiental em nossas crianças, para uma valorização do acervo natural paisagístico que constitui as ressacas e áreas úmidas de Macapá e de muitos municípios, onde há sua ocorrência.

Nesse sentido, a escola pode organizar ações, como: palestras e pesquisas de campo, no sentido de, identificar o potencial de diversidade da paisagem, além de conteúdos, conceitos como biodiversidade, ecossistema, interdependência, habitat, saúde pública, IDH, habitação, saneamento básico, sistemas naturais etc., além de, convidar instituições para juntos, construir uma proposta que seja adequada a compreensão da crianças e do jovem, para a preservação do ambiente de ressaca para a melhoria da qualidade de vida e o seu significado como patrimônio da população amapaense e que também podem ser exploradas pelo turismo.

Na figura 24, observa-se o porto de Santana, representando uma paisagem cultural.

Figura 24. Vista parcial do porto de Santana.



Fonte: Bing.com/images, 2020.

Santana exerce influência complementar a Macapá, nos aspectos de infraestrutura portuária. Bem como, na oferta de serviços e funções administrativas e produtivas. Em relação aos seu entorno urbano, tem destaque como, porta de entrada e o acesso para as conexões espaciais. "O eixo Macapá Santana concentra um processo de interações espaciais que ressaltam suas funções urbanas [...] no que tange os seus papéis desempenhados na rede urbana local, regional e global"(PORTO,2009, p.12).

As possibilidades de conexões e articulações a partir do porto de Santana configuram vantagem comparativa. É uma condição decorrente da capacidade de receber navios de grande porte, em virtude da profundidade existente que aí ocorre. Embora, esses aspectos que os sistemas de engenharia mostram, com a infraestrutura portuária, superior em calado a muitos da região, ao mesmo ainda não é dada a devida importância. Fica evidente, que a vantagem comparativa de sua localização geográfica, significa posição estratégica em relação a outros centros da economia global (CRUZ, 2021).

O que precisa ser enfatizado é que a zona portuária de Santana expressa, por sua posição estratégica, significativo papel nos índices positivos da balança comercial amapaense. Portanto, é importante estimular e estruturar, a partir de políticas públicas de fomento, esse fator de potencialidades, que pode transformar, a partir de geração de emprego e renda a qualidade de vida das pessoas.

Conforme Amorim & Santos (2017), as características do amapá, que precisam ser enfatizadas. Além de sua posição estratégica, indispensável, para as conexões comerciais em escala regional, nacional e global. Complementadas pelas condições naturais, necessitando tão somente, de um aporte de investimentos e planejamento, para poder ser transformado em fonte de recursos, que possibilitem melhorias nas condições sociais e econômicas da população amapaense.

Portanto, a situação da cidade de Santana, torna-se relevante, pois, embora apresente localização estratégica no aspecto geográfico, as condições infraestruturais apresentadas devem ser complementadas por um planejamento e investimentos no setor. Assim sendo, é importante otimizar os equipamentos urbanos. Pois, tal proposta possibilita a eficácia na efetivação da articulação da economia amazônica a economia mundial. "[...] em Santana está a localização do sistema portuário responsável pelo processo de exportação das matérias primas exploradas no espaço amapaense" (PORTO, 2017, p. 9).

Ora, em tese, as cidades de Santana e Macapá, são complementares, no que tange aos papéis desempenhados na rede urbana local. É importante considerar que ambas se constituem em elos de articulação com outros níveis da rede urbana local e regional, por exemplo, no

caso de Santana, por apresentar o sistema hidroviários, enquanto Macapá e onde está localizado o principal aeroporto, nesse caso, é pertinente enfatizar a impossibilidade de analisar essas cidades de forma isolada.

De acordo com Santos (2016, p.101 - 104), pode-se afirmar que:

Então, a dinâmica do Centro Urbano de Santana (ver Quadro 10), é muito forte, não apenas a partir de sua importância portuária, mas também pelo fato de ser a segunda maior cidade do estado. Todavia, deve-se considerar esses elementos a partir da relação com Macapá. [...] Santana possui uma dinâmica urbana bastante significativa e muito atrelada à cidade de Macapá, denotando a formação socioespacial comum e as complementaridades urbanas entre ambas.

A melhor maneira de compreender esse processo, ou seja, as complementariedades entre Macapá e Santana, é considerar que ambas as cidades desenvolvem conectividades com outros pontos do país. Não se trata de influência apenas local, seja porque, Santana, embora tenha influencia local, tem acesso a economia global, pelas atividades realizadas a partir de seu porto, enquanto Macapá, ofereça outros níveis de serviço e bens. É pertinente trazer à tona que ambas em seus respectivos níveis e escalas desempenham importante função na economia amapaense.

Portanto, torna-se evidente que Santana em sua articulação com Macapá, são importantes estruturas urbanas, com forte influência em sua hinterlândia, dando ênfase a Santana e considerando sua posição estratégica, no aspecto geográfico natural. Vê-se, pois, que esse espaço, representa potencial que pode possibilitar o desenvolvimento local e regional. Logo, é indiscutível o fato que para tal empreitada faz-se necessários políticas públicas, planejamento e investimentos, para dotar de infraestrutura urbana e sistemas de engenharia essa cidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, refleti sobre as implicações da categoria paisagem no processo de construção do entendimento do espaço geográfico, no segmento de sexto ano do Ensino Fundamental, buscando respostas para alguns questionamentos, entre eles: de que forma o conceito de paisagem é abordado no livro didático, além de quais concepções de paisagem adotadas pelos professores, para que se dê o processo de construção do conceito de paisagem, e quais estratégias metodologias para alcançar esse intento.

Partindo do pressuposto de que o ambiente escolar tem o compromisso de despertar e desenvolver competências e habilidades nos alunos, para o eficiente desempenho da autonomia e da cidadania plena, busca-se no ambiente de sete escolas, que segundo a Secretaria de estado de Educação, é mantenedora dessas unidades de ensino nos setemunicípios pesquisados.

Busca-se nesses ambientes, a partir do diálogo com professores, coordenadores edemais sujeitos da comunidade escolar respostas para o entendimento de como se constrói e se desenvolve o processo de ressignificação do conhecimento do educando.

Para tanto, ao chegarmos ao final da pesquisa, percebendo que os aspectos que no primeiro momento eram inquietantes, foram respondidos e superados a partir de procedimentos que nos possibilitaram, por exemplo, a partir de entrevistas e análises de livros didáticos, definindo resultados muito satisfatórios.

Nesse processo ficou evidente que os professores possuem uma concepção própria sobre a categoria paisagem, além de proporem estratégias metodológicas que possibilitam ao aluno um despertar para o entendimento e compreensão do espaço geográfico, percebendo-o a partir de estratégias de leitura das paisagens, com ênfase àquelas do seu lugar de vivência.

No entanto, a pesquisa demonstrou que, para o ensino ser significativo, outros aspectos, além da formação continuada do professor, a oferta demais recursos pedagógicos e infraestrutura de material e equipamento adequados, além de livros em quantidade suficiente para todos os alunos. Esses recursos em muito contribuem na aprendizagem e na atuação desse docente de maneira mais eficiente.

É certo que a finalização de uma pesquisa abre as perspectivas para o início de outras. Acredita-se que essa dissertação possibilite a outros pesquisadores subsídios e conhecimentos de experiências, resultantes de práticas de sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades caboclas amazônicas: Modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

ADORNO, C. F. DA C. B.; SANTOS, C. A. DOS; BARREIROS, A. M. A integração do conhecimento geográfico: perspectivas críticas da abordagem geossistêmica. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 34, p. 462-489, 24 dez. 2021.

ADVÍNCULA JÚNIOR, Moisés Gomes. **A paisagem no ensino de geografia: práticas pedagógicas no 6º ano do ensino fundamental II**, município de São Paulo do Potengi/RN. 2018. Dissertação de Mestrado. Brasil.

ALVES, Hortência de Jesus Rodrigues. **Mirando ao celular: aprendizagens de geografias vizinhas**. Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias, p. 2674-2687, 2019.

ALVES, Ida; LEMOS, Masé; NEGREIROS, Carmem. **Estudos de paisagens: literatura, viagens e turismo cultural**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

ALVES, V.E.L. **Trabalho de campo: uma ferramenta do geógrafo**. Geosp. SP: USP, n.2, p.85-89, 1997.

AMADOR, Glenda Cristina Costa; AZEVEDO, Felipe Moreira. Área de ressaca do Lago do Pacoval na cidade de Macapá. **Revista Científica Multidisciplinar do CEAP**, v. 3, n. 2, p. 11-11, 2021.

AMADOR, Maria Betânia; BENINI, Sandra Medina. **A complexidade do “lugar” e do “não lugar” numa abordagem geográfico-ambiental**. Tupã: ANAP, 2016.

Anais do III Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e sociedade do PG Cut; [recurso eletrônico] organizadores Ana caroline Amorim Oliveira, Conceição de Maria Belfort d Carvalho, Larissa Lacerda Nemendez, Luciano Silva façanha, Zilmara de Jesus Viana de Carvalho - São Luiz: EDUFMA, 2020

ARAUJO, Josélia Carvalho; FERNANDES, Maria José Costa; SILVA JÚNIOR, Otoniel Fernandes. **Construções geográficas: Teorizações, vivências e Práticas**. Duque de Caxias: Espaço Científico Projetos editora, 2013.

BARBOSA, Liriane Gonçalves; GONÇALVES, Diogo Laercio. A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens. **Élisée Revista de Geografia da UEG**, v. 3, n. 2, p. 92-110, 2014.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: Geopolítica na virada do século XXI** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em 08 ago. 2018.

BRAGA, MARIA CLEONICE B. O ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental: uma análise dos descompassos entre a formação docente e as orientações das políticas públicas. **Terra Livre**, v. 1, n. 28, p. 129-148, 2007.

BRASIL. Lei 9.394/1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 15 ago. 2018.

BRITO, Daginete Maria Chaves; ROCHA, Gilberto de Miranda. **Anais do XXIV Encontro Nacional de Geografia Agrária: Questão Agrária e praxis Social**, [recurso eletrônico]-Dourados, MS. Universidade federal da Grande Dourados, 2018. Disponível em <<http://anaisenga2018.comunidades.net/>>

CALLAI, H.C.O. estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 83 – 134.

CALLAI, Helena Copetti, **Espaço de poder ou o poder do espaço? Contexto e Educação**, Ijuí: Ed. UNIJUÍ, v. 3, p. 25-32, jul. /set. 1986.

CÂNDIDO, Silvio Eduardo; VALDANHA NETO; Diógenes. **Ação socioambiental na Amazônia: Educação, saúde e produção em comunidades**. São Paulo: Na Raiz, 2020.

CARDOSO, Eduardo Shiavone. Sociedade, natureza e pesca extrativa. **Revista GeoAmazônia**, v. 1, n. 02, p. 92-106, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, **Geografia na Sala de Aula**. 1 ed. Contexto, 1999, p.144.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (orgs.). **A necessidade da geografia**. São Paulo: Contexto, 2019.

CARMO, Eraldo de Souza. **Entre maresias e correntezas: as rotas de alunos ribeirinhos na Amazônia**. Curitiba: Appris, 2020.

CARVALHO SOBRINHO, H.; SUESS, R. C.; ALMEIDA, S. A. Ensino e aprendizagem através do mundo vivido. **Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino**, p. 1-6, 2013.

CARVALHO, Bianca Moro. **Habitação Popular na Amazônia: O caso das ressacas na cidade de Macapá**. Curitiba: Appris, 2020.

CARVALHO, Bianca Moro; CARVALHO JUNIOR, João Dias. **Objetivos do desenvolvimento sustentável em tempos de pandemia: desejamos um mundo melhor para 2030**. Curitiba: Appris, 2020. 249p.

CASSAB, Clarice. Geografia científica e Geografia escolar: O diálogo necessário. ENCONTRO DE GEOÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. **Anais...**, Montevidéo, Uruguai: EGAL, p. 1-15, 2009.

CAVALCANTE, Madalena de Aguiar; HERRERA, José Antônio. **Hidrelétricas na Amazônia: Interpretação geográfica sobre as usinas no madeira e no Xingu**. 1. ed. Belém: GAPTA/UFPA, 2017.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e escola e produção de conhecimentos**, papirus.1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e construção de conhecimentos**. Papirus editora, 2016.

CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza. **Cartografia de paisagens: fundamentos**. - 2 ed. São Paulo: Oficina de letras, 2018

CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza; BRITO, Juliana Marques de Sena Rodrigues. Cartografia de paisagens para o ensino de geografia: prática de campo no sertão de Pernambuco. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 23, p. 23, 2019.

CHAGAS, Antonio; RABELO, Benedito Vítor. Uma contribuição ao conhecimento da história de criação das Unidades de Conservação do Amapá - Amazônia brasileira, 2015, p. 3 - **Sustentabilidade em Debate**. Brasília, v. 6, n. 2, p. 211-227, mai/ago 2015

CHAGAS, Marco Antonio Augusto; FILOCREÃO, Antonio Sérgio Monteiro; RABELO, Benedito Vítor; FERNANDES, Aristóteles Viana. A articulação entre o complexo verde de Ab'Saber e o complexo urbano de Becker como desafio do desenvolvimento regional: Amapá como um caso amazônico. **RBPG**, Brasília, v.13, n.32, p. 829 - 860, set./dez. 2016.

CLAVAL, Paul. **A paisagem dos geógrafos**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. Geografia cultural: apresentado uma antologia. In: CORRÊA **Geografia cultural uma antologia**, v. 1, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSGROVE, Denis. Artigo: **A paisagem e as Imagens**. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528/2454>>. Acesso em 15 mai. 2021.

COSTA NETO, Salustiano Vilar; SENNA, Cristina do Socorro Fernandes; COUTINHO, Regiane do Souza. **Vegetação das áreas sucuriju e região dos Lagos**, no Amapá. 2006.

CRISTOFOLETTI, Antonio. **Modelagem de sistemas ambientais**. IGCE, UNESP-BUCHER, 2015

CRUZ, Dayana Aparecida Marques de Oliveira. **Geopolítica e Integração Regional na América Latina**. Foz do Iguaçu, CLAEC e-book, 2021.

DA SILVA, Nelci Soares; DO CARMO, Judite de Azevedo; DE FÁTIMA ARAÚJO, Kárita. A abordagem da categoria paisagem proposta pela nova base nacional comum curricular (BNCC) para a geografia no 6º ano do Ensino Fundamental. **Revista Equador**, v. 10, n. 2, p. 109-130, 2021.

DE ALMEIDA AMORIM, João Paulo; SANTOS, Romário Valente. A centralidade urbana sub-regional do aglomerado urbano Macapá-Santana na Amazônia Setentrional Amapaense. **Caderno de Geografia**, v. 27, n. 49, p. 210-226, 2017.

DE BRITTO, Monique Cristine; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 1, n. 2, 2011.

DE FARIA, DANIELA RESENDE. **A paisagem como tema de estudo na 5ª série do ensino fundamental**. 2007. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências.

DE MORAES, Jerusa Vilhena; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018.

DIAS, Leonice Siolin; GUIMARÃES, Raul Borges. **Conceitos, metodologias e práticas**. Tupã: ANAP, 2016.

DOS REIS, Cauane Beatriz Wust et al. De onde eu vejo: processos de ensino-aprendizagem na construção do conceito de paisagem. **Revista Acadêmica Licencia & acturas**, v. 7, n. 1, p. 56-71, 2019.

DRUMMOND, José Augusto; PEREIRA, Mariângela de Araújo Póvoas. **O Amapá nos tempos do Manganês: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico 1943-2000**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

EMÍDIO, Tereza Maria; COIMBRA, José de Ávila Aguiar. **Meio ambiente e Paisagem**. SENAC, 176 p.

ENRÍQUEZ, Gonzalo Enrique Vásquez. **Desafios da sustentabilidade da Amazônia: biodiversidade, cadeias produtivas e comunidades extrativistas integradas**. Doutorado. Brasília: Centro de Desenvolvimento Sustentável, UnB, 2008.

FIGUEIRÓ, Adriano S. **Biogeografia: Dinâmicas e transformações da natureza**. São Paulo: Oficina de Texto, 2015.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto: **Cultura Cabocla – Ribeirinha - mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995;

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada Vida**. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FREITAS, Marcillio (org.). **Amazônia: a natureza dos problemas e os problemas da natureza**. Manaus: EDUA, 2005. v.1

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA  
DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS. Projeto Levantamento e Classificação do Uso da Terra

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

- Gil, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**.- 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- INTRODUÇÃO A PESQUISA QUALITATIVA [recurso eletrônico], Uwe flick,.; tradução Joice Elias Costa.- 3ª ed. – Dados eletrônicos. - Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**.- 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- LOURENÇO, Luciano. **Multidisciplinaridade na análise das manifestações de risco**. Imprensa Universidade de Coimbra - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção de segurança, 2017.
- MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, p. 159-177, 2011.
- MARAFON, Glaúcio José (et al.). **Pesquisa qualitativa em geografia: Reflexões teórico-conceituais e aplicada**. Rio de Janeiro: EDUERJ – 2013.
- MARASCA. **Os desafios da geografia no 6º ano do ensino fundamental, Marasca, Maristela/URI**: Disponível em:  
<<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/1575>>. Acesso em 22 mar. 2019.
- MARTINS, Fernanda Pereira; PEDROSO, Leonardo Batista; COSTA, Rildo Aparecido. **Geografia em foco: Teorias e práticas**. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021.
- MARTINS, Tadeu Jussani; ZACHARIAS, Andréa Aparecida. A representação das paisagens no Ensino Fundamental no Brasil por meio do uso de recursos gráficos interativos. **Revista Ciência Geográfica**, v. 26, n. 3, p. 1252-1268, 2022.
- MARVILA, Rozana. **A percepção do espaço escolar a partir da vivência de alunos do 6º ano do ensino fundamental do município de Presidente Kennedy/ES**. 2020.
- MATTHEWS, Jonh A; HERBERT, David T. **Geografia: uma brevíssima introdução por Rachel Meneguello**. - São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MAXIMIANO, L.A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R.RA'E GA. Curitiba, UFPR, n.8, p.83-91, 2004.
- MONTEIRO, Márcio Moreira; NETO, Germano Guarim. Um estudo sobre a importância dos aningaís na comunidade de São Miguel do Flexal, Pracuúba, Amapá: saberes e narrativas dos

moradores locais. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 9, 2017.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim; CARVALHO, Conceição de Maria Belfort; MENENDES, Larissa Lacerda; FAÇANHA, Luciano da Silva; CARVALHO, Zillmara de Jesus Vianna. **Anais do III Simpósio Internacional em Cultura e Sociedade do PGcult – IIISICS**. São Luiz: EDUFMA, 2020. 2270p.

PEREIRA, Diamantino. Geografia Escolar: conteúdos e/ou objetivos?. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 27, p. 139-152, 2005.

PICHITELI, Milaine Aparecida. A compreensão do conceito de paisagem dos alunos do 6º ano–fundamental II: um estudo na abordagem piagetiana. **Revista Contexto & Educação**, v. 32, n. 103, p. 120-145, 2017.

PLANO DE PREVENÇÃO E CONTROLE. DESMATAMENTO E QUEIMADAS DO ESTADO DO AMAPÁ-PPCDAP.2009

PORTO, Jadson LR et al. **Macapá e Santana (AP):** interações espaciais de duas cidades médias na fronteira setentrional amazônica. Trabalho apresentado no XII Encuentro de Geógrafos da América Latina. Montevideu (Uruguai), 2009.

PUNTEL, G. (2007). **A paisagem no ensino da geografia**. *Ágora*, 13(1), 283-298. Disponível em <<https://doi.org/10.17058/agora.v13i1.130>>. Acesso em 20 ago. 2020.

RAMOS, João Daniel Dorneles; GARCES, Daniela. **Natureza do Espaço e o Desenvolvimento**, Porto alegre. Ed. UFRGS,2017.

REGO, Nelson, CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007, 148p.

REGO, T.C. Vygotsky: **Uma perspectiva histórico cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Relatório Técnico. Uso da Terra no Estado do Amapá, 2004.

Reservas extrativistas, Julio Ruiz Murrieta & Rafael Pinzón Rueda - UICN - Programa para conservação de Florestas, CNPT, 1995

RODRIGUES, Marcus Roberto Cascaes; SILVA JUNIOR, Orleno Marques. Panorama Geral Da Zona Costeira Do Estado Do Amapá. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 14, n. 03, p. 1664-1674, 2021.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente; CAVALCANTI, Agostinho de Paula Brito. **Geoecologia das paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. 6. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

SANTOS, Cássio Rogério Graças; DE SENNA, CRISTINA DO SOCORRO FERNANDES. ANÁLISE DA PAISAGEM A PARTIR DAS PRÁTICAS SÓCIO-CULTURAIS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS LITORÂNEAS EM QUATIPURU-PARÁ. 2015. A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO DE 9 A 12 DE OUTUBRO /Encontro Nacional da ANPEGE

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. - 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, OLS; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. A leitura de paisagem no ensino de Geografia do 6º ano escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 18, n. 1, 2014.

SANTOS, Romário Valente et al. **(Re)estruturação e formação do aglomerado urbano de Macapá e Santana na Amazônia Setentrional Amapaense**. 2016.

SANTOS, Vanice dos Santos; CANDELERO, Rosana J. **Trabalhos acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: RS: AGE, 2006

SAUER, O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). Paisagem tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SILVA, F.K.R. **Geografia e ensino: um olhar humanista**. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/330233830 GEOGRAFIA E ENSINO um olhar humanista](https://www.researchgate.net/publication/330233830_GEOGRAFIA_E_ENSINO_um_olhar_humanista) . Acesso em: 15 de maio de 2021.

SILVA, José Borzachiello; LIMA, Luiz Cruz; DENIZE, Elias. **Panorama da geografia Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006.

SILVA, Luis Mauricio Abdon; DIAS, Marcos Tavares. **A Pesca Artesanal no Estado do Amapá: estado atual e desafios**. Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Norte

SOARES, Liliane Rodrigues et al. **Conflitos territoriais e identidade quilombola da comunidade do Ambé no Amapá**. 2019.

SOUZA, Djacyr. **Dar uma boa aula de geografia: experiências, reflexões e Ações de Uma Prática**. Clube de Autores, 2018, 133 p.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. Annablume, 2004.

TACHIZAWA, Takeshy; POZO, Hamilton. Gestão socioambiental e desenvolvimento sustentável: um indicador para avaliar a sustentabilidade empresarial. **REDE-Revista Eletrônica Do PRODEMA**, v. 1, n. 1, 2008.

TORRES, Fellipe Tamiozzo Pereira; DAGNINO, Ricardo de Sampaio; OLIVEIRA JR, Antonio. **Contribuições geográficas**. Ubá: Ed. Geographica.

TOSTES, José Alberto; DIAS, Simone Ferreira. As fragilidades urbanas e ambientais de áreas de ressaca na Amazônia. **Anais de IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Porto Alegre: PROPAP/UFRRG, 2016.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

#### **Entrevista dirigida aos professores de Geografia das escolas públicas estaduais do Amapá – AP**

Objeto de Estudo: Paisagem.

Esquema básico de entrevistas dirigidas aos professores de Geografia das escolas públicas estaduais do Amapá – AP.

Nome \_\_\_\_\_

Ano de formação \_\_\_\_\_

Ano de conclusão do curso \_\_\_\_\_

Formação de pós-graduação \_\_\_\_\_

Carga horária semanal \_\_\_\_\_

#### **Referente ao livro didático:**

1. O livro didático contempla o conceito de paisagem?
2. Qual a definição de paisagem que está presente no livro didático que você utiliza?
3. Qual o referencial proposto no livro didático em relação ao conceito de paisagem?
4. Você considera adequada a forma como o autor do livro didático trata o conceito de paisagem?
5. Há propostas de trabalhos práticos para auxiliar o professor e o aluno na construção do conceito de paisagem?
6. Será que os alunos compreendem a concepção de paisagem do livro didático?
7. Quem escolheu o livro didático que você utiliza? A instituição ou o professor?
8. O conceito de paisagem do livro didático, que você utiliza está dirigido para o 6º ano do Ensino Fundamental II?

#### **Referente ao método adotado pelo professor:**

1. De que forma você trabalha o conceito de paisagem em sala de aula?
2. Qual a sua concepção do conceito de paisagem?

3. De que forma acredita ser possível construir a noção de paisagem com os alunos do 6º ano do ensino fundamental II?
4. Quais as dificuldades de elaborar e aplicar o conceito de paisagem?
5. Há propostas de trabalhos para que o aluno construa o conceito de paisagem?

**Sobre o conceito de paisagem:**

1. Qual a importância da paisagem no ensino de Geografia no 6º ano do ensino fundamental?
2. O senhor (a) busca alguma referência teórica para lecionar a categoria paisagem?
3. Como o senhor (a) avalia a maneira que os livros didáticos trazem a categoria paisagem?
4. O senhor (a) utiliza quais procedimentos para lecionar o conteúdo paisagem no 6º ano?
5. Ao lecionar o conteúdo paisagem o senhor (a) a relaciona com as paisagens locais, de seu município?
6. Quais as dificuldades em lecionar Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental?